

PEREGRINAÇÕES

QUADROS INSPIRADOS EM
• PEREGRINAÇÃO •
DE FERNÃO MENDES PINTO

ADAPTADOS E REESCRITOS
POR JOÃO MARIA ANDRÉ

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-VELHO

(Página deixada propositadamente em branco)

PEREGRINAÇÕES

QUADROS INSPIRADOS EM
• PEREGRINAÇÃO •
DE FERNÃO MENDES PINTO

ADAPTADOS E REESCRITOS
POR JOÃO MARIA ANDRÉ

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-VELHO

COIMBRA • 2010

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensa@uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

INFOGRAFIA

Carlos Costa

Imprensa da Universidade de Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA

Sersilito - Maia

ISBN

978-989-26-0071-0

DEPÓSITO LEGAL

314713/10

© Junho 2010

**Imprensa da Universidade de Coimbra
Câmara Municipal de Montemor-o-velho**

SUMÁRIO

Prefácio	5
I Quadro	11
II Quadro	29
III Quadro	55
IV Quadro	89
V Quadro	111
VI Quadro	139
VII Quadro	197
VIII Quadro	227

NOTA SOBRE A PRESENTE EDIÇÃO

Nesta edição do texto seguiu-se a ordem dos quadros na sua adaptação a Montemor-o-Velho (que não corresponde inteiramente à respectiva ordem no livro de Fernão Mendes Pinto). Trocou-se apenas o quadro VI com o quadro VII para deixar no final os dois quadros que, mais do que inspirados no livro, são criação do autor.

PREFÁCIO

Mais do que falar de “**Peregrinações**” como texto dramático que serve de base à criação do espectáculo que estreia em 8 de Julho de 2010, no âmbito das comemorações do **V Centenário do Nascimento de Fernão Mendes Pinto**, considero relevante referir a sua génese e explicar o projecto em que o mesmo se integra.

1. PROJECTO

O projecto resultou de um convite formulado pelo Dr. Luís Leal, Presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, e a sua primeira versão foi entregue em 12 de Setembro de 2007. Para além da realização duma produção teatral com os grupos de teatro do concelho e da região, englobava também acções de formação e de colóquios. As acções de formação começaram em Julho 2009 e os colóquios com

a designação geral de “**Que o Mar fosse Tinta e o Céu Papel**” têm-se realizado mensalmente desde Janeiro de 2010 e serão num total de seis.

O espectáculo criado a partir da obra “**Peregrinação**” de Fernão Mendes Pinto, numa adaptação livre, percorre diferentes espaços da terra onde nasceu. Nesta viagem pelos diferentes espaços da vila de Montemor-o-Velho serão recriados oito momentos baseados na sua obra, cruzando histórias e figuras.

Os pressupostos em que assenta a concepção do espectáculo são:

O ritual que percorre a vila durante a Procissão dos Passos e que tem uma forte implantação local e no concelho. Realiza-se durante a Quaresma e recria a caminhada de Jesus Cristo para o Calvário, com as suas XIV Estações, dispersas pela vila e onde a Verónica canta em sete.

O espectáculo fará um percurso pelo chamado centro histórico de Montemor-o-Velho e em cada um dos oito espaços escolhidos dar-se-á a representação de um quadro criado a partir do texto de Fernão Mendes Pinto.

Com esta produção procura-se estabelecer uma interligação com o meio, consagrada na participação de grupos de teatro e outras colectividades do concelho e até mesmo da região.

O projecto é uma produção de O Teatrão e da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, com o apoio da Direcção Regional da Cultura do Centro.

2. PERCURSOS E ESPAÇOS CÉNICOS

O percurso do espectáculo foi estudado e estabelecido tendo em conta uma série de condicionantes, como os trajectos a efectuar, as potencialidades dos espaços a utilizar e a duração total do evento. Escolhidos os espaços para cada um dos oito quadros, de acordo com a estrutura do texto dramático previamente definida, houve que ajustar a duração do espectáculo.

Ponderadas as várias hipóteses, optou-se por criar um trajecto comum para o primeiro e segundo quadros, no fim do qual as pessoas serão induzidas a seguir um de dois trajectos possíveis. Na primeira alternativa seguirão o *trajecto da guerra* para assistir ao terceiro e quarto quadros,

na outra alternativa seguem o *trajecto religioso* e assistem ao quinto e sexto quadros. O percurso volta a ser comum para o sétimo e oitavo quadros. A sequência não será exactamente cronológica mas ajustada aos percursos e espaços.

3. ESTRUTURA DO TEXTO DRAMÁTICO

Sempre se pretendeu que o texto dos oito quadros, embora partindo do que é narrado na “**Peregrinação**” de Fernão Mendes Pinto, fosse uma adaptação dramática livre do mesmo com muito espaço à imaginação, recreando num tom de festa e de farsa as diferentes facetas da personalidade de FMP.

A ligação entre cada quadro será assegurada por pequenos apontamentos dramáticos, alegorias e cantigas que pontuarão o trajecto com o objectivo de realçar um pormenor do quadro anterior que se projecta no que se segue.

Estabelecida a estrutura e os objectivos para cada um dos quadros, além dos capítulos da obra que eventualmente melhor suporte poderiam dar

à sua escrita foi lançado o desafio ao João Maria André.

A grande preocupação desde o início foi que houvesse uma adequação entre o texto dramático e o espaço previsto para a sua representação, foi o texto que se teve que adaptar ao espaço e não este àquele. Uma premissa que não será habitual mas que neste projecto era inevitável.

Sinceramente creio que o texto dramático consegue ultrapassar bem todas as condicionantes impostas ao autor, mantendo o “eu” autobiográfico de Fernão Mendes Pinto sempre presente e em deambulação. Os perigos e trabalhos da sua peregrinação por terras da Índia, China e Sião, com António de Faria ou na Companhia de Jesus, bem como as guerras por mares e terras, a chegada ao Japão, a miragem da fortuna e o salve-se quem puder estão bem recriados. E no regresso a Portugal a amargura pelo não reconhecimento dos méritos da sua peregrinação pelo Oriente, com o recurso ao confronto com Camões, numa liberdade criativa do autor, ressalta bem nas duas visões alternativas que ambos transmitem da mesma realidade, a face

e o reverso da mesma moeda que são os descobrimentos dos portugueses.

Tem ainda a particularidade de cada quadro poder ser utilizado separadamente para uma abordagem à vida e obra de Fernão Mendes Pinto, nomeadamente no âmbito escolar.

Para terminar direi apenas que por este texto já valeu a pena todos os trabalhos em que nos envolvemos durante quase três anos.

Deolindo L. Pessoa

I QUADRO

*(Largo de feira, com muita gente. A um canto
ouve-se um cego, com uma concertina
a vender folhetos a cavalo num barbante
e a cantar as respectivas histórias.)*

(Página deixada propositadamente em branco)

As trovas que vou cantar
narram a triste ventura
de quem por terra e por mar
conheceu vida bem dura.

Deixou a casa paterna
na Vila de Montemor
e em Lisboa deu à perna
fugindo dum mal maior.

Começou seu cativoiro
mesmo em mar português
sendo feito prisioneiro
por um corsário francês.

Embarcou pró Oriente
à procura de riqueza
encontrou tão crua gente
que mais o pôs na pobreza.

Treze vezes foi cativo
muitas mais foi torturado
Foi dezassete vendido,
pelo Grão Turco pisado.

Ele viu tantos horrores,
viu também maldade tanta
que no meio dos seus furores
até o diabo se espanta.

E quis Deus que regressasse
à terra donde partiu,
para que em trovas contasse
tudo o que viu e não viu...

*(Entretanto começam a ver-se três pares
de crianças/jovens a saltar ao eixo. Devem
representar idades de oito, dez, doze, catorze,
dezasseis, dezoito anos. Cada um é um Fernão
Mendes Pinto e diz uma frase antes de saltar.)*

Fernão 1 – Quando às vezes ponho diante dos
olhos (*salta*)

Fernão 2 – os muitos e grandes trabalhos e
infortúnios que por mim passaram (*salta*)

Fernão 3 – começados no princípio da minha
primeira idade (*salta*)

Fernão 4 – e continuados pela maior parte e
melhor tempo da minha vida (*salta*)

Fernão 5 – acho que com muita razão me posso queixar da ventura (*salta*)

Fernão 6 – que parece que tomou por particular tenção e empresa sua perseguir-me e maltratar-me (*salta*).

(À medida que os pares vão terminando o salto, misturam-se com os populares. Fernão 1, Fernão 2, Fernão 3 e Fernão 4 roubam bolsas da cinta de alguns populares, peças de fruta das cestas, um gorro de um transeunte, levantam as saias de uma mulher, e começam a ouvir-se gritos.)

Voz – Agarra, agarra que é ladrão!

Voz – Vadio, sem vergonha!

Voz – Ah, marrano maldito!

Voz – Vai roubar o perro do teu pai!

Voz – Volta aqui, seu ladrão!

Voz – Agarra o sem vergonha!

Voz – Se te apanho, vais ver como elas pesam!

(O Fernão 5 e o Fernão 6 dão duas piruetas para o centro da cena e começam a contar

| *a história, antecipando-se, em jogo de
commèdia dell'arte, um ao outro.)*

Fernão 5 – Fernão Mendes Pinto é a minha graça

Fernão 6 – A minha graça é Fernão Mendes Pinto.

Fernão 5 – Nasci em Montemor-o-Velho no ano
de 1509...

Fernão 6 – 1509? Em 1511 foi a ano em que
nasci em Montemor-o-Velho

Fernão 5 (*para o público*) – Mas já que Vossas
Senhorias estão em 2010

Fernão 6 (*para o público*) – E precisam de um
centenário...

Os dois – Nasci em 1510, faz agora precisamente
500 anos...

Fernão 5 – Até aos doze anos vivi na miséria
em casa de meu pai, aqui em Montemor, quando
um dia, um tio meu, que me desejava melhor
fortuna, me disse.

Fernão 6/Tio – Vais para Lisboa a ver se endi-
reitas a vida, pois aqui não te safas.

Fernão 5 –Tinha então morrido el-rei D. Manuel,
de gloriosa memória...

Fernão 6/Tio – Vais trabalhar para casa de gente ilustre e bons haveres...

Fernão 5 – E fui. Mas logo me sucedeu um caso em tal serviço que para safar a pele tive de fugir. Quer dizer: fui ter ao cais da pedra e embarquei numa caravela que ia para Setúbal. Estávamos nós em frente de Sesimbra quando fomos abalroados por um corsário francês.

(Surgem marinheiros piratas na muralha do castelo, deixando cair escadas de corda, simulando um abalroamento: há luta na muralha, os Fernão (portugueses), resistem, alguns caem, Fernão 5 fica preso e atado de pés e mãos.)

Fernão 5 – E agora, para onde nos levais, senhores?

Capitão Francês – Para Larache!

Fernão 5 – Para Larache, Senhor?

Capitão Francês – Para Larache, sim, onde vos vamos vender aos mouros, mais este carregamento de armas e esta mercadoria que há-de valer bem mais de seis mil cruzados.

Fernão 5 – Tende piedade, senhor, que ninguém há-de dar por este pobre de mim mais do que dez cruzados...

Capitão Francês (*fazendo estalar o chicote sobre Fernão 5*) – Tanto pior para ti! Quanto menos valeres, mais açoites te caberão por conta.

Marinheiro Francês (*gritando da amurada*) – Outro barco à vista, senhor...

Capitão – De pelejar, de pesca ou de comércio?

Marinheiro Francês – Formosa nau me parece e grande carregamento terá...

Capitão Francês – Vamos a eles, que a carga será nossa. Ao ataque!

Marinheiro Francês – Ao ataque!

(Ouvem-se disparos de artilharia. Há homens que lutam na muralha que serve de amurada de um barco. Há outros que caem. É preso o comandante da nau.)

Voz (*do lado de fora, como se fosse da outra nau*) – Açúcar, senhor, açúcar e escravaria!

Capitão Francês –

Açúcar e escravos?

Boa carga, boa carga a vossa.

(Para o capitão)

E de onde é a vinda?

Comandante Português – De S. Tomé.

Capitão Francês – A mando de quem?

Comandante Português – De Silvestre Godinho, mercador de Vila do Conde.

Capitão Francês – E sabeis quanto vale a mercadoria?

Comandante Português – Valerá mais de quarenta mil cruzados, senhor.

Capitão Francês – Quarenta mil cruzados? Com tão boa mercadoria já não carecemos do comércio com os Mouros. Vamos rumar para França onde faremos melhor negócio...

Marinheiro Francês – E que fazemos com os ocupantes?

Capitão Francês – Os mortos de nada nos servem: deitai-os aos peixes que assim vão ter refeição melhorada. Os que forem mais sãos e mais fortes irão connosco para serviço de manobra da nau que tomámos.

Marinheiro Francês – E estes (*apontando para Fernão Mendes*) que não parecem ser de grande préstimo nos trabalhos que nos esperam?

Capitão Francês – Lançai-os em terra, nus e descalços, mas não sem antes lhes dar uma boa quantidade de açoites que lhes tirem a vontade de voltarem a entrar pelo mar dentro...

(Desaparecem os franceses pela muralha/ amurada, ficando Fernão Mendes estendido no solo, como se fosse abandonado na praia)

Fernão 5 – E foi assim que o pobre de mim se viu de novo em terra, na praia de Melides, onde D. Brites, filha do Conde de Vilanova, nos recolheu e nos proveu de tudo o que necessitávamos para fazermos face às mazelas do corpo, que as da alma eram mais difíceis de socorrer.

Fernão 6 – Tive a sorte de lançar mão de mim um fidalgo do mestre de Santiago, de nome Francisco de Faria, que servi durante quatro anos.

Fernão 5 – Faria é apelido que se cruzou comigo muitas vezes ao longo da vida e parte delas melhor “faria” que não se tivesse cruzado...

Fernão 6 – Foi em sua casa que aprendi o que um moço de Câmara deve saber: cortesia e boas maneiras...

Fernão 5 – Mas também manejo de armas

| *(Fernão 5 e Fernão 6 podem simular uma lição de manejo de armas enquanto falam.)*

Fernão 6 – Porque em casa de gente nobre há que fazer as medidas quando é devido

Fernão 5 – Tratar as damas com cortesia

Fernão 6 – Não cobiçar a mulher do próximo

Fernão 5 – Usar de discrição quanto convém

Fernão 6 – Para não pôr em praça pública a vida de teu senhor...

Fernão 5 – Mas há também que saber usar a espada

Fernão 6 – Para cobrir as costas de meu amo

Fernão 5 – E safar a tua pele

Fernão 6 – Quando as coisas se complicam...

| *(Pausa)*

Fernão 5 – Só há um pequeno problema

Fernão 6 – Que não é tão pequeno quanto isso...

(Depois de mais alguns golpes sentam-se e conversam. Ao fundo começa a formar-se uma corrente de homens que vão carregando sacos para a muralha, como se carregassem uma nau.)

Fernão 5 – Aquilo que recebes como paga dos teus serviços

Fernão 6 – Nem sequer dá para minha sustentação

Fernão 5 – Quanto mais para ameahares no presente

Fernão 6 – O que me há-de servir no futuro.

Fernão 5 – Tens de dar outro rumo à vida, Fernão.

Fernão 6 – Mas que rumo? Vim de Montemor para Lisboa e a coisa deu para o torto...

Fernão 5 – Pensa mais alto, pensa mais longe...

Fernão 6 – Embarquei-me mesmo aqui junto à costa e quem ganhou não fui eu mas uns piratas franceses, que me iam tirando a pele...

Fernão 5 – Mais alto e mais longe, Fernão...

Fernão 6 – Nesta casa em que sirvo, é o que se vê: sou bem tratado, mas...

Fernão 5 – Já pensaste em te partires deste reino a caminho da Índia?

Fernão 6 – Há muitos que ficam pelo caminho...

Fernão 5 – Sim, mas bem arrimado, numa boa armada, boas naus de comércio, mas preparadas para o combate...

Fernão 6 – E não serão muito longos e dobrados os trabalhos para pouca recompensa?

Fernão 5 – Qual quê... Há os que partiram e passados nem dois anos estão de regresso com fazenda e fortuna tal que, sendo antes aqui servos, vêm tornados senhores.

Fernão 6 – E poderia recuperar a minha casa de Montemor?

Fernão 5 – Casa e outras mercês se a vida te correr de feição...

Fernão 6 – E eu, que agora sou moço de câmara, teria moços de câmara só meus...

Fernão 5 – Muito ouro há por lá... Podes tornar-te rico em pouco tempo...

Fernão 6 – Quem sabe se algum título...

Fernão 5 – Há os que os ganham pelos serviços prestados em nome de Sua Alteza...

Fernão 6 – Casar com alguma donzela formosa...

Fernão 5 – Para já não falar nas coisas novas que verás...

Fernão 6 – Coisas novas?!

Fernão 5 – Animais e monstros que são coisa de espantar...

Fernão 6 – Perigosos?

Fernão 5 – Plantas de cores nunca vistas...

Fernão 6 – Venenosas?!

Fernão 5 – Que fazem drogas maravilhosas...

Fernão 6 – Com sonhos que não querem parar...

Fernão 5 – Templos estranhos, túmulos, estátuas e pagodes, mais altos que as nossas igrejas...

Fernão 6 – Costumes bem contrários aos de gente cristã.

Fernão 5 – Tudo isso é mundo. É a roda dos tempos...

Fernão 6 – A roda dos tempos e a rosa dos ventos. Mas... E se os ventos forem contrários?

Fernão 5 – Aprende a encostar-te a quem detém o poder e eles correrão de feição...

Fernão 6 – Não sei... Parece que há por lá pretos que se alimentam do nosso sangue...

Fernão 5 – Alimenta-te tu do sangue deles...

Fernão 6 – Há mouros que nos compram e vendem como escravos...

Fernão 5 – Como escravos os tratarás...

Fernão 6 – Dizem que cortam às postas os cristãos...

Fernão 5 – Com a pólvora que tiveres, em pedaços mais pequenos os farás....

Fernão 6 – Não sei, não sei...

(Fernão 5 fecha os olhos, sonhando com as aventuras e desventuras que passará por terras de oriente. Fernão 6 desaparece. Quando Fernão 5 abre os olhos vê só o carregamento das naus. Aproxima-se.)

Fernão 5 – Oh de lá! Como se chama esta nau?

Marinheiro 1 – Esta é a Nau Rainha.

Fernão 5 – E quem é o seu capitão?

Marinheiro 1 – D. Pedro da Silva, a quem chamam o Galo, filho de D. Vasco da Gama, que nos abriu o caminho para as terras de Oriente...

Fernão 5 – E para onde é a partida?

Marinheiro 1 – Para a ilha de Moçambique, de onde depois seguirá para a Índia.

Fernão 5 – E de que outras naus se faz acompanhar?

Marinheiro 2 – S. Roque de D. Fernando de Lima!

Marinheiro 3 – Santa Bárbara de que é capitão Jorge de Lima!

Marinheiro 4 – Flor do Mar, de Lopo Vaz Vogado!

Marinheiro 5 – Nau Galega, de Pêro Lopes de Sousa e Martim de Freitas!

Fernão 5 – E aceitam homens para o serviço de mareação?

Marinheiro 1 – Assim tu aceites embarcar-te nesta aventura...

(Incorporam-se na corrente de homens que carregam a nau.

Incorporando-se vão também os outros

Fernão que foram entrando nesta primeira

cena. Todos juntos entoam a canção

da partida, cujas estrofes podem

ser cantadas por cada um deles.)

Já é tempo de partir,
é tempo de navegar...
Entrar por dentro do mar,
novos mundos descobrir...
Já é tempo de partir,
é tempo de navegar...

A vida que temos é uma viagem
por dentro do mundo por dentro dos tempos
na rosa do mundo, na rosa dos ventos
sem cais de descanso, sem porto ou paragem...

Já é tempo de partir,
é tempo de navegar...
Entrar por dentro do mar,
novos mundos descobrir...
Já é tempo de partir,
é tempo de navegar...

Que venham os mouros, os índios, os batas
que venham os negros, os turcos, os chinos
com armas, trapaças e truques malinos
embustes e saques, traições de piratas...

Já é tempo de partir,
é tempo de navegar...

Entrar por dentro do mar,
novos mundos descobrir...

Já é tempo de partir,
é tempo de navegar...

Com a fé, com a cruz e as armas na mão
Em nome do Rei e de Nosso Senhor
Faremos do mundo um mundo maior
Pra nosso proveito, louvor, salvação...

Já é tempo de partir,
é tempo de navegar...

Entrar por dentro do mar,
novos mundos descobrir...

Já é tempo de partir,
é tempo de navegar...

II QUADRO

(Página deixada propositadamente em branco)

Capitão – E aqui vamos nós, Fernão Mendes, a caminho de Arquico, que dizem ser a terra do Preste João

Fernão – Terra do Preste João? Então lá encontraremos toda a riqueza de que temos precisão?

Capitão – Tanto confiais na fortuna?!

Fernão – Dizem-se coisas...

Capitão – Muito se diz quando pouco se sabe...

Fernão – Então não sabeis que Sua Alteza, nosso anterior Rei e segundo de nome João na Casa de Aviz, enviou Pêro da Covilhã e Afonso de Paiva em demanda desse grande Rei Cristão Oriental?

Capitão – E que provas havia da sua existência?

Fernão – Fala-se numa carta que o próprio Preste João escreveu, dando conta do seu império.

Capitão – Império?

Fernão – Império sim. Nela dizia que começava na Índia posterior, na qual repousa o corpo do apóstolo S. Tomé, que se estendia pelo deserto em direcção ao berço do sol e que descia até à deserta Babilónia, contígua à Torre de Babel.

Capitão – E que mais dizia essa carta?

Fernão – Que tal terra abunda em leite e nela es-
corre o mel. E que tem uma fonte que cura todas
as doenças e dá a eterna juventude... E que não
lavram nem semeiam e têm comida para todos...

Capitão – Boa terra seria essa, se fosse verda-
deira, bem distinta das que temos encontrado.

Fernão – E mais dizia que não há i pobres nem
ladrões e que todos os homens nadam
em riquezas... Essas mesmas riquezas
que nós agora cobiçamos.

Capitão – Fiais-vos demasiado nas lendas,
Fernão Mendes. Consta por aí que o Padre
Francisco Álvares foi lá encontrar Pêro da
Covilhã e que a realidade era bem mais amarga...

*(Começa a aproximar-se um grupo de
nativos, dançando e fazendo grande festa,
encabeçados por Vasco Martins de Seixas)*

Vasco Martins – Sois então portugueses?

Capitão – De gema...

Vasco Martins – E quem vos envia?

Capitão – António da Silveira, com uma carta
para Henrique Barbosa.

Vasco Martins – Ele próprio me deixou aqui para vos dar novas da armada do Grão Turco.

Capitão – E porque não está ele aqui a receber-nos?

Vasco Martins – Está na Fortaleza de Gileytor onde faz guarda à princesa de Tigremahon, mãe do Preste João. E pede que vos diga que muito importa ao Serviço de Deus e de El-rei que aí vos encontreis com ela.

Fernão – E a nós muito nos importa encontrá-la e ver com os próprios olhos o reino do Preste João.

Vasco Martins – Entretanto pernoitaremos além, no Mosteiro de São Miguel, onde o Prior e os Sacerdotes que lá vivem nos acolherão bem e com muita festa...

*(Retiram-se ao som de batuques
e danças dos nativos)*

(No outro lado da cena, entramos em terras chinesas. Fernão Mendes e mais três companheiros estão a ser açoitados cruelmente e são depois acorrentados com paus sobre os ombros e mãos atadas atrás da cabeça, em tudo mostrando grande fraqueza e miséria.

*Estão juntos com outros presos chineses.
Aproximam-se dois homens vestidos com
umas vestiduras de cetim roxo muito
compridas e umas varas brancas nas mãos
à maneira de ceptros, e os presos chineses
fazem uma grande gritaria dizendo)*

Chins – Picau hinacur macuto chendoo! Picau hinacur macuto chendoo! Venham com Deus os ministros de suas obras!

Ministros Chins – E a vós todos dê Deus paciência em vossos trabalhos e adversidades...

*(Depois de distribuírem dinheiro e roupas aos
mais necessitados, acercam-se do grupo dos
portugueses)*

Ministro Chim 1 – E vós quem sois?

Fernão Mendes – Somos estrangeiros, naturais do reino de Sião!

Ministro Chim 2 – E como viestes aqui parar?

Fernão Mendes – Vínhamos com nossas fazendas para o porto de Liampó, apanhámos grande tormenta no mar e perdemos tudo o que

levávamos. Nada mais pudemos salvar do que estas nossas miseráveis carnes.

Ministro Chim 1 – E por que motivo vos prenderam?

Fernão Mendes – Porque tudo perdemos, tivemos de pedir esmola a quem de nós se apiedasse. Mas em Taipor, o chumbim da justiça acusou-nos de sermos ladrões e vagabundos, pôs-nos a ferros, condenou-nos à pena de cruéis açoites que já foi cumprida, como podeis ver nas nossas tristes carnes, e ordenou que nos cortassem os polegares como ladrões...

Outro Português – O que logo nos irão fazer se outro remédio não acharmos....

Ministro Chim 1 (*pondo os olhos no céu*) – Ó poderoso e paciente Senhor das Alturas, que consentes que o clamor dos pobres faça estrondo em tuas orelhas...

Ministro Chim 2 – Não deixes que fiquem sem castigo as ofensas que os nossos ministros da justiça te fazem, assim torturando os teus pobres filhos...

Fernão Mendes – Implorai por nós a vossos superiores, para que tal injustiça não nos seja feita.

Ministro Chim 1 – Descansai que vos faremos uma petição a suspender o cumprimento dessa

pena dos polegares, que prá outra já não há remédio, e a pedir a vossa libertação.

Ministro Chim 2 – Mas ficai cientes de que o tribunal daqui não vos poderá julgar, devendo ser levados prisioneiros até à cidade de Pequim, onde o aitau dos aitaus poderá moderar a sentença que com tanto agravo vos foi feita.

Fernão Mendes – Que Deus vos pague por tudo isto que por seu amor nos fazeis.

Ministro Chim 1 – E a vós vos encaminhe no conhecimento de suas obras e na paciência de vossos trabalhos...

(Fernão Mendes e os outros prisioneiros portugueses cantam, enquanto continuam a sua peregrinação)

*De Taipor até Nanquim,
de Nanquim a Pocasser,
Junquileu e Sampitai,
Funquinilau e Pequim,
fomos presos e açoitados
julgados e condenados,
de Taipor até Pequim.*

Vimos coisas de pasmar
pedras, casas, animais,
rios, lagos e corais,
peixes e bichos do ar...

*De Taipor até Nanquim,
de Nanquim a Pocasser,
Junquileu e Sampitai,
Funquinilau e Pequim,
fomos presos e açoitados
julgados e condenados,
de Taipor até Pequim.*

Vimos o muro da China
comércios, vidas diferentes
estátuas, pagodes e gentes
nem o diabo imagina...

*De Taipor até Nanquim,
de Nanquim a Pocasser,
Junquileu e Sampitai,
Funquinilau e Pequim,
fomos presos e açoitados
julgados e condenados,
de Taipor até Pequim.*

Comemos sapos e cobras,
rãs, cavalos e gatos,
sardões, carochas e ratos,
e até o lixo e as sobras...

*De Taipor até Nanquim,
de Nanquim a Pocasser,
Junquileu e Sampitai,
Funquinilau e Pequim,
fomos presos e açoitados
julgados e condenados,
de Taipor até Pequim.*

*(Retornamos ao outro lado da cena.
A comitiva de Fernão Mendes aproxima-se
de outro grupo.)*

Capitão – Sois vós Henrique Barbosa?

Henrique Barbosa – O próprio. E aqui estou com mais quarenta portugueses, a representar El-Rei de Portugal em terras de Preste João...

Capitão – Uma carta vos trago de António da Silveira, que vos pede novas da armada do Grão-Turco para que melhor se prepare para lhe fazer frente.

Henrique Barbosa – Novas vos darei, mas mais tarde. Agora descansai e preparai-vos que temos encontro marcado com a Mãe do Preste João.

Fernão – É aqui a vida tão boa como contam em nosso reino?

Henrique Barbosa – Temos tudo que precisamos, pois somos senhores absolutos de todas estas terras!

Companheiro de Henrique Barbosa – Mas mesmo assim são muitas as saudades da gente portuguesa.

Fernão – Quer dizer que fazeis tenção de regressar? Não estais aqui como se fosse no Paraíso?

Henrique Barbosa – Falta-nos a nossa terra.

Companheiro de Henrique Barbosa – Sentimo-nos aqui em desterro e não na pátria nossa!

Fernão – E os costumes? São como os nossos?

Henrique Barbosa – Logo vereis, que se aproxima agora a comitiva da Princesa Mãe do Preste João.

(Ouve-se música de batuque, coros e aproxima-se um desfile de muitas mulheres e alguns homens, estando em lugar de destaque, debaixo de um pátio, a Mãe de Preste João.

Henrique Barbosa (*curvando-se em vénias ele e os outros, ajoelhando-se e beijando o abano que a princesa tinha na mão*) – Ave Princesa de Tigremahon, mãe de Preste João, nosso amigo e aliado contra os infieis.

Mãe do Preste João – Ave Henrique Barbosa, embaixador do Rei de Portugal, e de tantas terras deste e do outro lado do mar. Quem são esses que me trazeis assim aviados de tão grandes e diferentes fazendas?

Henrique Barbosa – Sabei que este é um capitão, enviado do governador Nuno da Cunha e aqui embaixador do nosso Rei D. João que vos manda estes presentes e as suas renovadas saudações! Este é Fernão Mendes Pinto, marinheiro valoroso que tem enfrentado as tormentas do mar para vos conhecer. E este é Vasco Martins, meu fiel escudeiro, que lhes serviu de guia até estas paragens.

Mãe do Preste João – A vinda de vós outros, verdadeiros cristãos, é para mim agora tão agradável, e foi sempre tão desejada, e o é todas as horas por estes meus olhos que tenho no rosto como o fresco jardim deseja o borrifo da noite.

Capitão – E estar na vossa presença nos encanta como se estivéssemos na Corte Celestial!

Fernão Mendes – Que pelo que ouvimos dizer, vosso Reino é como se fosse o pórtico de entrada nessa mesma Corte!

Mãe do Preste João – Venhais em boa hora, venhais em boa hora e seja em tão boa hora a vossa entrada nesta minha casa, como a da Rainha Helena na Terra Santa de Jerusalém...

E sentai-vos nessas esteiras, que me dareis novas das terras donde vindes.

Capitão – Graças vos damos, Majestade, pela vossa benevolência.

(Começa a servir-se uma refeição, enquanto a Princesa vai pedindo informações das terras cristãs do ocidente.)

Mãe do Preste João – Mas dizei-me: é grande o vosso reino?

Capitão – Já não chegam as caravelas para tocar as suas fronteiras

Fernão – E cada dia que passa mais se aumentam os nossos domínios.

Mãe do Preste João – E quantas fortalezas tem o vosso reino espalhadas pelo mundo?

Capitão – Tantas são, senhora princesa, que esta noite não bastaria para todas elas enumerar. E as que detemos na Índia e nas terras de Oriente em muito ultrapassam as que há no próprio reino.

Mãe do Preste João – E quantos reis há na cristandade?

Fernão – Pequenos reis há muitos, mas poderosos como o nosso vão rareando. E com o passar do tempo, todos se vão tornando vassalos do nosso.

Mãe do Preste João – E como se chama o papa que agora governa a cristandade?

Capitão – Paulo III se chama e em grande conta tem a ajuda de nosso monarca contra a ameaça turca.

Mãe do Preste João – Se são tão poderosos o Papa e o Rei de Portugal seu aliado, como se dá o caso de ainda não terem acabado com o poderio do turco?

Fernão Mendes – Porque ele tem aliança com Mafamede, imperador no quinto dos infernos, mas que não há-de levar a melhor sobre as milícias de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Mãe do Preste João – Muito satisfeita estou com as novas que me dais. Comei e repousai que bem mereceis cuidar do corpo, já que tão bem cuidais das coisas da alma. Mas dizei-me, Fernão Mendes, porque a tantos trabalhos vos destes para chegar a estas terras?

Fernão Mendes – Para ver com estes olhos se é aqui o paraíso celestial.

Mãe do Preste João – E o que mais quereis desse paraíso?

Fernão Mendes – Fala-se da fonte da juventude e da árvore da ciência do bem e do mal...

Mãe do Preste João – Não há tal fonte por aqui. O tempo e a eternidade, Fernão Mendes, estão dentro de nós e nenhuma água vos dará esse dom. E o conhecimento do bem e do mal é o trabalho da vossa vida.

Fernão Mendes – E a felicidade?

Mãe do Preste João – Tendes de fazer por ela... Sois casado, Fernão Mendes?

Fernão Mendes – Ia sendo, mas fugi ao meu destino.

Mãe do Preste João – Fugistes ao destino, para cairdes noutra maior.

(Sonho de Fernão Mendes em que se misturam histórias e lendas da terra do Preste João. Começam a dançar três ou quatro mulheres em torno de Fernão Mendes.)

Fernão Mendes – *(Apontando para uma)* Deste céu quero eu provar... *(Apontando para outra)*
E também deste... *(E escolhendo mais uma)*
E deste!!! Que ricos céus há na terra do Preste João!... Qual é a vossa graça? *(Elas dançam e olham, interrogativas, para Fernão)* Vossa Graça...
Vosso nome? Como vos chamais?
1ª Mulher – Djahane... *(E sorri)*
2ª Mulher – Djazmin.. *(E sorri)*
3ª Mulher – Djazeda... *(E sorri)*...
1ª Mulher *(levando um copo à boca de Fernão Mendes)* – Bebei que é melhor do que mel...
Fernão Mendes – Ah... Que calor, que fresquidão...
2ª Mulher *(colocando na boca de Fernão Mendes alguns frutos)* – Provai os sonhos da terra...
Fernão Mendes – Bons sonhos dão estes sonhos, que até parece que sonho!...
3ª Mulher *(estendendo-lhe uma taça donde sai um fumo)* – Cheirai o perfume do jardim das delícias...
Fernão Mendes *(já ébrio, enrolando-se com as suas três mulheres em jogos eróticos)* – Ah, Djahane, Ah, Djazeda, Ah, Djazmin, que vai ser de mim...

| *(Começa a ouvir-se uma música: a música do
sonho de Fernão)*

*A vida é um sonho, Fernão,
No reino do Preste João*

Eu sei que o diabo
parece serpente
parece mulher
é como o prazer
que tanto nos mente
Eu sei que o diabo
parece mulher...

*A vida é um sonho, Fernão,
No reino do Preste João*

Bebemos e vemos
o mundo às avessas
do mundo que temos
que um dia perdemos
em falsas promessas...
Eu sei que o diabo
nos tira o que temos...

*A vida é um sonho, Fernão,
No reino do Preste João*

Sonhamos e a vida
tem tons e tem cores...
viagem esquecida
pra quem se perder
no cais dos amores...
Eu sei que o diabo
parece mulher

*A vida é um sonho, Fernão,
No reino do Preste João*

*(Mudança de cenário. China. Cidade de
Sampitai. Fernão Mendes e os seus com-
panheiros percorrem as ruas, presos com
correntes pedindo esmola.)*

Fernão Mendes –

Amerceai-vos destes pobres coitados
presos e condenados
que vos pedem de comer..

Companheiros –

Uma esmola, por favor,
Em nome de Nosso Senhor...

Fernão Mendes –

Deus vos dê a salvação
Deus vos dê o seu perdão
se nos derdes de comer...

Companheiros –

Uma esmola, por favor,
em nome de Nosso Senhor...

*(Vão recebendo esmolas fartas das gentes que
vêm admiradas e lhes perguntam)*

Chim 1 – Que homens sois e donde vindes?

Chim 2 – Como se chama vossa terra?

Chim 3 – Porque pedis assim esmola?

Fernão Mendes – Somos do Reino de Sião.

Companheiro 1 – Perdemos-nos no mar com
uma tormenta

Companheiro 2 – e em terra nos tomaram por
vagabundos e nos condenaram cruamente...

Fernão Mendes – Já fomos ricos mercadores

Companheiro 2 – e estamos agora reduzidos a esta miséria...

Companheiro 3 –

Uma esmola por favor

Em nome de Nosso Senhor...

Inês de Leiria (*que se havia aproximado rodeada de cinco ou seis mulheres, em atitude recatada*) – Das vossas tormentas ninguém se deve espantar, pois os que labutam no mar, no mar ficam sepultados. O mais certo e mais seguro é trabalhar na terra, já que Deus foi servido de nos fazer de terra (*Dá-lhes dois mazes de esmola*).

Fernão Mendes – Deus vos faça mercê de tudo o que necessitais.

Inês de Leiria – Não cuideis de fazer viagens tão compridas, quando Deus vos deu vidas tão curtas.

Companheiro 1 – Comprida seja a vossa vida, com a graça de Deus nosso senhor.

Inês de Leiria (*desabotoando a manga de um gibão de cetim roxo que traz vestido e arregaçando-a para mostrar uma cruz tatuada no braço*) – Conhece algum de vós este sinal a que gente de verdade chama cruz?

Fernão Mendes – É a cruz em que morreu
Nosso Senhor Jesus Cristo!

Inês de Leiria (*levantando as mãos para o céu*) – Padre nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome...

Fernão Mendes – Venha a nós o vosso reino...

Companheiro 1 – E seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu!

Inês de Leiria – Quer dizer que sois cristãos...

Fernão Mendes – Cristãos e portugueses!

Companheiro 2 – E esta oração é o
Padre-Nosso.

Inês de Leiria (*caindo de joelhos*) – Pois Deus seja louvado!

Fernão Mendes e os companheiros (*beijando-lhe a cruz tatuada no braço*) – Deus seja louvado!

Inês de Leiria (*dirigindo-se aos guardas dos portugueses*) – Tomai vós estas moedas e levai esta prenda para o vosso Chifu, dizendo-lhe que lhe peço que me deixe albergar estes portugueses em minha casa enquanto aqui estiver...

| (*Afastam-se os guardas*)

Fernão Mendes – E vós quem sois e como vies-tes parar a este desterro?

Inês de Leiria – Sou filha de Tomé Pires, que para estas terras da China foi enviado como embaixador, mas, injustiçado como vós, o tomaram por espião e o condenaram a terríveis castigos e ao degredo nesta terra.

Aqui conheceu minha mãe que se converteu ao cristianismo e com ele me criou sempre na vossa santa religião.

Fernão Mendes – E há mais cristãos por estas terras?

Inês de Leiria – Aqui, neste lugar, serão mais de trezentos. E todos os domingos fazemos nossas orações. Vinde e orai connosco.

(Deslocam-se para casa de Inês de Leiria, onde descobrem um oratório, com uma cruz de pau dourada, uns castiçais e uma lâmpada de prata. E à volta do oratório estão alguns chineses que, entre vénias e gestos de religiosidade chinesa e algumas palavras em chinês que são ininteligíveis, rezam a seguinte oração.)

Inês de Leiria – Senhor Jesus Cristo, tu és verdadeiro filho de Deus, concebido pelo Espírito Santo no ventre da Virgem Maria para salvação dos pecadores

Chins – Perdoa os nossos pecados

Chins – Para que possamos ver a tua face

Chins – Na glória do teu reino.

Inês de Leiria – Padre nosso que estás nos céus...

Chins – Santificado seja o teu nome...

Inês de Leiria – Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo

Chins – Ámen!

(Todos beijam a cruz e se abraçam e a maior parte dos chineses segue para suas casas.)

Inês de Leiria – E mais orações não dizemos, porque mais orações não sabemos.

Companheiro 1 – Descansai que antes de nos irmos vos deixaremos outras orações com que podereis rezar a Deus Nosso Senhor.

Inês de Leiria – E agora vinde que aqui comereis enquanto neste lugar estiverdes.

(Põem a mesa e faz-se uma refeição muito frugal, com uma mistura de pão parecido com hóstias e alguma alimentação chinesa e ouvem-se alguns cantos que devem ser uma mistura de gregoriano e música chinesa. Toda a movimentação deve ser muito sóbria, com grandes cumprimentos e passagens frequentes pelo oratório, contrastando com o ambiente vivido no quadro do Reino do Preste João. No final aproximam-se os guardas, de novo. Fernão Mendes e os companheiros despedem-se de Inês de Leiria e da sua comitiva, recebendo esmolas para as suas necessidades)

Inês de Leiria – Tomai estes cinquenta taéis que vos hão-de servir nas alturas, que serão muitas, em que mais precisardes...

Fernão Mendes – Que Deus vos recompense pela vossa generosidade

Companheiro 1 *(oferecendo a Inês de Leiria algumas pagelas)* – E tomai um Padre-Nosso, completo, e uma Ave-Maria, uma Glória e um Credo com que podereis mais honrar nosso Senhor.

Inês de Leiria – E vós não vos esqueçais de nos encomendar a Nosso Senhor nas vossas orações.

Guarda 1 – Vamos que a viagem é longa...

Guarda 2 – E o nosso Chifu já reclama com a vossa demora...

| *(Fica a ouvir-se o refrão do canto anterior)*

De Taipor até Nanquim,
de Nanquim a Pocasser,
Junquileu e Sampitai,
Funquinilau e Pequim,
fomos presos e açoitados
julgados e condenados,
de Taipor até Pequim.

III QUADRO

*(Avista-se ao longe o navio de António de
Faria de que se vêem os mastros e as velas.
Na proa, António de Faria e Fernão Mendes.)*

(Página deixada propositadamente em branco)

Fernão Mendes – Há já sete meses e meio que estamos nesta enseada da Conchinchina, capitão António de Faria, e não há novas desse perro do Coja Acém.

António de Faria – E outros sete meses aqui havemos de passar até termos novas dele e arran-jarmos maneira de nos vingarmos do mal que vos fez, da fazenda que me roubou e da mortandade que vem fazendo entre os portugueses.

Fernão Mendes – Melhor seria esquecê-lo e fazermo-nos à viagem, capitão.

António de Faria – Jurei pelos santos evange-lhos de não ter descanso enquanto o não encon-trasse, para lhe dar o justo castigo!

Fernão Mendes – Ainda nos há-de sair cara essa vossa embirração com o Coja Acém!

António de Faria – Não saia eu vivo desta tor-menta se em Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo não o fizer pagar todas as suas aleivosias.

Marinheiro 1 (*gritando da gávea do navio*) – Ca-pitão António de Faria! O tempo está de mudança!

| *(Vai aumentando a movimentação e também*
| *o balanço do navio.)*

Antônio de Faria – Não será o temporal que me fará desistir de meus propósitos!

Marinheiro 2 – Já se levantam as ondas e o vento sueste toma-nos em desabrigado!

Antônio de Faria – Segurai o barco com amarras. Firmai os mastros!

Marinheiro 1 – Quais amarras?! Estão gastas e podres!

Fernão Mendes – Senhor Deus, misericórdia!

Antônio de Faria – Cortai os mastros para firmar a nau!

Marinheiro 2 – Fugi, fugi, para que os mastros vos não caiam em cima!

Marinheiro 3 – A água está a entrar no convés!

Marinheiro 4 – O mastro cortou em dois três homens que estavam na popa!

Marinheiro 5 – Deus os guarde em descanso!

| *(Começam os mastros a tombar. Ouvem-se coros e gritos da tripulação.)*

Marinheiro 2 – Água no convés!

Marinheiro 3 – Hou-há! Hou-há!!!! Guarnecei as bombas!

António de Faria – Baldear fazendas ao mar!

Marinheiro 1 – Mas, capitão, estas fazendas
que tanto nos custaram a tomar!

António de Faria – Antes as fazendas que nós!
Fazendas ao mar!

Marinheiro 4 – Fazendas ao mar!

Marinheiro 5 – Fazendas ao mar!

António de Faria – Alijai o convés!

Marinheiro 4 – Alijai o convés!

Marinheiro 1 – Senhor Deus, misericórdia!

Vozes de Marinheiros – Jesus tende piedade
de nós!

António de Faria – Ajustar calabretes
e viradores!

Vozes de Marinheiros – Senhor Deus Misericórdia!

Marinheiro 2 – Os ventos atacam rijo!

Marinheiro 3 – Já não temos mãos no navio...

Marinheiro 2 – ...com as águas assim cruzadas!...

Marinheiro 1 – ... E o escarcéu tão alto!

Vozes de Marinheiros – Saltai!

Vozes de Marinheiros – Saltai!

Vozes de Marinheiros – A quilha partiu-se
ao meio

Vozes de Marinheiros – Saltai!

Vozes de Marinheiros – Saltai!

Vozes de Marinheiros – Perdoai-nos os nossos pecados e dai-nos a salvação eterna!

António de Faria (*elevando a voz mais do que os outros*) – Senhor Jesus Cristo, assim como tu, meu Deus, morreste na cruz pelos pecadores, eu te peço, por quem és, que só eu pague as ofensas que te vimos fazendo, pois só eu fui a causa de estes homens pecarem contra a tua bondade!

Poupa-os senhor, pela tua divina Misericórdia!

Vozes de Marinheiros – Senhor Deus, misericórdia!

Vozes de Marinheiros – Senhor Deus, misericórdia!

(Ouve-se um grande estrondo, um grande remoinho e vêem-se apenas umas cabeças a flutuar aqui e ali e corpos arrastados no torvelinho. Jogos de som e de luz que vai diminuindo indiciando uma acalmia no temporal. Quando a tormenta passa, começa a amanhecer e vêem-se espalhados pela praia muitos corpos imóveis e alguns que se vão erguendo e recobrando a consciência.

À medida que vão verificando quantas mortes fez a tormenta, lançam-se num grande pranto, esbofeteando-se a si próprios, rodando os corpos, endireitando-os e colocando-os lado a lado, com as mãos juntas sobre o peito, como se estivessem dentro de um caixão.)

António de Faria – Vede quão várias e mentirosas são as coisas do mundo: um dia estamos ricos e cheios de ventura, para no dia a seguir tudo termos perdido, não só a fazenda, mas parentes e amigos. Não cuideis que é seguro o bem que tendes, que logo a seguir a tormenta vos leva as vossas esperanças. Ponde pois em esquecimento os males que estamos passando, pois a sua lembrança para mais não serve do que para avivar as nossas mágoas. Graças devemos a Deus por estarmos vivos e estou certo de que, se Deus nos salvou de perecermos no mar, nos há-de salvar também de perecermos em terra. E se hoje aqui perdemos quinhentos mil cruzados, Deus fará que em pouco tempo tornemos a ganhar mais de seiscentos mil.

(Começam a arrastar os mortos para lhes dar enterro, levando-os para longe de cena. Estando assim a preparar os enterros numa das extremidades do largo, um marinheiro levanta os olhos e aponta para longe.)

Marinheiro 1 – Um milhano ali a voar...

Marinheiro 2 – E outro

Marinheiro 3 – E outro...

Marinheiro 4 *(surgindo com uma tainha na mão, que entrega a António de Faria)* – Houve um que deixou cair este peixe!...

Fernão Mendes – Uma tainha!

António de Faria – Deus seja louvado e o Senhor Jesus Cristo, seu Filho!

Todos – Ámen!

António de Faria *(de mãos erguidas ao céu)* – Vós que ajudastes Daniel quando estava no lago dos leões também nos haveis de ajudar pela intercessão do Arcanjo São Miguel que hoje festejamos. Concedei-nos o remédio que só de vós esperamos e levai-nos para terra de cristãos onde havemos de vos louvar.

Todos – Ámen.

António de Faria – Se este milhano nos ofereceu uma tainha para nosso alimento, aquele bando nos indica o caminho da nossa salvação.

(Todos formam fila atrás de António de Faria e vão-se aproximando até dobrar a esquina que lhes revela, do outro lado, uma baía onde uma embarcação se aproxima para deixar os seus viajantes em terra.)

Fernão Mendes – Olhai como estão ocupados a lavar a roupa e arranjar de comer!

Marinheiro 1 – Entretêm-se em justas e passatempos.

Marinheiro 2 – E deixaram desguarnecida a embarcação, não cuidando de como são várias e mentirosas as coisas deste mundo.

António de Faria – Louvado seja Deus que é infinitamente misericordioso, não permitindo que acabemos aqui miseravelmente. Foi Ele que nos trouxe esta embarcação que havemos de tomar. Louvado seja!

Todos – Louvado seja!

Antônio de Faria – Então, com seu santo nome na boca e no coração, arremetamos contra ela, tomemo-la e quando dentro dela nos acharmos, apoderemo-nos das armas que encontrarmos para com elas nos defendermos.

Fernão Mendes – E ponhamo-nos ao largo

(A um sinal de Antônio de Faria, todos correm para a nau, que não tem gente que lhes faça resistência, e, uma vez lá dentro, começam alguns a fazer trejeitos aos chins que ficaram em terra, enquanto outros disparam um grande tiro para a praia. Repararam, entretanto, numa refeição preparada, de que se apoderam e com que se vão banquetear. No final, fazem revista ao junco.)

Antônio de Faria – Deus seja louvado por nos ter saciado nossa fome e nos ter posto no caminho este junco com que havemos de escapar.

Todos – Ámen.

Antônio de Faria – Vejamos com que fazenda nos quis presentear Deus Nosso Senhor...

Marinheiro 3 – Vede, meu capitão, seda, retrós, cetins e damascos..

Marinheiro 4 – Três boiões grandes de almíscar...

Marinheiro 5 – Arroz e açúcar...

Marinheiro 3 – E duas capoeiras de galinhas, com que havemos de convalescer os doentes...

Fernão Mendes – E este menino que os grandes deixaram de guarda ao barco...

António de Faria (*para o menino, de 13 anos, bem parecido e destemido*) – De quem é este barco?

Menino – É do sem-ventura de meu pai a quem vós roubastes numa hora o que ele ganhou ao longo de uma vida.

António de Faria – E de onde vinha o teu pai?

Menino – De um lugar que se chama Quoamão.

António de Faria – E que foi lá fazer?

Menino – Foi lá comprar, a troco de prata, toda esta fazenda que aí tendes, para a ir vender nos juncos de Comhay...

António de Faria – E porque pararam aqui?

Menino – Para tomar água, que nos faltava, mas quis a triste fortuna que fosseis vós

a tomar-lhe a fazenda sem nenhum temor da justiça do céu.

(Estas últimas palavras são ditas já com lágrimas.)

António de Faria *(afagando a cabeça do menino)* – Não chores, que se perdeste um pai por minha causa, um pai terás em mim, pois hei-de cuidar de ti como se fosses meu filho!

Menino – Não cuides que sou tão parvo que acredite que tendo-me roubado meu pai, me hajas de tratar como filho...

António de Faria – Teu pai não fui eu que to roubei, mas o destino...

Menino – Se és assim tão bom, peço-te então que, por amor do teu Deus, me deixes botar a nado até essa triste terra onde fica quem me gerou, pois esse é o meu pai verdadeiro.

António de Faria – O teu verdadeiro pai sou eu, a partir de hoje.

Menino – Antes quero morrer ali, naquele mato, onde o meu pai me está chorando, que viver entre gente tão má como vós sois.

António de Faria – Porque dizes isso?

Menino – Porque vos vi louvar a Deus com os beijos untados, como homens a quem parece que basta arreganhar os dentes ao céu e não devolver o que têm roubado.

António de Faria – E que sabes tu do que Deus quer ou não quer?

Menino – Sabei que o Senhor da mão poderosa não nos obriga tanto a bulir com os beijos, quanto nos proíbe de tomar o alheio, pois roubar e matar são dois dos pecados mais graves para a justiça divina.

António de Faria – Não sei de que Deus falas. Nós só conhecemos um Deus que é o nosso, o dos cristãos. Queres tornar-te cristão?

Menino – Não entendo isso que dizes nem sei que coisa é essa de ser cristão.

António de Faria – Ser cristão é acreditar num só Deus onipotente, trino e uno, que mandou o seu filho à terra para nos salvar e o fez nascer de uma virgem.

Menino (*com os olhos no céu e as mãos levantadas, chorando*) – Bendita seja, senhor, a tua paciência, que sofre haver na terra gente

que fale tão bem de ti e use tão pouco da tua lei, como estes miseráveis e cegos que cuidam que furtar e pregar te pode satisfazer como aos príncipes tiranos que reinam na terra. (*E, voltando-se, permanece o menino, a partir daí, mudo e quedo*).

António de Faria – Partamos então, sem esquecermos o que aqui nos trouxe: o pirata Coja Acém, que há-de pagar por todas as patifarias que nos tem feito.

(Enquanto a nau se vai transformando em navio de guerra e se vai engalanando para o combate com o Coja Acém ouve-se o seguinte coro)

Coja Acém,
Coja Acém,
Coja Acém
Sejam dez,
sejam vinte,
sejam cem...

Coja Acém,
Coja Acém,
Coja Acém
Podem ser
mais de cem
mais de mil
podem vir
as mil almas
do além!

Coja Acém,
Coja Acém,
Coja Acém!

Não há noite
não há dia
Coja Acém,
Todo o tempo
todo o mundo
já te espia
Coja Acém!

Não há mar
pra ocultar
Coja Acém
Nem a lua
já é tua
Coja Acém!

Coja Acém,
Coja Acém,
Coja Acém!
Vais partir
Para as almas
do além!

Coja Acém
Coja Acém
Coja Acém....

(Aparece, no convés da nau, António de Faria com os seus marinheiros a fazerem os preparativos para a batalha.)

António de Faria – Contaram as cabeças?

Quantos homens temos?

Marinheiro 1 – Achámos ao todo 500 pessoas, das quais noventa e cinco portugueses!

Marinheiro 2 – Tudo gente manceba e determinada para qualquer feito corajoso.

Marinheiro 3 – E há que contar ainda com mais de 300 soldados do vosso amigo Quiay Panjão!

Marinheiro 2 – Muito exercitados na guerra como corsários que a fazem vai para cinco anos.

António de Faria – Espingardas?

Marinheiro 4 – Cento e sessenta!

António de Faria – Peças de artilharia?

Marinheiro 5 – Quarenta, incluindo doze falcões, dois camelos, uma espera e cinco roqueiros!

António de Faria – Munições?

Marinheiro 4 – Sessenta quintais de pólvora, cinquenta e quatro de bombarda e seis de espingarda!

Marinheiro 5 – E mais novecentas panelas: quatrocentas de pólvora e as mais de cal virgem!

Marinheiro 4 – E muitas rocas de pedra e setas e lanças e bombas de fogo!

Marinheiro 5 – E quatro mil zargunchos com pontas de ferro e doze arpéus de abalroar!

António de Faria – Tudo isso nos há-de bastar para dar cabo daquele velhaco e dos seus homens que, como espiou Vicente Morosa, está bem longe de nos ter pela frente e vai ser colhido de surpresa sem nada poder fazer. Vamos a eles!

(Pode, eventualmente, repetir-se o coro anterior. Aproxima-se a nau de António de Faria da nau de Coja Acém e ouve-se a voz de António de Faria)

António de Faria – Eia, senhores e irmãos meus, a eles, com o nome de Cristo, antes que as suas lorchas lhes acudam! Santiago, Santiago! Santiago!

(Disparam primeiro os atiradores sobre os homens do convés que caem no chão e ao mar)

deixando-o quase desimpedido. Ouvem-se sinos e tambores. Ouvem-se gritos e brados e dá-se o abalroamento . Mais tiros de artilharia. Mais homens que acodem.)

Vozes possíveis

- Ah, Mafamede, vai prá's quintas do inferno!
- Prá cônica funda donde nunca mais sairás!
- Toma esse camelo e dá fogo neles, Diogo Meireles!
- Pannels de pólvora sobre o chapitêu!
- Ardei nestas chamas, cães infieis
- Por Cristo Nosso Senhor! A eles! A eles!
- Ah perro, que te trespasso as tripas até ao coração!
- La hi lah La hi lah! Que o vosso sangue tinja as velas deste navio!
- La-hi-lá! Cães cristãos, galinhas brancas! Prá cônica funda!

(Outra forma possível de acompanhar a batalha é transformar Fernão Mendes numa espécie de relator dos factos, como quem relata um jogo de futebol. Podem ainda desdobrar-se

estas falas por vários Fernão Mendes, como aconteceu no primeiro quadro.)

Fernão Mendes – Os nossos dois juncos abalroam agora os dois dos inimigos! É grande a briga que se trava entre todos. Diogo Meireles toma um camelo carregado com pelouro e roca de pedras e faz ir pelos ares a primeira lorcha que vem na dianteira. E dá agora no convés da outra lorcha: o capitão e mais seis ou sete que vinham com ele voam em pedaços pelos ares! António de Faria, de espada em punho, faz voar uma, duas, três, cinco, oito, doze cabeças de perros infieis! Duas lorchas prendem-se uma à outra na confusão das velas e, assim enredadas, os seus homens já não dão acordo de si. Os capitães Gaspar de Oliveira e Vicente Morosa arremetem contra elas e lançam muita soma de panelas de pólvora! Elas ardem até ao lume da água e os seus marinheiros morrem no mar para não morrer no fogo! Quiay Panjão vai atrás de outra lorcha e toma conta dela enquanto toda a sua gente se manda à água e morrem contra os penedos! Levanta-se agora o perro do Coja Acém

Coja Acém – Lah hilah hilah lah muhamd roçol halah, ó massoleimões e homens justos da Santa Lei de Mafamede, como vos deixais vencer assim por uma gente tão fraca como são estes cães, sem mais ânimo que galinhas brancas e mulheres barbadas? A eles! A eles!

António de Faria – Ah, Cristãos, irmãos meus, se estes se esforçam na maldita seita do Diabo, esforcemo-nos em Cristo Nosso Senhor posto na cruz por nós!

Coja Acém – A eles, a eles, que certa temos a promessa do livro das flores, em que o profeta Nobi abastou de deleites os daroeses da Casa de Meca.

António de Faria – Cristo não nos há-de desamparar por mais pecadores que sejamos!

Coja Acém – Banhemo-nos no sangue destes cães sem lei!

António de Faria – Nós somos de Cristo e estes perros são de Mafamede!

Fernão Mendes – António de Faria avança agora contra Coja Acém... Desfere-lhe uma cutilada na cabeça, que lhe corta o barrete de malha que trazia! Coja Acém cai ao chão. António de Faria dá-lhe outra cutilada que lhe decepa ambas as pernas. O perro não se pode mexer. Entram em grande gritaria os homens de Coja Acém e arremetem contra António de Faria. Espadeiradas no ar, o sangue corre... Mais seis que se juntam ao perro infiel. António de Faria é atingido por uma cutilada de um inimigo, mas caem sobre ele trinta homens dos nossos. Os infiéis contam-se agora por cadáveres: dois, quatro, seis, vinte, trinta, quarenta e oito jazem agora sobre Coja Acém. Mas cinco portugueses estão caídos entre eles. Fogem desordenados para os chapitéus de proa os infiéis que restam mas acodem os soldados de Quiay Panjão que os apartam e os fazem lançar todos ao mar. Os que ficam são trespassados pelas espadas. Sobram ainda cinco vivos mas são feitos em quartos pelos nossos e lançados os pedaços ao mar para pasto dos lagartos... Acompanham-nos os restos do perro Coja Acém, derramador e bebedor do sangue

português e venerado por isso pela maldita seita dos Mafamedes. Que jaza na cônica funda e no quinto dos infernos!

(Continua a nau sua navegação até chegar ao Porto de Liampó, no qual António de Faria é recebido com grande festa. A nau de António de Faria aproxima-se do porto, com bandeiras e muito engalanada, ouvindo-se música de charamelas, trombetas, flautas, pífaros, tambores e outros instrumentos portugueses e chins. Entra na nau de Antonio de Faria uma recepção local, com homens vestidos de festa e colares e correntes de ouro que António de Faria e seus homens acompanham num rito muito festivo e solene. Ouvem-se umas salvas de tiros da nau de António de Faria a que respondem outras salvas de artilharia em terra. Em terra crianças transportam para os marinheiros de António de Faria muitos cestos de arcos, com ginjas, cerejas, peras, limões e laranjas e muita verdura e ervas cheirosas. Vêm também uns mercadores chins que perguntam.)

Mercador Chim – Quem é este homem a quem fazem tão grande recebimento? É irmão ou parente de vosso rei?

Português de Liampó 1 – Parente do rei não é, mas seu pai é quem ferra os cavalos com que anda el-rei.

Português de Liampó 2 – E sabeis que foi ele que limpou os mares desse perro do Coja Acém que tantos roubos fazia e tanta mortandade deixava por onde passava.

Mercador Chim– Homem muito honrado será e muito poderoso será o vosso rei , é até mais rico e poderoso do que o Tártaro ou o Cauchim, mais parecendo que emparelha com o nosso imperador, filho do sol.

Português de Liampó 1 – Isso bem se vê pelas riquezas que possui por toda a terra!

Português de Liampó 2 – E pelo braço armado com que afronta todas as nações!

(Segue o cortejo, levando à frente muitas danças e folias, pélas, jogos e entremezes, de muitas formas e maneiras, acompanhadas de trombetas e charamelas, flautas, violas

*de arco, pífaros e tambores. Quando pas-
sam à porta da igreja ouve-se um “Te Deum
laudamus”. Aproximam-se então seis meninos
em trajes de anjos, com seis instrumentos de
música todos dourados. Ajoelhando-se junto
deles e a olhar para a imagem de Nossa
Senhora, diz o padre)*

Padre – Vós sois a rosa, Senhora!

Meninos – Senhora vós sois a rosa!

Padre –

Só a vós estamos gratos
Senhora Santa Maria
Pela vitória que destes
A António de Faria!

Meninos – Senhora vós sois a rosa

Padre –

Vós sois a flor mais formosa
que neste jardim nasceu
sois a rosa mais ditosa
que neste prado cresceu.

Padre– Vós sois a rosa, senhora!

Meninos – Senhora vós sois a rosa!

(Os quatro chefes daquela cidade, conduzem agora António de Faria e a sua comitiva para um banquete, para o qual tinham preparadas três mesas, postas com pratos de fina porcelana e talheres de ouro e diz)

Mateus de Brito – Honra vos seja prestada, senhor António de Faria, por nos terdes livrado do mouro Coja Acém e de outros piratas que roubavam nossas fazendas!

Lançarote Pereira – Dignai-vos partilhar esta refeição connosco que só peca por ser inferior às honras que mereceis...

Jerónimo do Rego – E levai depois o que achardes por bem, que a homem de tais méritos nada podemos negar.

Tristão de Gá – Comei e bebei e que tudo seja em vosso proveito e dos vossos valorosos companheiros.

(São então servidos por cinco moças formosas e ricamente vestidas, que sempre entram ao som de instrumentos, dançando como sereias. Os pratos são os mais ricos e diversificados, desde peixes e caça a animais de criação como leitões, porcos e touros. Findo o banquete diz Mateus de Brito para António de Faria)

Mateus de Brito – Sabemos que muitas são as aventuras que tendes passado e muito folgaríamos se nos contásseis algumas dessas histórias.

António de Faria – Em boa hora o pedis. Pois sabeis que temos entre nós um homem, escrivão das nossas aventuras, que tem por nome Fernão Mendes Pinto, natural da Vila de Montemor-o-Velho e que nos vai presentear com um entremês de uma das muitas histórias por que passámos.

(O bojo do navio transforma-se em palco de marionetas e surge a primeira marioneta, que representa o narrador, Fernão Mendes Pinto.)

Fernão Mendes 1 – Quando às vezes ponho diante dos olhos os muitos e grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram, começados no princípio da minha primeira idade e continuados pela maior parte e melhor tempo da minha vida, acho que com muita razão me posso queixar da ventura, que parece que tomou por particular tenção e empresa sua perseguir-me e maltratar-me. Mas, ao lado de muitos sustos, também bons momentos tenho passado, sobretudo desde que me juntei ao valoroso capitão António de Faria.

(Surge uma segunda marioneta, igual à primeira, que representa também Fernão Mendes Pinto. Noutra parte do palco de Marionetas, navega uma nau onde está António de Faria e Similau.)

Fernão Mendes 2 – Esta história se deu quando viajávamos à procura da ilha de Calemplui e dos muitos tesouros que tem, guiados por Similau, piloto e corsário que se prestou a conduzir-nos...

Similau – Esta serra em que entramos tem o nome de Gangitanou. Toda ela é desabitada, salvo nas faldas de baixo onde vive uma disforme gente que se chama os gigaunhós.

António de Faria – Homens como nós?

Similau – Se são, não o parecem.

António de Faria – E de que vivem no meio deste arvoredo tão cerrado?

Similau – Caça do mato e algum arroz que lhes levam os mercadores a troco das peles que lhes entregam.

António de Faria – Muito me espanta isso que contaís. Quero ver esses Gigaunhós, que mais me interessam que todo o tesouro da China.

Similau – Eu também tomo a peito de vos mostrar, para que os murmuradores não me acusem de embusteiro e trapalhão quando lhes falo de tão disforme gente.

António de Faria (*prestando-se a sair do barco*) – Vamos então por terra, para melhor os encontrarmos.

Similau – O nosso Deus e o vosso vos evitem tal asneira, Senhor, que são gente perigosa e muito desconfiada. Livrai-vos de sair em terra, que

muito ao avesso têm saído as contas aos mercados que a tal se aventuram

Antônio de Faria – Não são de fiar, esses Gigaunhós?

Similau – Com ninguém falam verdade, pois a não mamaram no leite e mais se parecem com os bichos do mato.

Fernão Mendes 1 – Indo nós assim à vela pelo rio acima, vendo os animais selvagens, começámos a ver estranhas criaturas no meio do arvoredo.

Similau (*para um moço sem barba, vestido com peles de tigre, braços nus, descalço, cabeça descoberta e um pau tosco na mão, que apresenta seis ou sete vacas, mostrando-lhe uma peça de tafetá verde tentando perguntar-lhe, por acenos, se a quer comprar*) – Tu pa-tu qui-tu pi-tu? Tu ta-fe-tá tu?

Moço Selvagem – Quiteu parão fau fau.

Similau (*insistindo nos acenos*) – Ta-fe-tá tu?

Antônio de Faria (*para um dos marinheiros*) – Levai-lhe toda essa peça de quatro côvados e também essas seis porcelanas!...

Moço Selvagem (*muito alvoroçado*) – Pur
pacam pochy pilaca hunangue doreu.

(Retira-se o moço para de onde veio, chegando pouco depois com um reado às costas e mais alguns companheiros. Bailam ao som de um atabaque em que dão cinco pancadas, a que respondem com cinco bater de palmas com as mãos, enquanto gritam)

Selvagens – Cur cur hinau falem

António de Faria – Mostrai-lhes mais umas
peças de tecido e mais porcelanas!

(Os selvagens, ao verem tais mercadorias gritam em alvoroço)

Selvagens –

- Quiteu parão fau fau.
- Cur cur hinau falem.
- Quiteu parão fau fau.
- Cur cur hinau falem.

(Aproximam-se agora outros seres selvagens, que pelos cabelos compridos e os lírios que trazem na cabeça e os colares de conchas vermelhas e cascas de ostras se vê serem mulheres)

Mulheres Selvagens –

- Qui-tu-pão. To-pa-mi. Fau fau.
- Com-ta-ti pa-qui-tão. Hinau falem.

(Com estes sons fazem uma dança ritmada por pancadas de batuque. Finda a cena, António de Faria e Similau tentam comunicar com eles e com elas através de gestos. Lançam-lhes mais algumas peças de tecido, às quais se arremessam em alvoroço também as mulheres. E os homens com os punhos cerrados e com grandes vénias gritam.)

Selvagens – Vungahileu, opomguapau lapão lapão lapão...

(Os selvagens entregam aos portugueses o veado e duas vacas e recolhem todas as

mercadorias que lhes haviam sido lançadas, recuando para dentro do arvoredo, ao som do batuque e voltando-se, de vez em quando, com os seus gritos de agradecimento.)

Selvagens – Opomguapau lapão... Vungahileu lapão lapão...

Fernão Mendes Pinto 1 – E foi assim que travámos conhecimento com os gigaunhós, bem menos ferozes do que no-los tinham pintado....

(Página deixada propositadamente em branco)

IV QUADRO

(A cena estará montada de modo que pareça que o exército tártaro se encontra acampado às portas do Castelo de Nixiancó. Exército sumptuoso, com soldados formados e conjuntos de tambores que acompanham as batalhas para imprimir ritmo às lutas e ânimo aos guerreiros. Uma das tendas representará o espaço em que está o general tártaro, com os seus capitães. Em outro canto da praça estará outra tenda, que deve ter o aspecto de prisão, onde estão alguns portugueses, entre eles Fernão Mendes e Jorge Mendes, Gaspar Meireles e Cristóvão Borrvalho, vigiados por dois guardas tártaros e presos os pés com grandes cadeias. A cena pode começar com um desfile de um grupo de tártaros, com suas bandeiras, quarteladas de verde e branco, acompanhados do som dos tambores. Uma vez passado o desfile, ouvem-se os guardas tártaros a conversar, sendo escutados e depois comentados pelos portugueses.)

(Página deixada propositadamente em branco)

Guarda-Tártaro 1 – O Nauticor de Lançame, nosso general Mitaquer, porfia que há-de tomar este castelo de Nixiancó, pela desfeita que os chins que nele moram nos fizeram ao matarem de emboscada cem dos nossos guerreiros.

Guarda-Tártaro 2 – E há-de tomá-lo apesar de os seus moradores nos não facilitarem a vida.

Guarda-Tártaro 1 – Não quer regressar ao cerco de Pequim, onde se encontra o nosso rei, sem antes se vingar daquela afronta.

Guarda-Tártaro 2 – Já ontem tentou o assalto com mais de quinhentas escadas!

Guarda-Tártaro 1 – Mas os de dentro defenderam-se bem!

Guarda-Tártaro 2 – E fizeram-nos uma tão grande soma de feridos que os nossos capitães não querem voltar a atacar sem que o assunto seja discutido em Conselho Geral.

Guarda-Tártaro 2 – Só que não há maneira de o Conselho Geral chegar a uma conclusão e Mitaquer já anda desatinado com tal demora.

| *(Na tenda-prisão, os portugueses comentam a conversa dos Tártaros.)*

Cristóvão Borralho – De que conversam os Tártaros?

Gaspar Meireles – Dos desaires que têm tido no assalto ao castelo de Nixiancó. Não vedes que há dois dias que aqui estamos e não há maneira de o tomarem.

Fernão Mendes – Pois que se preparem os que estão dentro, que uma vez tomado o castelo, não ficará viva alma. Vistes o que fizeram na cidade Quansi, onde estávamos prisioneiros?

Jorge Mendes – Não ficou pedra sobre pedra e foram mais de sessenta mil os que trespassaram com a espada.

Cristóvão Borralho – E com tanta valentia não são capazes de tomar tão pequeno castelo?

Jorge Mendes – Bem fácil parece a empresa. Não vejo onde esteja a questão....

(Entretanto, os guardas Tártaros foram-se aproximando e apercebem-se de que os portugueses os entendem.)

Guarda-Tártaro 1 – Que gente sois e qual é a vossa Terra?

Gaspar Meireles – Somos de Portugal, um reino que fica do outro lado do mundo e que se estende por mares, ilhas e oceanos até estas terras onde estais...

Guarda Tártaro 2 – E porque estáveis prisioneiros naquela cidade de Quansi?

Fernão Mendes – É uma história muito comprida e assaz triste. Pobres de nós, que sem termos feito mal a ninguém, fomos presos por vagabundos depois de um naufrágio, fomos julgados em Pequim e desterrados para essa cidade onde estávamos condenados a passar os últimos dias...

Guarda-Tártaro 1 – Peleja-se lá na terra donde vindes?

Cristóvão Borralho – Outra coisa não fazemos que pelejar.

Jorge Mendes – Somos os adversários mais temidos de todos os reinos em nosso redor.

Guarda-Tártaro 2 – Quer dizer que o vosso rei é inclinado à guerra...

Jorge Mendes – É como se nela nascêssemos: todos somos criados nela e exercitados para a luta desde pequenos.

Guarda-Tártaro 1 (*para o Guarda-Tártaro 2*) – Estes presos parecem homens em quem cabe razão. (*Para os presos*) Se algum de vós, pelo que dizeis e pelo muito que tendes visto pelo mundo, soubesse de algum ardil com que o Mitaquer pudesse tomar este castelo, não só recobraríeis a liberdade, como seríamos nós a ficar de vós cativos.

Jorge Mendes – Se o Senhor Mitaquer nos garantir que nos porá em porto seguro donde possamos seguir para a nossa terra, eu vos prometo que vos direi maneira de tomardes o castelo com bem pouco trabalho.

Guarda-Tártaro 1 – Cuida bem no que dizes, porque se fizeres o que agora prometes, tudo isso terás e muito mais ainda.

| *(Afastam-se os Tártaros para a tenda do general e discutem os portugueses com Jorge Mendes.)*

Gaspar Meireles – Tem tento no que dizes, que se não souberes como tomar o castelo, em vez de nos darem a liberdade, estes Tártaros hão-de tomar a nossa vida e fazer-nos em quartos.

Jorge Mendes – Quanto à minha vida, bem pouco dou eu por ela. Por isso, se ma tirarem os Tártaros, menores padecimentos terei. E se há-de ser amanhã, pois que seja já hoje. Mas se conseguir ajudá-los, graças me haveis de dar por tamanha penhora que vos faço.

(Momentos depois vêm de novo os Tártaros, que levam os portugueses à presença do General Mitaquer. Mitaquer encontra-se rodeado de alguns capitães.)

Mitaquer – Aproximai-vos. E vós *(dirigindo-se a um dos seus)* tirai-lhes as cadeias mais pesadas, que temos por certo que não estão em condições de nos fugir.

(Um dos guerreiros tártaros tira as pesadas bolas que estão agarradas às cadeias que os portugueses trazem nos pés.)

Mitaquer – Quereis alguma coisa de comer.

Jorge Mendes (*em nome dos colegas*) – Seria uma grande mercê que nos faríeis, pois há já três dias que mal tocamos em comida.

Mitaquer (*para o seu tilimei*) – É bem estranho o que fazeis padecer a estes homens, contra os quais não temos acusação alguma. Dai-lhes alguma coisa com que restabeçam as forças!

| (*Trazem uns pratos de arroz*
| *com pedaços de pato.*)

Capitão Tártaro – Bem fazeis, senhor, em lhes matardes a fome, que pela maneira como comem vos ficam agradecidos e, se outro préstimo não tiverem, eles vos servirão zelosos no assalto ao castelo.

Outro Capitão Tártaro – Ou podeis vendê-los como escravos por boa paga, que mais de mil taéis vos hão-de render.

Mitaquer (*para Jorge Mendes*) – Sois vós que tendes solução para tomar o castelo?

Guarda-Tártaro 1 – Foi ele próprio que no-lo disse.

Mitaquer – Se nos ajudardes nesse trabalho, eu vos faço promessa de grandes honras e rendas e

valia com el-rei e vos prometo a liberdade para vós e para os vossos companheiros. Pois se por esse meio Deus nos der a conquista deste castelo e a vingança do sangue dos nossos, não sereis para mim menos do que qualquer dos meus filhos.

Jorge Mendes – Sabei que o que disse ao vosso guarda foi apenas que, vendo o castelo por meus olhos, poderia dar-vos a solução de o tomardes. E, se assim vos parecer bem, logo logo rodearemos o castelo e poderei então dizer-vos o melhor modo de assaltá-lo.

Mitaquer – São sábias essas palavras. Escolhei então dois de entre os vossos colegas e ide fazer essa vistoria com dois dos nossos capitães...

(Jorge Mendes e os seus acompanhantes, protegidos pela escuridão, dão uma volta ao castelo, assinalando o português os pontos que lhe parecem mais fracos e onde podiam lançar as escadas para fazer o assalto final. De regresso da sua vistoria, Jorge Mendes dá conta dos pontos onde podem ser lançadas as escadas e do modo de entrar na fortaleza.)

Jorge Mendes (*para Mitaquer*) – Sabei, senhor que isto não tem muito que ver. Em primeiro lugar há que sangrar a cava com muita terra e entulho em seis posições que permitam encostar as escadas ao castelo e fazer o muro tão baixo que se torne mais fácil entrar dentro. Depois há que ter escadas bem largas que caibam três homens de cada vez a subir por elas. E para que haja sucesso nesta nossa empresa, há que primeiro fazer acorrer os inimigos a um ponto, em que os distrairemos com fogo e panelas de cal, para que no lado oposto os mais valerosos dos nossos saltem dentro, abram as portas e nos facilitem a entrada.

Mitaquer – Esse me parece um bom plano e se tudo correr como desejado, a vitória será nossa.

(Seguem-se os preparativos para a batalha. O castelo aparece ornado de muitos estandartes e guiões. Em direcção ao castelo formam-se várias filas de tártaros, com portugueses a ajudar e comandados por Jorge Mendes e Mitaquer, montados a cavalo. Começam a ouvir-se os tambores que marcam o ritmo da investida. A um sinal do Mitaquer, param os tambores e ele diz)

Mitaquer – Faz oito dias que morreram aqui emboscados cem dos nossos melhores guerreiros. O sangue deles reclama a nossa vingança. E o Senhor Deus nos há-de ajudar a dar uma lição a estes perros que assim nos desafiaram. E com a ajuda destes portugueses que parecem dominar bem todos os caminhos e os ardis da guerra, a vitória será nossa!

Todos em coro – A vitória será nossa! A vitória será nossa!

Mitaquer – Vamos a eles!

Todos em coro – Vamos a eles! Vamos a eles!

(Ouvem-se de novo os tambores e são disparadas as primeiras setas e despejadas panelas de fogo, de que se vê muito fumo dentro dos muros do castelo. Acorrem os de dentro aos pontos onde se dão os maiores fogos. E avançam os Tártaros com seis escadas com a largura de 1 metro que encostam às paredes.

Jorge Mendes – Escada 1, 2 e 3 para a vertente da esquerda! Escada 4, 5 e 6 para a vertente da direita! Vamos a eles!

Todos – Vamos a eles!

Jorge Mendes – Aí, mesmo, ao lado das portas.

Fixai-as bem!

Mitaquer – Prendei-as bem às ameias, para que elas as não derrubem!

Jorge Mendes – E dai-lhes a provar o sabor do seu próprio sangue!

Vozes – Tomai perros!

– Pelo sangue dos nossos, tomai!

– Há-hi-lá! Há-hi-lá!

– Hu-Hi-hu! Hu-Hi-Hu!

– À morte, infíéis!

Mitaquer – Que não fique ninguém vivo!

Trespasai-os com as lanças! Com as espadas!

Vozes – À morte, perros infíéis! À morte!

– Hou-lá! Hou-là!

Vozes dos portugueses – Tomai, para saberdes que em Portugal também se luta!

– Por S. Jorge e por S. Tiago, tomai!

(Enquanto uma ou duas das escadas são empurradas e se voltam, caindo, as outras mantêm-se bem erguidas e firmes, subindo por elas duas dezenas de Tártaros, aos

gritos, comandados pelo Mitaquer e por Jorge Mendes. Uma vez em cima, começam lutas de espada que fazem com que de vez em quando caia um chin trespessado cá em baixo. Jorge Mendes é o primeiro a erguer o guião dos Tártaros nos muros da cidade.)

Mitaquer – Vejam, meus bravos guerreiros, como é valorosa e determinada esta gente que vem dos confins do mundo. Se o Rei destes portugueses cercasse Pequim como nós o temos cercado, o chin perdera mais depressa a sua honra do que nós lha fizemos perder. Abri as portas e terminemos o que já está começado.

(Abrem-se as portas e entram os Tártaros de rompante registando-se grandes combates e caindo os chins trespessados pelas lanças em grande número. O Mitaquer junta então as bandeiras dos chins, de que faz um grande monte e que incendeia, enquanto manda erguer em vários pontos as suas bandeiras, ao mesmo tempo que o castelo é incendiado e se transforma numa nuvem de fumo. As cabeças dos chins caídos no

terreno são cortadas e erguidas em postes, à vista de toda a gente. No final, o General Mitaquer arma cavaleiros alguns dos seus homens mais bravos, armando também cavaleiros os portugueses. Tudo isto é feito de uma maneira muito cerimoniosa e ordenada, ao som de música. Mitaquer senta-se depois no meio do terreiro, num palanque mais elevado que os portugueses e os seus guerreiros, e fala para Jorge Mendes.)

Mitaquer – Pelo vosso serviço, pelo ardil que nos permitiu tomar o castelo e pela bravura que demonstrastes na batalha, eu vos concedo a liberdade e vos prometo colocar-vos a salvo em porto de que possais partir para vossas terras.

Jorge Mendes – Que o Deus dos céus em que acreditais e o vosso Rei vos concedam todas as honras, pelo trato que nos fazeis.

Mitaquer – E para que não nos tomem por ingratos, eu vos ofereço, como reconhecimento da nossa gratidão, mil taéis de ouro a vós, Jorge Mendes, a cuja indústria devemos este sucesso e ofereço mais cem para cada um dos vossos companheiros pela ajuda que nos deram.

Jorge Mendes – Tamanhas são as mercês que nos fazeis que vos estamos gratos por todas elas, senhor.

Mitaquer – E sabeis que a tomada deste castelo me vai dar a honra de me sentar junto do Rei que temos por senhor, e já os meus enviados me fizeram saber o quanto ele deseja conhecer-vos pessoalmente e agradecer-vos também o vosso empenho.

Jorge Mendes – Não temos palavras para vos mostrar a nossa gratidão e por isso mais acertado será o silêncio metido na alma que Deus pôs em nós. E já que nos faltam as palavras, sabeis que com nossos gemidos e preces não nos cansaremos de pedir ao Senhor que fez os céus e a terra, para ti e para todos os teus, que possais ter parte nas suas promessas depois que nesta vida viverdes muitos largos anos.

Capitão-Tártaro 1 – Estranhas maravilhas faz Deus que põe na boca destes homens que desconhecem as nossas verdades palavras tão agradáveis aos ouvidos que nos fazem crer que mais sabem eles das coisas divinas dormindo, do que nós acordados. E bons sacerdotes devem

eles ter em seu reino que mais entendem destas coisas que os nossos bonzos.

Capitão-Tártaro 2 – Por isso digo que mais acertado seria não os deixar partir, pois nos poderão, como mestres, muitas coisas ensinar.

Mitaquer – Isso nunca, pois lhes temos prometida a liberdade, e se o fizesse el-rei seria quebrar a verdade da sua e da nossa palavra e perder a grandeza da sua honra. *(Dirigindo-se aos portugueses)* E agora preparai-vos que hoje mesmo partiremos para a cidade de Pequim, a que El-Rei faz cerco, e onde nos espera para vos receber.

(Organiza-se um cortejo, ao som de música, que poderá dar duas voltas à praça ou sair por outro caminho até outra praça onde estará a tenda do Rei Tártaro. O percurso simbolizará os vários dias que separam a última cena da cena em que os portugueses são recebidos.

Nesta nova praça à qual vai ter o cortejo vê-se ao fundo uma tribuna na qual está o Rei Tártaro. A dois ou três passos dele estão

outros reis em duas filas, com vestiduras ricas e festivas. Um pouco mais afastadas estão algumas formosas mulheres tangendo diferentes instrumentos. À volta do rei estão doze meninos, de joelhos, com as suas maçãs sobre os ombros. Atrás do Rei está uma jovem, também formosa e ricamente vestida, com um leque que abana de vez em quando para refrescar o Rei. O Rei está com um quimono roxo, como se fosse uma opa, recamado de pérolas e com umas sandálias verdes lavradas a ouro. Na cabeça, um gorro de cetim roxo, com uma borda de diamantes e rubis. À entrada do perímetro, guardas impedem a passagem de quem quer que seja, não deixando avançar senão o Mitaquer e os portugueses que o acompanham. Os portugueses param dez ou doze passos antes do Rei e beijam três vezes o chão enquanto dizem)

Portugueses – Faly hincane midoo patinau dacorem! Cem mil anos viva o senhor das nossas cabeças. Faly hincane midoo patinau dacorem!

(El-rei manda que cesse a música e segreda umas palavras, em língua ininteligível, para o Mitaquer.)

Mitaquer – O nosso Rei quer saber como se chama a vossa terra.

Jorge Mendes – A nossa terra chama-se Portugal e temos um rei que é muito rico e poderoso.

Rei Tártaro – E que distância vai da vossa terra a esta terra do chim em que agora estamos?

Fernão Mendes – Sabei Vossa Majestade que de Portugal até esta cidade de Pequim vai uma distância de quase três anos de caminho.

Rei Tártaro – Julicavão julicavão minaidotoreu pismão himacor davulquitaroo xinapoconifando hoperau vuxido vultanitirau companoo foragem hupuchidai purpuponihincau.

Mitaquer – Diz o nosso rei: “Ó criador, ó criador de todas as coisas, qual de nós outros, pobres formigas da terra, poderá compreender as maravilhas da tua grandeza?”

Rei Tártaro *(acenando com a mão)* – Fuxiquidane, fuxiquidane.

Mitaquer – Venham cá, venham cá.

| *(Os portugueses aproximam-se
do Rei Tártaro.)*

Rei Tártaro – Pucáu, pucáu?

Fernão Mendes – Quase três anos de caminho
por mar.

Rei Tártaro – Julicate companoo paro maro
foge?

Mitaquer – Porque não vindes por terra e vos
aventurais por mar?

Fernão Mendes – Porque a terra é muito gran-
de e há nela reis de diversas nações que o não
consentem.

| *(O Rei Tártaro diz mais uma expressão inin-
teligível que é traduzida pelo Mitaquer.)*

Mitaquer – Que vindes aqui buscar e porque
vos aventurais a tão grandes trabalhos?

Jorge Mendes – Vimos a conquistar estas
terras, a ensinar a estes chins as coisas de Deus
e a procurar fazendas e especiarias que não há
nas nossas.

Rei Tártaro – Conquistar esta gente em terra tão alongada da sua pátria dá claramente a entender que deve haver entre eles muita cobiça e pouca justiça.

Ancião Tártaro (*sentado entre os que rodeiam o Rei Tártaro*) – Assim parece que deve ser.

Porque homens que voam por cima de todas as águas para ter o que Deus lhes não deu ou são tão pobres que de todo se esquecem da sua pátria ou tão cobiçosos que depressa negam Deus e os seus pais.

Mitaquer – Querem eles também saber, majestade, quando poderá ser dado cumprimento à promessa, que eu em meu e em vosso nome lhes fiz, de os deixar regressar à sua terra.

Rei Tártaro – Terei muito gosto em vos ter ao meu serviço e vos farei mais mercês que a qualquer outro estrangeiro dos que me serviram na guerra.

Mitaquer – Sabei senhor que são casados e têm muitos filhos tão pobres que só com o seu trabalho os podem sustentar.

Rei Tártaro – Folgo saber que têm lá tamanho penhor, como dizem, para que com mais gosto possa cumprir o que lhes prometeste.

(Mitaquer, erguendo as mãos ao céu, faz sinal aos portugueses para lhe agradecerem.)

Portugueses – Hipausinafapó lagão companoo ducure vidai hurpane marcutó valem! Sobre mil gerações descansem teus pés, para que fiques senhor dos que habitam a terra.

Rei Tártaro *(para um príncipe que está mais perto de si)* – Falam como gente que se criou entre nós. *(Dirigindo-se então a Jorge Mendes)*

E tu, em que estás? Queres ir ou ficar?

Jorge Mendes – Eu, senhor, como não sou casado nem tenho filhos que me chorem, quero antes servir vossa alteza que ser conde em Portugal ou mil anos chaém de Pequim!

(Sorri o Rei para Mitaquer e faz um sinal às mulheres que voltam a tocar seus instrumentos, enquanto os portugueses se afastam e o rei regressa aos seus aposentos com as instrumentistas e com aquela que lhe abanava o leque.)

(Página deixada propositadamente em branco)

V QUADRO

Quando os espectadores entram na praça, está à entrada dela um cortejo de um funeral, que é o funeral do Padre Francisco Xavier. Vê-se um caixão, coberto com um grande pano de brocado por cima. Logo atrás do caixão, segue um grupo de meninos órfãos e logo a seguir um grupo de padres da Companhia de Jesus. Fernão Mendes está vestido com uma túnica negra mas faz aqui o papel de trovador e de apresentador dos quadros.

(Página deixada propositadamente em branco)

Fernão Mendes Trovador –

Nestas peregrinações
por tão estranhos lugares
entre ventos e monções,
tempestades, furacões,
perdidos dentro dos mares,
também pregámos a cruz
de Nosso Senhor Jesus.

Encontrámos no Japão
S. Francisco Xavier
prostrado e em oração,
entre Malaca e Sião,
e entre povos de outro crer
também pregámos a cruz
de Nosso Senhor Jesus.

Depois do Pegu e do Bungo
quis ir pregar a doutrina
às terras do fim do mundo
cheio de zelo profundo
no grande império da China.
Também pregámos a cruz
de Nosso Senhor Jesus.

Sua morte causou pranto
mas já depois de enterrado
foi enorme o nosso espanto
ao ver que o corpo do santo
estava em perfeito estado.
Também pregámos a cruz
de Nosso Senhor Jesus.

Vai-se agora trasladar
para a cidade de Goa
e o vice-rei quis mandar
se faça representar
a vida santa e boa
que porfiou em levar.
Também pregámos a cruz
de Nosso Senhor Jesus.

(O cortejo avança ao som de um Benedictus Dominus Deus Israel, cantado pelos meninos órfãos do Colégio da Companhia de Jesus e pelos padres e irmãos da Companhia. O caixão é colocado numa das varandas mais centrais e elevadas da praça. Na outra

varanda surge Fernão Mendes que faz o anúncio da primeira representação: o milagre dos Achéns. A história pode ser contada por dois narradores que desdobram a figura de Fernão Mendes Pinto, com o apoio de um actor que representa o Padre Francisco Xavier e mais dois ou três representando portugueses.)

Fernão Mendes 1–

Estávamos nós em Malaca
desprovidos de defesa,
o rei do Achém nos ataca
e faz de nós sua presa.
Vem ele com grossa armada
muitas fustas, galeotas,
e nos dá guerra cerrada
cercando todas as portas.

Fernão Mendes 2 –

Incendeia nossas naus
e aos pobres pescadores
toma conta dos paraus
e faz-lhes grandes horrores.

A uns cortou o artelho,
noutros orelha e nariz,
devolvendo-os por um velho
com uma missiva que diz:

Português (*lendo a missiva do Rei de Achém*) –
Biyayá Sora, filho de Seribiyayá, pracamá de
Rajá, em nome do Rei do Achém e da terra de
ambos os mares, te faço saber para que assim
o digas ao teu rei, que neste mar em que estou
descansado, assombrando com meu bramido
essa tua fortaleza, hei-de estar pescando a seu
despeito, e por muito que lhe pese, o tempo que
me vier à vontade. E a todos certifico que o teu
fica vencido e sem honra nenhuma, e as suas
bandeiras derrubadas no chão para jamais as
poder levantar sem a licença de quem o venceu.
E para te confessar ser verdade isto que digo, eu
te desafio daqui donde estou, se por sua parte mo
quiseres contradizer.

Fernão Mendes 1 –

A S. Francisco Xavier
vindo da Santa do Outeiro

manda o capitão saber
que dizer ao artilheiro.

Padre Francisco – O meu parecer, já que vossa mercê mo pergunta, é que lhe vá ladrando nas costas, para que não cuidem estes mouros de nós que de todo estamos desguarnecidos que lhes não possamos fazer algum nojo, se outra vez cá tornarem.

Capitão – Muito bem me parece isso, mas bem vê vossa reverência que, da maneira que nós estamos, só temos quatro pedaços de fustas podres em que não há conserto.

Padre Francisco – Se a causa não está em mais que no conserto das naus, eu tomarei esse conserto à minha conta, para honra de Deus e de el-rei nosso senhor.

Capitão – Se vossa reverência isso fizer, todo o povo o ajudará em jornada tão santa.

Padre Francisco – Então mãos à obra que o Senhor é connosco e não nos há-de faltar o necessário para o conserto da armada. Tomai cada um de vós o consertardes uma dessas fustas e

eu vos prometo que o prémio do vosso trabalho
será pago a cem por um.

Fernão Mendes 2 –

E foi tão grande a labuta
que ao fim de pouco tempo
não havia uma fusta
que não estivesse a contento.

Está a armada p'ra partir
com o padre a capitão
mas todos lhe vão pedir
que caia em sua razão
e fique ali com os seus
a rezar pela vitória
que com a ajuda de Deus
se há-de escrever esta história.

Fernão Mendes 1 –

Já de velas desfraldadas
entrando em pleno mar
uma das naus consertadas
logo vem a naufragar.

Chama-se o padre a correr
que já estava em orações
e quando fica a saber
expõe as suas visões.

Padre Francisco – São misteriosos os caminhos do senhor. E se Deus não faltou com sua ajuda a Josué que queria retomar a terra santa, também não vos há-de faltar na vossa tormenta.

Capitão – Sabei santo Padre Xavier, que todos nós queremos cumprir o que havemos prometido, mesmo que vejamos a morte pela frente, mas é bem certo que mais uma fusta nos daria muito jeito.

Padre Francisco – Eu vos louvo a firmeza dos vossos propósitos e vos asseguro que tendes todos muita confiança em Deus, porque em lugar desta fusta perdida, muito cedo ele vos trará aqui duas fustas e isto se fará, hoje mesmo, antes que o dia se finde.

Fernão Mendes 2 –

Não passavam duas horas
quando o vigia do cais

avistou sem mais demoras
as duas fustas reais.

Fernão Mendes 1 –

Oh que visão tão santa
Oh que santo abençoado
Este é milagre que espanta
até o mais renegado.

Fernão Mendes 2 –

Delas era capitão
Dom Diogo Soares
que jurou sua tenção
de investir por esses mares
perseguido o Rei d’Achém
por baías, enseadas
por aquém e por além
das rotas por nós cruzadas.

Fernão Mendes 1 –

E na Igreja do Outeiro
à frente da cruz sagrada
nosso santo marinheiro
com sua face abrasada

não deixava de rogar
ao senhor dos aflitos
que nos deixasse ganhar
por todos santos benditos.

Padre Francisco (*erguendo os braços ao céu*) –
Ó Jesus Cristo, amores de mi anima, pelas dores
da tua sagrada paixão não nos desampares. Re-
zai todos um Pater noster e uma Ave-maria pela
vitória dos nossos que daqui se embarcaram.

Fernão Mendes 2 –

Três meses eram passados
depois que os barcos partiram
e os fiéis desconfiados
destes pedidos se riram!

Fiéis – Bofé, Padre, muito melhor fora esse Pater
noster por suas almas, que por essa vitória que
dizeis e de que Deus a vós e ao capitão há-de
pedir estreita conta, por serdes ambos causa de
suas mortes.

Fiéis – Desses e dos ungidos há aí tão poucos
que não há nenhuns.

Fiéis – Se os vós alguma hora virdes, bem vos podeis benzer deles.

Fernão Mendes 1 –

Mas tanta falta de fé
não lhe trazia a descrença
e é no rezar que se vê
onde está sua diferença.

Fernão Mendes 2 –

Até que um dia chegou
em que o padre arrebatado
solenemente avisou
que fora o mouro arrasado.

Padre Francisco (*transfigurado e com os olhos no céu*) – Dizei um Pater noster e uma Ave-maria, pela vitória que Deus nosso senhor agora deu aos nossos, contra os inimigos da sua santa fé.

Fernão Mendes 1 –

Oh que excelsa visão
Oh que santo tão bendito
Tudo se passou então
como ele havia dito.

Pois a essa mesma hora,
soubemo-lo nós mais tarde,
toda a nossa armada fora
por sobre o mouro cobarde
e tão forte o destroçou
que em toda a redondeza
muitos anos se contou
aquela nossa proeza.

CORO

Quem nos deu a vitória na guerra de Achém
Foi a benção de Deus e da Virgem Maria
E ao Padre Francisco devemos também
os rogos e as preces de noite e de dia.

Nosso Deus lhe conceda na vida futura
a alegria eterna da eterna ventura!

É um homem tão bom, é tão puro e tão santo,
tão capaz de milagres com sua oração
que só ele merece que com nosso canto
para sempre louvemos o seu coração.

Nosso Deus lhe conceda na vida futura
a alegria eterna da eterna ventura!

*(Fernão Mendes surge agora em outra
varanda ou em outro canto da praça onde
pode estar montado um palco de mario-
netas — sugerem-se marionetas do género
dos Bonecos de Santo Aleixo — para repre-
sentar mais uma edificante cena da vida
do Padre Francisco Xavier, sob a forma de
um auto vicentino, ao jeito daqueles que o
Padre José de Anchieta haveria de compor
e apresentar nas aldeias brasileiras.)*

Fernão Mendes Trovador –

Porque o desígnio divino
tem escrita bem sinuosa
p'ra fazer face ao malino
saibamos o que ao destino
fez a graça venturosa.

Na história que vamos ver
há dois criados do demo
missionários do descrer
que a todos querem trazer
para as chamas do inferno.
*(Apontando as cortinas vermelhas
de onde sairão os dois diabos).*

Há também uma alma santa
que resiste à tentação
com que o diabo a encanta
e que todo o mal espanta
prostrando-se em oração.
*(Apontando as cortinas roxas
de onde sairá o padre).*

Há ainda os marinheiros
de uma nau lusitana
que de tão aventureiros
se tornaram prisioneiros
em tempestade tamanha.

*(Apontando para as cortinas brancas
com a cruz de Cristo,
que simbolizam as velas
de onde sairão os portugueses)*

Chama-se este auto sagrado
Auto do Batel Perdido
pois nele vos é contado
como no mar conturbado
andou um barco escondido
até que com muita reza
de Francisco Xavier
se deu a grande proeza
de aparecer de surpresa
o barco dado a perder.

| *(Sai Mafamá com estes dizeres)*

Mafamá –

Eu já estava impaciente
p'lo terreno que perdemos
nas terras do Ocidente.
Mas também no Oriente
se vai tudo o que nós temos.

| *(Sai Mafamé que lhe pergunta)*

Mafamé – Porque estás amofinado?

Mafamá –

Porque as almas do Japão
se passam pró outro lado.

Mafamé –

E quem é o renegado
que nos faz essa traição?

Mafamá –

É um padre que é hermano
dos soldados de Jesus.

Mafamé –

Vade retro, mano, mano,
com esse grande magano
que adora o Cristo da cruz.
E como entrou nestas terras?

Mafamá –

Veio em barcos portugueses
que até aqui fazem guerras
por sobre mares e serras
a japões e a chineses.

Mafamé –

Temos de arranjar maneira
de o fazer desesperar.

Mafamá –

Dar-lhe-emos tal canseira
que o traga à nossa beira
p'ra nosso amo adorar.

| *(Sai o Padre Francisco Xavier a rezar a Deus)*

Padre Francisco –

Senhora Santa Maria
Rogai por nós pecadores.
E para nossa alegria
concedei-nos acalmia
e dai-nos ventos melhores.

Mafamé –

Aí está o que faremos
para o levar à descrença

Mafamá –

Ventos fortes criaremos
e em tormenta o poremos
p'ra lhe fazer desavença.

Mafamé –

E a nós há-de pedir
que lhe demos a bonança.

Mafamá –

Dessa forma há-de cair
e sem tugar nem mugir
vai dançar a nossa dança.

*(Os diabos dão a uns foles enormes,
que fazem enfunar as velas
e põem grande rebuliço na nau.)*

Mafamé –

Ieramá, ieramá!
Comecem já os tormentos

Mafamá –

E que as ondas, ieramá,
dancem pra cá e pra lá
alevantadas p'los ventos

Mafamé –

Seja tão grande o escarcéu
e tão forte o desatino

Mafamá –

que todos percam o seu
no mar escuro como o breu
todo ele em desalinho.

Marinheiro 1 –

Misericórdia, senhor!
Dai-nos vossa protecção!

Mafamá – Seja a tormenta maior!

Marinheiro 2 – Vós sois o nosso pastor!

Mafamé – Somos vossa perdição!

Capitão –

Esse batel amarraí
que já se perde no mar
E é meu filho que aí vai.
Puxai a corda, puxai
não o deixeis afundar!

Marinheiro 1 –

Mas agora é o navio
que se atravessa nas águas.

Capitão – Estamos presos por um fio

Marinheiro 2 – O mastro já se partiu!

Capitão – Que negras são nossas mágoas

Marinheiro 1 –

S. Francisco nos valei
que temos a morte por certa!

Padre Francisco –

Virgem mãe nos socorrei
por vosso filho que é rei
e tudo pode e conserta.

Mafamá – (*para o Padre Francisco*)

Nada peças ao teu Deus
pois somos nós que sopramos.

Mafamé –

Estes ventos não são seus
Nem foram feitos nos céus.

Mafamá – Somos nós que os mandamos.

Mafamé –

Se queres que a tempestade
termine já a seguir
rende-te à nossa vontade!

Mafamá –

E a nossa potestade
aí está pra te servir.

Padre Francisco – Vade retro, Satanás,

Vade retro ad infernum.
Não é assim que terás

minha alma, nem me verás
condenado ad aeternum.

Mafamé –

Somos nós quem te conduz
Só tens de nos dar a mão.

Padre Francisco – Valha-me o Senhor Jesus

Que há-de ser minha luz
e ser minha salvação.
Que ele e a Virgem Maria
nos tirem desta tormenta
Que se torne a noite em dia
e acabe esta agonia
com que o diabo nos tenta!

*(Entram as ondas e a nau em acalmia
e os dois diabos fogem enroscados
para trás das suas cortinas.)*

Capitão *(para o Padre Francisco)*

Deus ouviu a vossa prece
e a tempestade cessou
Mas no mar não aparece
nem se vê sinal desse
batel que o vento levou.

Padre Francisco –

Não percais a esperança,
espreitai bem o horizonte.

Marinheiro (*falando da gávea*)

Até onde a vista alcança
e nos permite a bonança
não há barco que se apronte!

Padre Francisco –

Pois eu farei penitência
p'ra que o batel se não perca.
Com jejum e abstinência
e com muita paciência
vereis que ele se acerca.

| *(Retira-se o Padre Francisco
a rezar para um camarote
e saem de novo os diabos que dizem)*

Mafamá –

Estamos de novo em maré
de fazer a nosso jeito
com que o padre perca a fé.

Mafamé –

Não me chame eu Mafamé
se nos faltar ao respeito.

Mafamá –

E em nome de Mafamá
e do nosso Mafamede
eu juro que ele virá
aqui onde a gente está
a saciar sua sede.

| *(Rodeando e tentando de novo o Padre Francisco)*

Mafamé –

Se esse barco quiseres
fora de seu cativoiro
basta reconheceres
que só nós somos os seres
que mandam no mundo inteiro.

Mafamá –

Dito isso, o faremos
asinha aparecer
p'lo muito poder que temos
e grande glória daremos
a Francisco Xavier!

Padre Francisco –

Não haveis de me dobrar!
Se até Cristo no deserto
se recusou a adorar
o demo que o quis levar,
o que tendes por mais certo
é que faça eu igual
nesta vossa tentação.

Mafamé – Nosso poder é real!

Mafamá –

E a ti de nada vale
essa tua presunção!

Padre Francisco –

Regressai às profundezas
onde as chamas infernais
continuam bem acesas.
Que eu com as minhas rezas
imploro os dons divinais.
Por S. Pedro e Santo André
apóstolos pescadores,
S. João e S. Tomé
em nome da Santa Fé
peço ao Senhor dos Senhores
que a nossa embarcação

há tanto tempo escondida
tenha ventos de feição
que a tragam na perfeição
à nau de que anda perdida.

(Ditas estas palavras, são de novo os dois demónios arrastados para trás das cortinas das chamas do inferno e o Padre Francisco Xavier regressa à proa do navio, pedindo uma vez mais aos marinheiros que vejam se a nau está perto).

Padre Francisco –

Deitai os olhos ao mar
E espreitai com céu aberto
se não se vê a chegar
nas águas a navegar
nosso barco bem por perto.

Marinheiro –

Em todo o mar que avistamos
não se vê nova nenhuma
do batel que procuramos.

Capitão –

Melhor será que partamos
rasgando o mar e a espuma.

Padre Francisco (*batendo com a cabeça no mastro e erguendo os braços ao céu*)

P'la tua santa paixão
e tua morte na cruz
te peço p'ra nós perdão
e que dê a salvação
aos que esse barco conduz

| (*Vê-se aproximar o batel.*)

Marinheiro (*erguendo as mãos ao céu*)

O Senhor seja louvado
por este milagre tão santo.
Eis que o batel é chegado.
Ouvii Deus vosso recado
e atendeu o vosso pranto.

Fernão Mendes Trovador –

Foi a fé deste cristão
tudo virando ao contrário
que fez minha conversão
e me faz ir ao Japão
vestido de missionário.
Agora só Deus me interessa

só a sua luz me habita
e em minha alma está impressa.
Eu vou cumprir a promessa
de me fazer Jesuíta.

CORO

Só um santo podia no meio da tormenta
resgatar um batel tanto tempo perdido
e salvar nossa nau que já quase rebenta
pelas ondas virada e de casco partido.

Nosso Deus lhe conceda na vida futura
a alegria eterna da eterna ventura!

É um homem tão bom, é tão puro e tão santo,
tão capaz de milagres com sua oração
que só ele merece que com nosso canto
para sempre louvemos o seu coração.

Nosso Deus lhe conceda na vida futura
a alegria eterna da eterna ventura!

VI QUADRO

(As cenas deste quadro decorrem numa grande praça em que estão montados três palcos que permitirão três representações distintas relativas à passagem de Fernão Mendes Pinto pelo Japão e pelas ilhas Léquiãs e uma cena final de grande efeito visual. Cada cena constitui uma pequena unidade cénica e dramática, dirigida e apresentada por Fernão Mendes Pinto, desdobrado por dois actores diferentes, assumindo um deles, dentro da cena e com máscara, a figura de Fernão Mendes e podendo o outro assumir uma das outras figuras protagonistas. O quadro deve ser representado com uma técnica meio teatro de feira, meio commédia dell'arte, inclusive com o recurso a máscaras que cruzem os recursos do teatro italiano com os recursos do teatro japonês. A introdução ao quadro e às suas cenas é feita com o rufar de dois tambores, como se se anunciasse um arriscado número de circo.)

(Página deixada propositadamente em branco)

Fernão Mendes 1 – E agora, senhoras e senhores,

Fernão Mendes 2 – vamos colocar perante vós

Fernão Mendes 1 – ante os vossos incrédulos
olhos

Fernão Mendes 2 – a mais extraordinária
aventura

Fernão Mendes 1 – os factos mais surpreendentes

Fernão Mendes 2 – desta nossa peregrinação:

Fernão Mendes 1 – a chegada dos portugueses

Fernão Mendes 2 – às terras do Japão!!!

Fernão Mendes 1 – Nele tereis oportunidade
de ver

Fernão Mendes 2 – que foi connosco que
aprenderam

Fernão Mendes 1 – as artes da guerra

Fernão Mendes 2 – as armas de fogo

Fernão Mendes 1 – a pólvora

Fernão Mendes 2 – E também a fé.

Fernão Mendes 1 – É verdade que a pólvora,

Fernão Mendes 2 – tinha sido inventada
pelos chins,

Fernão Mendes 1 – mas foi preciso chegar
à Europa

Fernão Mendes 2 – às mãos dos portugueses

Fernão Mendes 1 – para regressar de novo aos
confins do mundo

Fernão Mendes 2 – com a morte embrulhada
como presente!

Fernão Mendes 1 – Pelo império da China,

Fernão Mendes 2 – senhoras e senhores,

Fernão Mendes 1 – já tínhamos nós viajado,

Fernão Mendes 2 – presos e cativos,

Fernão Mendes 1 – julgados e condenados,

Fernão Mendes 2 – fugidos e libertados...

Fernão Mendes 1 – Tínhamos passado pelo
Reino dos Tártaros,

Fernão Mendes 2 – honrados e premiados,

Fernão Mendes 1 – e tínhamos também
navegado

Fernão Mendes 2 – em tormentas e naufrágios,

Fernão Mendes 1 – no arquipélago dos Léquios,

Fernão Mendes 2 – quando ao fim de vinte
e três dias

Fernão Mendes 1 – de muitos trabalhos e danos

Fernão Mendes 2 – avistámos porto seguro
e grande terra para lá dele.

Fernão Mendes 1 – Era a ilha de Tanixumá

Fernão Mendes 2 – Era o começo do Japão.

(Surtem no palco de um lado um grupo de três ou quatro japoneses, entre os quais o Nautaquim, príncipe da ilha de Tanixumá e, do outro, três portugueses um dos quais é Fernão Mendes, o outro Diogo Zeimoto e o outro Cristóvão Borralho. Fernão Mendes 1 usará uma máscara para fazer o papel de Nautaquim e Fernão Mendes 2 usará outra máscara para fazer o papel de Fernão Mendes. Os portugueses, à vista do Nautaquim, prostram-se por terra três vezes.)

Fernão Mendes – Ó Senhor Nautaquim desta ilha de Tanixumá, que o bafo do alto Deus que tudo criou prospere o ser da vossa grandeza por mil anos por vos fazer semelhante ao grande Rei das terras do Ocidente, por cujo mandado somos vindos a vos visitar.

Nautaquim – E que o sol, com a doce quentura dos seus raios, aqueça estes laços de amizade que aqui firmamos, para que o Senhor seja louvado na sua paz para sempre.

Fernão Mendes – Assim o conceda o que dá ser ao dia e à noite.

Nautaquim – Que gente sois vós, pois, pelo rosto e pelas barbas, bem estou vendo que não sois chins?

Fernão Mendes – Sabei que somos de uma terra chamada Malaca, para onde há muitos anos viemos de uma outra que se chama Portugal.

Nautaquim – E quem vos governa, tão longe que estais de vossa terra?

Fernão Mendes – É o nosso Rei D. João, que habita no outro cabo do mundo e que tem seus representantes espalhados por todas as ilhas e portos da Índia, de Sião e da China.

Nautaquim – Cousa de grande admiração é essa. *(Voltando-se para um dos seus súbditos)* Está escrito nos nossos volumes que haveriam de vir voando por cima das águas uns chenchicogins que se vão assenhoreando de todas as riquezas por onde passam.

Japonês – Estes serão com certeza.

Nautaquim – Em boa sorte nos cairá virem eles a estas terras com título de amizade.

Japonês – E do mesmo modo lho devemos retribuir.

Cristóvão Borralho (*para Fernão Mendes*) –
O que é que estão a arengar?

Fernão Mendes – Que seremos nós chenchicogins...

Cristóvão Borralho – E o que é isso de chenchicogins?

Fernão Mendes – Pelo que pude entender,
heróis divinos que voam por cima das águas.

Cristóvão Borralho – Peixes voadores? E isso,
no que nos toca, será bom ou mau?

Fernão Mendes – Pelo trato e agasalho que nos
dão, deve ser coisa boa...

Nautaquim (*para Fernão Mendes*) – O que vos
traz então a estas terras?

Fernão Mendes – Sabei, senhor, que somos
mercadores e que andamos perdidos em mar
desde que saímos de Lampacau.

Diogo Zeimoto – E foi um necodá chim que nos
trouxe até aqui, para que, ajudando-nos assim
com a sua esmola, tivesse ele o favor de Deus
perante as adversidades do mar.

Nautaquim – Boas me parecem as vossas razões
e muito bom deve ser esse necodá que vos ajudou.

Fernão Mendes – Beijamo-vos os pés, Senhor Príncipe de Tanixumá!

Nautaquim – Mas dissei-me: é verdade o que dizem os chins e os léquios, ser o vosso reino de Portugal muito maior que todo o império da China?

Fernão Mendes – Isso vos concedemos, Senhor. Maior até que todo o império da China e todos os reinos do Japão juntos.

Cristóvão Borralho (*à parte*) – Que dizeis, Fernão Mendes?!

Fernão Mendes – Calai-vos! É isto que ele quer ouvir e isto nos trará os seus favores...

Nautaquim – E é também verdade que o vosso rei tem subjugado, por conquista de mar, a maior parte do mundo?

Fernão Mendes – Isso vos garantimos que é verdade!

Diogo Zeimoto – E a prova é que já aqui estamos, mesmo às portas do império chim, prontos também para o conquistar...

Nautaquim – Muito poder tem o vosso rei e gente de grande valor terá ao seu serviço para

assim mandar em todo o mundo. E certificais-me também que a sua riqueza em ouro e prata é tão grande que tem mais de duas mil casas cheias até ao telhado?

Fernão Mendes – Que é a maior riqueza das que o sol alumia desde que se alevanta até que se põe, disso não tendes dúvidas.

Diogo Zeimoto – E muitos são os palácios cheios por esses tesouros.

Fernão Mendes – Mas se são duas mil casas ou quatro mil ou cinco mil, isso não podemos certificar.

Diogo Zeimoto – Pois a terra e o reino são tamanhos e são tantos os tesouros e povos que a visitá-los todos lhes perderíamos a conta.

Nautaquim – É certo que se não deve de haver por ditoso nenhum rei dos que por aí há, se não for vassalo de tamanho monarca como é o imperador desta gente.

Fernão Mendes (*fazendo uma grande vénia no que é logo seguido pelos outros dois*) – Honrado sejais senhor pelo favor que nos prestais.

Portugueses – Honrado sejais.

Nautaquim – Nós vos daremos dormida nos melhores lugares da cidade e amanhã nos trareis as mercadorias que tendes para trocar...

(Vão-se os japoneses e os outros portugueses, e saltam para a ribalta os dois Fernão Mendes, sem máscara, a comentar a acção).

Fernão Mendes 1 – E foi assim que os três primeiros portugueses

Fernão Mendes 2 – com pouco mais do que uma mão atrás e outra à frente

Fernão Mendes 1 – foram recebidos pelo grande Príncipe da Ilha de Tanixumá.

Fernão Mendes 2 – Fomos no dia seguinte ao barco onde tínhamos a nossa fazenda

Fernão Mendes 1 – e logo a pusemos à venda mesmo no centro da ilha.

Fernão Mendes 2 – Em três dias se vendeu toda, porque era pouca,

Fernão Mendes 1 – mas de dois mil taéis que valia se fizeram logo ali mais de trinta mil.

Fernão Mendes 2 – Só que o melhor ainda estava para vir. Porque três dias depois...

Fernão Mendes 1 – ...três dias depois andando Diogo Zeimoto à caça

Fernão Mendes 2 – causou o pasmo de toda aquela gente.

Fernão Mendes 1 – Tinha ele por passatempo atirar com uma espingarda sua

Fernão Mendes 2 – ofício em que era mui destro e de grande pontaria

Fernão Mendes 1 – e logo ali abateu umas vinte e seis marrecas

Fernão Mendes 2 – e outras aves de toda a sorte.

(Fernão Mendes 1 converte-se de novo em Nautaquim, surgindo num dos lados do palco acompanhado de mais dois japoneses. Aproxima-se dele Diogo Zeimoto, de espingarda às costas, várias peças de caça penduradas à cintura e seguido à distância por Cristóvão Borralho e Fernão Mendes – representado aqui por Fernão Mendes 2 com a sua máscara.)

Nautaquim – Caçastes todas essas aves sem lanças, sem fundas nem arco ou flecha?

Cristóvão Borralho (*para Fernão Mendes*) –
Pensa o japonês que nós caçamos como os pretos
de África...

Fernão Mendes – Ou que Diogo Zeimoto é
algum Cupido a disparar as setas de amor...

Diogo Zeimoto – Tudo cacei com esta espingarda.

Nautaquim – Espingarda chamais a essa arma?

Diogo Zeimoto – Espingarda, sim. E é mais
certeira que o vosso melhor guerreiro.

Nautaquim – E como fazeis para caçar?

Diogo Zeimoto (*puxa da espingarda, carrega-a,
aponta para uma rola*) – Estais a ver aquela
rola que ali vai a voar? (*Dispara e a rola
cai ao chão*).

Japonês – Cossa espantosa é essa...

Nautaquim – Isso só pode ser pacto com o príncipe diabo da cõncava funda da Casa do Fumo...

Cristóvão Borralho (*comentando*) – Pacto com
o diabo? Ele é o diabo em pessoa...

Fernão Mendes – Coisa espantosa é esta de os
japões não conhecerem as armas de fogo...

Cristóvão Borralho – Se o nosso Vice-Rei da
Índia sabe, em menos de um credo tomará conta
de todos os reinos do Japão...

Fernão Mendes – Não digas disparates!

Cristóvão Borralho – Disparates, porquê?!

Fernão Mendes – O que lhes falta em armas têm a mais em guerreiros!

Cristóvão Borralho – Guerreiros sem armas...

Fernão Mendes – Sem armas de fogo, mas mui destros com a espada. O melhor é termos bom trato com esta gente.

Japonês (*para o Nautaquim*) – Um milagre destes só pode ser diabólico...

Diogo Zeimoto (*imitando um ilusionista*) – Nada tem de diabólico, senhores.

Quereis ver: lança-se aqui este pó a que chamamos pólvora, mais este pelouro, que há-de ferir o animal, carrega-se bem tudo isto, chega-se o fogo e dá-se o disparo.

Nautaquim – Não só é grande o reino destes portugueses, mas grande é a sua ciência que tais milagres opera!

Diogo Zeimoto – Agrada-vos essa espingarda?

Nautaquim – Estimaria mais tê-la do que ser dono de todo o tesouro da China!

Diogo Zeimoto – Pois não seja esse o problema. Eu vo-la dou em mostra da nossa gratidão pelo recebimento que nos fizestes.

Fernão Mendes – Aceitai-a, como oferta de sua majestade El-Rei de Portugal.

Nautaquim – Por ela vos dou mil taéis de prata.

Diogo Zeimoto – Beijo-vos as mãos, senhor!

Nautaquim – Mas haveis de me ensinar também como se faz esse pó a que vós outros chamais pólvora. Sem ela não é esta espingarda mais do que um pedaço de ferro desaproveitado...

Diogo Zeimoto – Bem fácil é de fazer tal pó e não seja esse o vosso cuidado. Duas medidas de enxofre, três medidas de carvão e quinze medidas deste pó.

Nautaquim – E que pó é esse?

Diogo Zeimoto – É um pó especial, vossa alteza, mas sabeis que há gente que o faz com fezes de animais, bem secas, cozidas e pisadas.

Japonês – Estranha gente é esta que das fezes dos animais faz milagres tão elevados.

Fernão Mendes (*comentando para Cristóvão Borralho*) – Não tem nada que saber! Pois não

temos nós também os nossos tiros devido às
nossas fezes?

Cristóvão Borralho – Pois é: também os tiros
das espingardas são provocados pelas fezes
dos cavalos que montamos!...

Fernão Mendes – E com a febre da pólvora
a que Diogo Zeimoto vai dar lugar, se aqui
tivéssemos um campo para as recolher,
boa fortuna faríamos...

Nautaquim – E como chamais a esse pó que
misturais com o enxofre e o carvão?

Diogo Zeimoto – Salitre. Tudo bem batido e
moído, com cuidado não vá a pólvora rebentar-
-vos nas mãos, dá este pó mui fino com que se
carregam as espingardas.

Nautaquim – Agora digo eu e me certifico
de que sois os chenchicogins prometidos nos
volumes das nossas escrituras. Eu vos faço meu
parente e vos dou agasalho em meu palácio.

Diogo Zeimoto – Muitas graças vos damos pela
mercê que nos fazeis.

Nautaquim – E mais ordeno que por praças e
ruas se faça ouvir este pregão

Japonês 1 (*apregoando*) – O nautaquim, príncipe desta ilha de Tanixumá e senhor de nossas cabeças, assim manda e quer que seja cumprido

Japonês 2 (*continuando*) – que todos honrem e venerem este chenchicogim do cabo do mundo porque de hoje por diante o faz seu parente

Japonês 3 – assim como os facharões que se sentam junto de sua pessoa

Japonês 4 – sob pena de perder a cabeça o que isto não fizer de boa vontade.

Nautaquim – Isto é o que mando e isto quero que seja cumprido!

| *(Retiram-se todos excepto os dois Fernão
Mendes que dão continuidade à cena.)*

Fernão Mendes 1 – E foi assim, senhoras e senhores, que os japoneses descobriram as armas de fogo!

Fernão Mendes 2 – Pelas mãos dos portugueses, que desta forma juntaram lenha para se queimarem.

Fernão Mendes 1 – Porque o Nautaquim, logo, logo, no mesmo dia

Fernão Mendes 2 – pediu ao seu ferreiro que fizesse outra igual.

Fernão Mendes 1 – E quando dali nos partimos, cinco meses depois

Fernão Mendes 2 – eram já mais de seiscentas as espingardas naquela terra.

Fernão Mendes 1 – Voltei lá passados alguns anos

Fernão Mendes 2 – e eram mais de trinta mil só na cidade do Fuchéu

Fernão Mendes 1 – E mais de seiscentas mil em toda a ilha do Japão.

(Surtem agora, em outro palco, os dois Fernão Mendes — podem ser os mesmos da cena anterior ou dois novos — apresentando e conduzindo uma nova etapa da peregrinação de Fernão Mendes Pinto pelas terras do Japão.)

Fernão Mendes 1 – Mas não foram só as armas e a morte que levámos às terras do Japão!

Fernão Mendes 2 – Também levámos a saúde e a cura.

Fernão Mendes 1 – Porque nesta Peregrinação,

Fernão Mendes 2 – se fui escravo e prisioneiro

Fernão Mendes 1 – se fui marinheiro e embaixador

Fernão Mendes 2 – se fui náufrago e mercador

Fernão Mendes 1 – também fui médico e curandeiro.

Fernão Mendes 2 – Pobre de mim que sem saber o ofício

Fernão Mendes 1 – me vi no ofício de o ser para salvar a pele

Fernão Mendes 2 – e evitar o ofício de perder a vida.

Fernão Mendes 1 – Estávamos nós ainda naquela ilha de Tanixumá

Fernão Mendes 2 – Quando chegou ao porto uma nau do Reino do Bungo.

Fernão Mendes 1 – Nela vinham mercadores e também um embaixador

Fernão Mendes 2 – Com uma carta do seu senhor que trazia estes dizeres

(Com máscaras, transforma-se Fernão Mendes 1, de novo, em Nautaquim e Fernão Mendes 2 em Fernão Mendes. Junto dele estarão

Diogo Zeimoto e Cristóvão Borralho e à sua frente, em lugar de honra, o embaixador do Rei do Bungo.)

Nautaquim (*para os portugueses*) – Rogo-vos muito meus amigos, que ouçais esta carta que me chega de el-rei do Bungo, meu senhor e tio, e então vos direi o que de vós quero.

Embaixador (*lendo a carta*) – “Olho direito de meu rosto, Hyascarão goxo Nautaquim de Tanixumá, eu, Oregendó, vosso pai no amor, rei do Bungo e Facatá, senhor da grande casa de Fiancina, Tosa e Bandu, cabeça suprema dos reis das lhas de Goto e Xamanaxeque, vos faço saber que chegou ao meu conhecimento que tendes em vossa cidade uns três chenchicogins, vindos do cabo do mundo. Foi-me dito que afirmam em sua verdade que há terra muito maior que a nossa e gentes pretas e baças espalhadas por outros reinos, coisas bem difíceis de acreditar. Pois eu vos peço que me queirais mandar um desses três que dizem que aí tendes, que me dê contentamento nesta doença e má disposição em que estou lançado. E eu vos asseguro que não tardarei em

devolvê-lo e em pô-lo de novo a salvo junto de vós. E mais vos peço que por este embaixador Fingeandono me deis novas de minha filha, pois sabeis que é ela a sobranceira do meu olho direito, com cuja vista se alegra o meu rosto. Da casa do Fuchéu, aos sete mamocos da lua.”

Nautaquim (*para os portugueses*) – Sabei que este rei do Bungo é meu tio e pai de minha mulher e estou muito desejoso de lhe fazer a vontade, coisa que ele estimará mais do que todo o tesouro da China. (*Dirigindo-se apenas a Fernão Mendes e a Cristóvão Borralho*)

Diogo Zeimoto – E nós outra coisa não queremos que conhecer vosso tio.

Nautaquim – Rogo-vos que um de vós dois queira ir a Bungo ver este Rei, pois a Diogo Zeimoto não o deixarei sair até que me tenha ensinado bem a praticar com a espingarda.

Fernão Mendes – Beijamos as mãos de vossa alteza pela mercê que nos faz!

Cristóvão Borralho – Mas escolhei vós de entre os dois qual quereis que vá visitar o vosso tio.

Nautaquim – Já que me dais a escolher (*apontando para Fernão Mendes Pinto*),

escolho este que é mais alegre e menos sisudo, pois da triste melancolia de que sofre meu tio não o livrará a gravidade pesada destoutro; antes lhe acrescentará mais fastio ao fastio que já tem.

(Saem todos ficando apenas o Fernão Mendes 1 e o Fernão Mendes 2)

Fernão Mendes 1 – E assim saí de Tanixumá para Hiamongo, Quangixumá, Tanorá e Fiungá.

Fernão Mendes 2 – Sempre bem recebido e mui gasalhado nas terras por onde passámos.

Fernão Mendes 1 – E cheguei finalmente a Osquy, onde me esperava el-rei do Bungo

Fernão Mendes 2 – Mui doente e acamado e mui interessado nas minhas novas e em saber da sua filha.

Fernão Mendes 1 – Logo nos mandou chamar e nos recebeu com muita cerimónia e cortesia

(Com o recurso a máscaras, transforma-se o Fernão Mendes 1 em El-rei do Bungo e Fernão Mendes 2 em Fernão Mendes.)

Rei do Bungo – A tua chegada a esta terra de que eu sou senhor, seja ante mim tão agradável como a chuva do céu no meio do campo dos nossos arrozos.

Fernão Mendes *(sem máscara e em aparte)* – Tão embaraçado estou com esta saudação que me faltam palavras para botar faladura...

Rei do Bungo *(para os outros que o acompanhavam)* – Turvado sinto este estrangeiro e a causa há-de ser o ver tanta gente à sua volta...

Fernão Mendes – Turvado estou, alteza, mas não por ver tanta gente, que a isso já estou habituado.

Rei do Bungo – Qual a causa de vosso silêncio?

Fernão Mendes – A causa é ver-me eu perante vossos pés, vós a quem Deus pôs em tão alto grau que mais quisera ser uma pequena formiga em comparação com a vossa grandeza...

Japonês 1 – Vê vossa alteza como fala a propósito?

Japonês 2 – Não parece ele mercador apenas ocupado em comprar e vender...

Japonês 1 – Mais parece bonzo pregador e homem de grande ciência...

Rei do Bungo – Tendes razão. Deixai-me ser eu a fazer as perguntas que só de o ver já me sinto melhor e com menos fastio.

Rainha do Bungo – Deus é grande! Graças lhe sejam dadas por esta mercê que nos faz.

Rei do Bungo – Folgo muito de te ver e de falar contigo.

Fernão Mendes – Folgo também de vos ser útil no que quiserdes pedir-me...

Rei do Bungo – Sabes que há mais de dois meses que estou doente com esta enfermidade que me não deixa comer coisa nenhuma. Haverá por acaso alguma mezinha trazida dessa terra do cabo do mundo para este fastio que assim me traz aleijado?

Fernão Mendes – Saiba vossa alteza que não sou médico nem aprendi essa ciência.

Rei do Bungo – E há no vosso reino algum modo de cura?

Fernão Mendes – Sabei que no junco que nos trouxe da Índia e que se encontra no porto de Tanixumá há um pau cuja água tem grandes poderes.

Rei do Bungo – Capaz de me tirar desta doença?

Fernão Mendes – Se o tomardes estou certo de que tereis logo toda a saúde que agora vos falta.

Rei do Bungo – Mandai já alguém a Tanixumá em busca desse pau, que se ele me trouxer a saúde eu a pagarei com muitos favores a este chenchicogim, pois estou certo que foi Deus que o pôs em meu caminho!

(Desfaz-se a cena e continuam os dois Fernão Mendes narrando as ocorrências seguintes.)

Fernão Mendes 1 – Se em outras ocasiões a sorte me foi avessa, desta vez foi-me bem favorável...

Fernão Mendes 2 – Porque chegando os mensageiros com o pau e tomando ele aquela mezinha, não eram passados 30 dias quando o Rei do Bungo ficou livre daquele mal.

Fernão Mendes 1 – que o prendia ao leito há mais de dois anos, sem poder bulir nem mandar os braços.

Fernão Mendes 2 – Um mês mais passei eu ali

Fernão Mendes 1 – em agradáveis conversações
sobre todas as novidades,

Fernão Mendes 2 – em festas, exercícios de
guerra, caças e pescarias

Fernão Mendes 1 – que até parecia estar de
novo no paraíso terrenal.

Fernão Mendes 2 – Também passava o tempo
com a minha espingarda,

Fernão Mendes 1 – matando rolas, pombos e
codornizes.

Fernão Mendes 2 – E foi a maldita da espin-
garda que me ia levando desta para melhor.

Fernão Mendes 1 – Porque ignorando eles as
armas de fogo

Fernão Mendes 2 – muito se espantavam dos
pássaros que com ela matava.

Fernão Mendes 1 – E sendo o príncipe assaz
curioso e metediço

Fernão Mendes 2 – pediu-me que lhe ensinasse
a carregá-la e a dispará-la,

Fernão Mendes 1 – O que eu lhe prometi que
faria no dia seguinte.

Fernão Mendes 2 – Quando entrou em minha
casa, ainda eu dormia

(A cena transforma-se numa sala da casa onde dorme Fernão Mendes, que continua a ser representado por Fernão Mendes 2. A espingarda está pendurada na parede. Aproxima-se o Príncipe, filho do Rei do Bungo.)

Príncipe – O português ainda dorme...

Jovem japonês – Vamos esperar que acorde para depois tomardes a lição...

Príncipe – Isto não tem nada que saber. Já o vi fazê-lo muitas vezes.

Jovem japonês – Não ouseis mexer na arma sozinho. Pode o negócio correr mal.

Príncipe – Se vir que, sozinho, fui capaz de a usar, mais este chenchicogim se agradará de mim!

Jovem japonês – Olhai vós que neste caso não me quero meter... E de nada sou responsável.

Príncipe – Pois fá-lo-ei eu mesmo sozinho. Aqui nesta vasilha está o pó a que chamam pólvora. É só carregar, carregar, carregar, até encher bem todo o tubo (*vai metendo pólvora para dentro da espingarda*).

E agora chega-se o fogo e...

(Ouve-se um grande estrondo com uma explosão na cara do príncipe que cai como morto no chão, ferido na cara e com as mãos esfaceladas... Fernão Mendes acorda sem perceber o que se passa, aproximando-se incrédulo do Príncipe e pegando na cabeça dele e na espingarda. O Jovem japonês sai porta fora gritando.)

Jovem japonês – Acudam todos!

Acudam todos a esta grande desgraça!

A espingarda do estrangeiro matou
o filho de'el-rei.

(Chega o Rei — mais uma vez representado pelo Fernão Mendes 1 — sentado numa cadeira transportada como um andor por quatro homens, juntamente com a rainha abraçada a duas mulheres em grande pranto. Vem também um bonzo acompanhando o rei.)

Japonês 1 – O português o matou!

Japonês 2 – Ainda tem a arma na mão!

Japonês 1 (*avançando com o sabre desembainhado*) – Pois vamos dar-lhe a morte que merece

Japonês 2 – Justiça será feita e já!

Rei do Bungo – TA – TA – TA! Suspendei a vossa fúria e interroguemo-lo primeiro, pois tenho para mim que terá sido comprado como traidor por alguns parentes meus sobre quem fiz justiça há tempos. (*Dirigindo-se ao jovem que acompanhava o Príncipe*)

Estavas aqui quando tudo aconteceu?

Que foi que se passou?

Jovem japonês – Não sei. Só vi que foi a espingarda que matou o príncipe com uns feitiços que tinha dentro.

Japonês 1 – Para quê, senhor, ouvir mais?

Japonês 2 – Dê-se-lhe logo cruel morte!

Bonzo Asquerão – Eu te esconjuro, como filho do diabo que és, e culpado neste crime tão grave como os habitantes da casa do fumo metidos na cônica funda do centro da terra, que aqui confesses em voz alta que tu mesmo mataste este menino com as feitiçarias da tua espingarda e que digas a razão por que o fizeste!

| *(Fernão Mendes Pinto permanece mudo e quedo.)*

Bonzo Asquerão – Se não responderes às minhas perguntas te dou por condenado à morte de sangue e fogo e água e assopro de vento, para no ar seres despedaçado como pena de ave morta que se divide em muitas partes...

| *(Fernão Mendes continua mudo e quedo.)*

Bonzo Asquerão – Fala, perro, confessa quem te comprou, quanto te deram, e como se chamam, e onde vivem...

Fernão Mendes – Em nada disto sou culpado e a Deus tomo por juiz desta causa.

Bonzo Asquerão – Nem digno és de invocares o santo nome de Deus. Confessa já todos os teus crimes antes de seres estripado, degolado e queimado na fogueira!

Fernão Mendes – Deus é testemunha e ele me julgará!

(Entretanto o Príncipe acorda e apercebendo-se do que se está a passar dirige-se aos seus pais.)

Príncipe – Não choreis nem demandeis a ninguém a minha morte, pois só eu fui a causa desta desgraça.

Bonzo Asquerão – Foi o Português. À morte!
À Morte!

Príncipe – O português não tem culpa nenhuma. Fui eu que aqui entrei para aprender a usar a arma e estando ele ainda a dormir quis fazê-lo sozinho e essa foi a minha perdição.

Bonzo Asquerão – Foram os feitiços da sua arma.

Príncipe *(para o pai)* – Pelo sangue em que estou banhado eu vos rogo que solteis já esse português, pois se o não fizerdes é bem certo que logo tornarei a morrer.

(Os japoneses tiram as cadeias com que tinham prendido Fernão Mendes. Chegam entretanto dois bonzos para curarem o príncipe.)

Bonzo 1 (*olhando para o polegar do príncipe pendurado por um fio*) – É bom de ver que este polegar está quase solto da mão a que pertence...

Bonzo 2 (*apontando as feridas na face*) – E estes lenhos são bem profundos, que por aqui todo o sangue se escoo...

Príncipe – Tirem-me esses diabos da frente e tragam-me outros que me não digam da maneira que estou, pois isso já o sei muito bem.

| (*Saem estes dois bonzos e vêm outros dois.*)

Bonzo 3 – (*apontando para o polegar*) – Certo é que isto não tem cura e se o príncipe vai ficar sem dedo, também a vida com ele vai perder...

Bonzo 4 (*olhando para os lenhos no rosto donde escorre muito sangue*) – Bem fundos são estes golpes. Por eles já a sua vida se escapou!...

Príncipe – Ide demónios agoirentos anunciar a morte para outro lado.

Rei do Bungo – Que havemos de fazer?

Japonês 1 – Deveis mandar chamar o Bonzo Teixe que está na cidade de Facatá!

Japonês 2 – Bem conhecido é ele pelos seus poderes curativos.

Príncipe – Não sei que vos diga a essas propostas.

Japonês 1 – Mandemos já alguém a chamá-lo!

Príncipe – Se ides chamar esse Bonzo, de 92 anos e sem vista nos olhos, sabeis que donde ele está haverá um mês de viagem e nem a tempo chegará do meu funeral.

Rei do Bungo – Que havemos então de fazer?

Príncipe – Desafrontai esse estrangeiro, esvaziai a casa e deixai que ele me cure, pois os poderes que tem já os mostrou a curar meu pai.

Rei do Bungo (*para Fernão Mendes*) – Eu te rogo que vejas se me podes valer!

Fernão Mendes – Não sei que vos diga, senhor...

Rei do Bungo – Se me curares o menino, eu te juro que passarei a querer-te como filho e te darei tudo o que me pedires.

Fernão Mendes – Mandai embora toda essa gente que o seu vozear me confunde. (*Sai toda a gente resmungando as suas discordâncias. Fernão Mendes observando as feridas e a mão e dirigindo-se ao Rei*) Não se agaste vossa

alteza que, com a ajuda de Deus, vos darei
vosso filho curado em menos de um mês.

*(Dirigindo-se às mulheres que acompanhavam
a Rainha)* Trazei-me panos e ovos e água bem
limpa. E também uma agulha e linha.

*(Observa bem as feridas e o dedo. Limpa
as feridas e dá sete pontos no dedo e cinco
pontos nos lenhos que o príncipe tem na cabe-
ça. No fim dos pontos coloca sobre as feridas
umas estopadas de ovos. Enquanto vai fazendo
isso vai rezando esta ladainha)*

Fernão Mendes – Vós que curastes os leprosos
que vos tocavam, olhai por nós e por este meni-
no inocente...

Coro das mulheres – Olhai por nós e por este
menino inocente

Fernão Mendes – Vós que ressuscitastes Lázaro
que já estava morto há quatro dias, olhai por
nós e por este menino inocente!

Coro das mulheres – Olhai por nós e por este
menino inocente!

Fernão Mendes – Vós que expulsastes os demó-
nios da Filha da Cananea, olhai por nós e por
este menino inocente.

Coro das mulheres – Olhai por nós e por este menino inocente.

(Desfaz-se a cena e ficam de novo apenas os dois Fernão Mendes)

Fernão Mendes 1 – Cinco dias depois tirei-lhe os pontos

Fernão Mendes 2 – e continuei a fazer os meus curativos como vira fazer na Índia...

Fernão Mendes 1 – E vinte dias depois ficou o príncipe são,

Fernão Mendes 2 – sem outro mal que um pequeno esquecimento do dedo polegar

Fernão Mendes 1 – e umas cicatrizes na face que o tempo disfarçou.

Fernão Mendes 1 – Ficou-me este ofício de médico em muitas honras e mercês

Fernão Mendes 2 – muitas peças de vestidos de seda

Fernão Mendes 1 – muitos terçados e abanos

Fernão Mendes 2 – e mais de mil e quinhentos cruzados que de lá trouxe...

*(Num terceiro palco surgem novos Fernão
Mendes a anunciar outras aventuras
e desventuras.)*

Fernão Mendes 1 – Mas a sorte, senhoras
e senhores, nem sempre foi nossa madrinha...

Fernão Mendes 2 – Nem sempre, senhores
e senhoras, tivemos os favores dos grandes.

Fernão Mendes 1 – Vamos pôr perante
os vossos olhos

Fernão Mendes 2 – como também fomos presos
e maltratados,

Fernão Mendes 1 – como vimos a morte
à nossa frente

Fernão Mendes 2 – e como só por milagre dela
escapámos,

Fernão Mendes 1 – mais por graça divina que
por nosso próprio merecimento.

Fernão Mendes 2 – Tendo regressado a Tanixu-
má daí passámos a Liampó,

Fernão Mendes 1 – donde a cobiça do lucro nos
fez partir com nove juncos de fazendas

Fernão Mendes 2 – para nos fazermos de novo
às terras do Japão.

Fernão Mendes 1 – Mas quis Deus que uma grande tormenta nos fizesse naufragar

Fernão Mendes 2 – e desse connosco numa terra que soubemos ser a grande ilha do Léquio:

Fernão Mendes 1 – Todos os juncos e fazenda perdemos no naufrágio

Fernão Mendes 2 – e de setenta que éramos não nos salvámos mais de vinte.

Fernão Mendes 1 – De joelhos em terra e braços alevantados,

Fernão Mendes 2 – com a morte à frente, implorámos a ajuda divina:

Fernão Mendes 1 – Senhor Deus misericórdia! Senhor Deus misericórdia!,

Fernão Mendes 2 – quando se acercaram de nós quatro cavaleiros

Fernão Mendes 1 – que logo ali nos amarraram de três em três

Fernão Mendes 2 – e nos levaram presos até à cidade de Pongor,

Fernão Mendes 1 – para sermos ouvidos pelo broquéim da justiça.

(Transforma-se Fernão Mendes 1 em broquém da justiça de Pongor, sentado numa tribuna ornada com panos de seda e com quatro guardas de maçãs ao seu redor. Fernão Mendes 2 transforma-se em Fernão Mendes, que pode vir acompanhado de mais três companheiros. Ouve-se um sino e três pancadas de gongo e os portugueses, com grandes vénias, suplicam ao broquém.)

Fernão Mendes – Pedimo-vos, senhor, pelo Deus que fez o céu e a terra, que a vossa boa inclinação nos conquistou o favor de el-rei destes povos.

Português 1 – Já que o mar nos pôs nesta desventura, tenhais vós piedade de nós que somos pobres estrangeiros.

Português 2 – Se aqui estamos é por vontade de Deus e pelos nossos pecados

Broquém (*para os seus guardas*) – Que vos parece a vós esta gente?

Guarda 1 – Falam de Deus como quem tem notícia da sua verdade!

Guarda 2 – Grande mundo deve haver para lá daquele que conhecemos, donde esta gente terá a sua origem!

Guarda 3 – Bom será que se use com eles de acordo com suas lágrimas!

Broqué (*para os portugueses*) – Quanto gostaria de estar agora em vosso lugar, para poder usar mais da piedade do que da justiça. Mas pelo mandato que tenho investido eu vos admoesto e mando que me digais com coração limpo e claro: que gente sois e de que nação e como se chama a vossa terra?

Fernão Mendes – Sabei, senhor, que somos portugueses naturais de Malaca.

Broqué – Que fazíeis e para onde íeis quando vos perdestes?

Fernão Mendes – Somos mercadores e por isso é nosso ofício tratar com nossas fazendas.

Português 1 – Perdemos-nos na passagem do porto de Liampó para a ilha de Tanixumá onde íamos mercar com os japões.

Broqué – E como possuíis tantas riquezas de sedas e peças como aquelas que, de vosso junco, o mar nos deu?

Fernão Mendes – São apenas fruto do nosso trabalho e do nosso comércio.

Broquém – Mais me parecem o fruto de muitos roubos com que prestais ofício à serpe da casa do fumo, do que resultado do trato que tendes com o Senhor da Casa do Sol.

Português 2 – Somos mercadores e não ladrões, que a lei de Deus no-lo proíbe!

Broquém – Se assim é, qual a causa por que vossas gentes, quando tomaram Malaca pela cobiça das suas riquezas, mataram tantos dos nossos que ainda hoje temos algumas mulheres que vós fizestes viúvas?

Fernão Mendes – Terá sido por sucesso da guerra e não por cobiça de os roubar.

Broquém – Pois não é isso que dizem de vós! Negareis que quem conquista não rouba? Que quem força não mata? Que quem senhoreia não escandaliza? Que quem cobiça não furta? Que quem oprime não tiraniza? É bem certo que tudo isso fazeis, pois nem Deus teve piedade de vós.

Fernão Mendes – É certo, sim, que os nossos pecados são a principal causa dos nossos trabalhos!

Português 2 – Mas também é certo ser Deus misericordioso por nos trazer perante vós, para que de nós vos apiedeis!

Broquéim – Se os vossos corações estão conformes com as vossas palavras, eu vos recomendarei ao Rei para que ordene a vossa soltura.

Fernão Mendes – Graças vos damos senhor e ao Senhor da Casa do Sol pediremos por vós e por todos os vossos.

Broquéim – Estais muito longe de ser aquilo que os chins de vós dizem e a vossa devoção parece ser tão grande que Deus vos há-de valer nesta desventura em que estais.

(Desfaz-se a sala de audiências e passa-se de novo à apresentação pelos dois Fernão Mendes.)

Fernão Mendes 1 – Isto disse o broquéim da justiça de Pongor e assim fez.

Fernão Mendes 2 – Enviou uma missiva ao Rei em que dava conta sermos nós boas pessoas

Fernão Mendes 1 – dando-lhe conselho de nos mandar soltar

Fernão Mendes 2 – e que livres partíssemos para Liampó onde tínhamos embarcado.

Fernão Mendes 1 – Mas quis Deus que todo este negócio fosse por terra

Fernão Mendes 2 – por um corsário chim mui chegado ao Rei

Fernão Mendes 1 – e mui malvado com todos os portugueses

Fernão Mendes 2 – que um ano antes lhe tinham destruído a armada.

Fernão Mendes 1 – Chegado ao porto com quatro juncos

Fernão Mendes 2 – quando soube das intenções do Rei para connosco

Fernão Mendes 1 – logo tratou de conspirar contra nós e tudo virar do avesso

| *(Transforma-se Fernão Mendes 1 em Rei*
| *e Fernão Mendes 2 em Corsário chim.)*

Corsário Chim – Constou-me que tem vossa majestade nas suas prisões da cidade de Pongor um grupo de portugueses.

Rei – Assim é. Mas investigados já pelo broquéim da justiça, concluímos serem pobres mercadores e não haver crimes de que possam ser acusados.

Corsário Chim – E é intenção de vossa majestade fazer o quê?

Rei – Mandá-los soltar, pois parecem ser gente de muitas preces e muito tementes a Deus.

Corsário Chim – Pois sabeis que se isso fizerdes, será a vossa perdição.

Rei – Como assim?

Corsário Chim – Sob essa capa de mercadores têm eles conquistado todas as terras por onde passam.

Rei – Mas então não são mercadores?

Corsário Chim – Fingem-se de mercadores para obter informação das terras que visitam.

Rei – E depois?

Corsário Chim – Uma vez que a têm chamam os seus barcos e os seus aliados e, como ladrões que são, matam e assolam toda a coisa que nessas terras acham.

Rei – São assim tão fingidores e traiçoeiros?

Corsário Chim – E mais: tomam depois as nossas mulheres e filhas para seu gozo e prazer.

Rei – Então são tudo ao contrário do que parecem: gente má e pouco temente a Deus.

Corsário Chim – Pensai bem na sentença que lhes dais!

Rei – Cuido que foi Deus que vos pôs no meu caminho. Pois vou já desfazer a sentença que tinha ordenado e vou mandar que a todos façam em quartos e que os pedaços sejam postos nas praças públicas para que todos vejam quão mercedores são da nossa justiça.

| *(De novo Fernão Mendes 1*
| *e Fernão Mendes 2.)*

Fernão Mendes 1 – Foi esta a sentença que o rei mandou ao broquéim da cidade de Pongor,
Fernão Mendes 2 – ordenando que logo fosse executada.

Fernão Mendes 1 – Mas quis Deus que as mulheres de Pongor que muito nos queriam

Fernão Mendes 2 – se juntassem em conspiração para nos salvar a pele.

Fernão Mendes 1 – Pois calhou o mensageiro do Rei ir agasalhar-se

Fernão Mendes 2 – em casa de uma sua irmã
viúva de que tínhamos recebido muitas esmolas...

*(Transforma-se agora o palco num conjunto
de cinco pontos dispersos, como um campo
de jogos, em que estarão sempre duas ou três
mulheres em segredo e conspiração. No
primeiro ponto vê-se o mensageiro do Rei
a falar com sua irmã.)*

Mensageiro do Rei – Sabei que venho trazer ao
Broquéim as certidões de justiça sobre o que hão-
de fazer aos portugueses...

Irmã – E que dizem essas certidões?

Mensageiro do Rei – Que sejam cortados às
postas e espalhados pela cidade...

Irmã – Deus tenha piedade deles e não permita
que se faça tal injustiça.

*(Começa aqui um jogo em que a irmã do
mensageiro corre a outro grupo, em passo
de chinês, miudinho e rente ao chão, trans-
mitindo a notícia. Enquanto duas mulheres
no outro grupo fazem grandes preces e se*

arranham na cara, uma corre a outro grupo a dar a notícia. E assim sucessivamente até que todos os grupos estejam em movimento. Num caso ou noutro uma das mulheres pode cair no chão como morta e é socorrida pelas outras. Isto faz com que todas se juntem no centro, em casa da filha do Broquém.)

Fernão Mendes 1 – E foi assim que todas as mulheres de Pongor se juntaram em casa da filha do Broquém

Fernão Mendes 2 – para tomarem conselho sobre a melhor forma de nos salvarem.

Mulher 1 – É verdade que vão matar os portugueses?

Mulher 2 – Assim o dizem as certidões que mandou o rei.

Mulher 3 – Vão cortá-los em quatro

Mulher 4 – decepar-lhes as cabeças

Mulher 5 – expô-los às postas pela cidade.

Mulher 6 – Uma portuguesa que vive entre nós rasgou a carne e os peitos em sangue.

Mulher 7 – Desfez-se aos gritos chorando pelos seus

Mulher 8 – e gritando que Deus não havia de consentir essa injustiça.

Mulher 1 – Forçoso é que façamos alguma coisa.

Mulher 2 – Por serem pobres coitados não hão-de ser assim maltratados.

Mulher 3 – Podíamos mandar uma carta ao Rei.

Mulher 4 – E que vai importar-se el Rei com uma carta nossa?

Mulher 5 – Se for assinada por vós que sois filha do Broquém...

Mulher 6 – Não cuideis que isso o vá comover.

Mulher 7 – E se escrevêssemos à Rainha Mãe?

Mulher 8 – A Rainha Mãe poderia interceder por nós.

Mulher 1 – E salvar os portugueses.

Mulher 2 (*para a filha do Broquém*) – Escrevei vós essa carta

Mulher 3 – Que nós todas a assinaremos...

(Juntam-se a escrever a carta, desfazem-se os grupos e depois a carta circula como anteriormente havia circulado a notícia por todos os grupos até que chega a um ponto em que

se encontra a rainha, a sua camareira – que recebe a carta e a entrega à rainha – e os dois Fernão Mendes.)

Fernão Mendes 1 – E assim fizeram chegar a carta a Nhay Meicamor, camareira-mor da Rainha.

Fernão Mendes 2 – E ela na manhã seguinte bem cedo a levou à Rainha Mãe.

Fernão Mendes 1 – Quando esta leu a carta com os dizeres que tinha

Fernão Mendes 2 – logo se dirigiu aos aposentos do filho.

(Fernão Mendes 1 transforma-se de novo em Rei.)

Rei – Que é isto, Senhora, que tão cedo me visitais...

Rainha Mãe – Sabei que aqui estou por mor de uma carta que hoje mesmo recebi de Pongor.

Rei – Quem vos envia essa carta?

Rainha Mãe – A filha do Broquéim de Pongor.

Rei – E de que trata essa carta?

Rainha Mãe – Do negócio dos portugueses, que
tão transtornado vos traz..

Rei – Lede-me então o que diz.

Rainha Mãe –

“Pérola santa congelada na ostra maior
do mais fundo das águas,
madeixa de cabelos doirados entretecidos
em capela de rosas,
ouvi o clamor destas migalhas, filhas e
parentas do broquéim de Pongor
e de todas as mais mulheres tuas cativas
aqui assinadas.

Como crianças esfaimadas que choram
à mãe
e postos os olhos na alma d’el rei vosso
marido,
nós vos pedimos que vos torneis da natu-
reza dos santos
e façais com que vosso filho
movido por vós, por Deus e por nossos
gritos,
haja piedade dos estrangeiros
que nesta cidade estão encarcerados
e lhes perdoe toda a culpa que tiver deles.

Vós sabeis e vosso filho também o sabe
que não os acusou nenhum santo do céu,
senão homens torpes e de mau viver
a quem não é lícito inclinarem-se as
orelhas.

Isto vos pedimos, rogando ao Senhor de
todos os bens,

que vos dê tanto bem que se derrame
sobre as gentes

que habitam a terra e as ilhas do mar.”

Rei – Não mais, não mais, que já basta o que
tenho ouvido. Certo é que toda esta noite sonhei
que me via preso diante de um juiz muito irado,
o qual me dizia, pondo as mãos no seu rosto:
“Eu te prometo que se o sangue destes estran-
geiros chega diante de mim, tu e todos os teus
estarão a contas com a minha justiça!”

Rainha Mãe – Que determinais então?

Rei – Concedo a todos vida e liberdade, para
que livremente possam ir para onde quiserem
e para isso lhes mandarei logo uma embarcação
e tudo o mais de que houverem mister.

Rainha Mãe – Eu vos dou graças em nome de
todas as mulheres de Broquém e vos digo que

por este gesto vereis acrescentados os vossos merecimentos aos olhos do Senhor da Casa do Sol.

Fernão Mendes 2 – E desta forma nos partimos para Liampó e depois para Malaca

Fernão Mendes 1 – e nos vimos livres deste grande perigo que nos ia custando a vida.

(Em dois mastros colocados em cada um dos primeiros palcos, surgem agora dois novos Fernão Mendes, para narrar a cena da rendição da cidade Martavão ao Rei do Bramá.)

Fernão Mendes 1 – Abri agora bem os olhos...

Fernão Mendes 2 – Apurai bem os vossos ouvidos...

Fernão Mendes 1 – Que as coisas que ides ver

Fernão Mendes 2 – não há palavras que as possam contar,

Fernão Mendes 1 – que só vistas se podem saber...

Fernão Mendes 1 – Coisas nunca antes sucedidas,

Fernão Mendes 2 – de espantar os mais experimentados,

Fernão Mendes 1 – de comover os mais empedernidos,

Fernão Mendes 2 – de fazer corar os mais malvados.

Fernão Mendes 1 – Pomos agora perante os vossos olhos

Fernão Mendes 2 – a rendição da cidade de Martavão

Fernão Mendes 1 – ao terrível Rei de Bramá

Fernão Mendes 2 – e aos seus impiedosos guerreiros.

Fernão Mendes 1 – Tinha eu sido mandado a Martavão

Fernão Mendes 2 – como embaixador de Pêro de Faria

Fernão Mendes 1 – a negociar tratados com aquele reino...

Fernão Mendes 2 – Encontrei a cidade cercada

Fernão Mendes 1 – pelas milícias do Rei de Bramá.

Fernão Mendes 1 – Abri agora bem os olhos!...

Fernão Mendes 2 – Apurai bem os ouvidos!...

Fernão Mendes 1 – De um lado o dragão de Martavão!...

Fernão Mendes 2 – Do outro o tigre de Bramá!...

(Importando da cultura chinesa este tipo de dança, a estas palavras avança de um dos lados um enorme dragão articulado, em dança guerreira, tentando aproximar-se do palco central. Avança do outro lado, também em dança guerreira, um enorme tigre articulado, tentando igualmente aproximar-se do palco central. A coreografia deve ser desenhada de modo a que se encontrem no centro, recuando meio vencido o dragão de Martavão. Deste primeiro enfrentamento será elevado a grande altura, do lado do corpo do dragão, o chaubainhá de Martavão que diz)

Chaubainhá de Martavão – Levantai vós o cerco a esta cidade de Martavão que eu vos prometo trinta mil bicas de prata e ficar vosso tributário em sessenta mil cruzados por ano.

(Ergue-se do lado do tigre de Bramá o seu Rei que diz)

Rei de Bramá – Nenhum partido haverei eu de aceitar de vós se vos não entregardes primeiro em meu poder.

(Continua a luta através das duas danças, com novo enfrentamento em que, perante eminente derrota, se ergue de novo o Chaubainhá que diz)

Chaubainhá de Martavão – Eu vos rogo, Rei de Bramá, que me deixeis sair em duas naus com o meu tesouro e com a minha mulher e os meus filhos e vos entrego a cidade com tudo o que nela está.

(Ergue-se mais uma vez do lado do tigre de Bramá o seu rei que diz)

Rei de Bramá – Nada vos concederei se vos não entregardes ao meu poder.

(Renova-se a luta com as duas danças, com novo enfrentamento, em que mais uma vez, quase derrotado, se ergue o Chaubainhá dizendo)

Chaubainhá de Martavão – Retirai-vos vós,
Rei de Bramá, para o campo de Tagalá, para
que possa sair com os meus, e eu vos entrego a
cidade, o reino e o tesouro.

| *(Ergue-se ainda do lado do tigre do Bramá o
seu rei que volta a dizer)*

Rei do Bramá – Dar-me-eis a cidade, o reino
e o tesouro, mas deveis também sujeitar-vos ao
meu poder!

| *(De novo se enfrentam as duas danças.
Quando estão no maior enfrentamento,
suspende-se tudo e diz)*

Fernão Mendes 1 – Vendo o Chaubainhá que
tudo estava perdido

Fernão Mendes 2 – mandou ao rei de Bramá
um velho religioso

Fernão Mendes 1 – com uma carta que dizia assim

Religioso *(no palco central, voltado para o
lado onde evolui a dança do tigre)* – Eis, rei

de Bramá, o que vos manda dizer o senhor Chaubainhá, Rei de Martavão: “Pode tanto o amor dos filhos nesta casa, que todos os que somos pais desceríamos, por eles, mil vezes ao fundo lago da casa da serpe. Mande logo vossa alteza tomar posse da minha pessoa, da minha mulher e de meus filhinhos, e assim também da cidade, do tesouro e de todo o reino, pois a esta hora me rendo diante de vós, como a rei e senhor verdadeiro e natural.”

Rei do Bramá – E eu aceito vossa rendição e vos prometo que todo o passado porei em esquecimento e vos darei tantas terras e rendas que haveis de ficar bem contente.

(Fazendo o dragão uma dança de rendição, toma conta do espaço a dança do tigre e senta-se num palanque bem alto, no palco central, o Rei de Bramá, perante quem se dobra, o Chaubainhá de Matarvão, acompanhado de suas mulheres e filhos em sinal de submissão e de muitas outras mulheres padecentes)

Fernão Mendes 1 – Mas promessas leva-as o vento.

Fernão Mendes 2 – Porque, depois de se apoderar do tesouro do reino

Fernão Mendes 2 – e de mandar matar a ferro e fogo mais de cinquenta mil homens,

Fernão Mendes 1 – ordenou o saque à cidade de que não ficou pedra sobre pedra.

Fernão Mendes 2 – E a cento e quarenta pade-centes, mulheres dos principais do reino,

Fernão Mendes 1 – mandou suspender em vinte e duas forcas ali erguidas.

Fernão Mendes 2 – E no fim de todas enforcou também

Fernão Mendes 1 – a mulher do Chaubainhá e os seus quatro filhinhos.

(Vêm-se em sombra chinesa, ao fundo do palco, as silhuetas da mulher do Chaubainhá com os seus quatro filhos. Ouve-se a voz da mãe)

Rainha de Martavão – Ó filhinhos meus, gerados agora no interior da minha alma, quem pudera remir vossas vidas a troco de por isso me darem mil mortes!

Fernão Mendes 1 – Assim esqueceu depressa as suas promessas o Rei de Bramá

Fernão Mendes 2 – pendurando também umas mós ao pescoço do Chaubinhá de Martavão

Fernão Mendes 1 – e aos seus principais vassallos que foram lançados ao mar.

(Retoma-se de novo a dança do tigre em toda a praça, saindo depois pelo ponto exterior por onde havia entrado a dança do dragão.)

(Página deixada propositadamente em branco)

VII QUADRO

(As cenas deste quadro decorrem em dois espaços cénicos em intersecção permanente. Um dos espaços cénicos corresponde a uma taberna de Goa, que pode ser simultaneamente uma casa de bailadeiras, onde Fernão Mendes Pinto passa umas horas, na transição para a viagem de regresso a Portugal, já depois de ter abandonado a Companhia de Jesus. O segundo espaço cénico corresponde ao local em que Camões, segundo a lenda, teria vivido enquanto esteve em Macau e na qual teria escrito uma parte de Os Lusíadas e permitirá no quadro recriar o ambiente onírico correspondente à Ilha dos Amores descrita no Canto IX da epopeia. A cena começa com Fernão Mendes, à mesa, a beber, acompanhado de Francisco Martins, em conversa com a dona da taberna e da casa de bailadeiras.)

(Página deixada propositadamente em branco)

Fernão Mendes – Enche-me outra vez o copo, que este néctar já quase me transporta ao sétimo céu...

Inês de Albuquerque – Também te privaram do vinho, lá na Companhia?

Fernão Mendes – Do vinho e de tudo. Até da roupa que trazia no corpo.

Francisco Martins – Vinho, descanso e mulheres: os três vícios que mais nos ajudam nesta nossa peregrinação...

Inês de Albuquerque – As três virtudes, queres tu dizer...

Francisco Martins – Virtudes, para nós, mas para os irmãos da Companhia...

Fernão Mendes – A Companhia não veio para as índias a fim de gozar prazeres terrenos.

Inês de Albuquerque – E que ataque súbito foi esse que te atirou para as mãos deles...

Fernão Mendes – Sabes que, por vezes, a carne é forte, mas o espírito é fraco: era já grande o cansaço da minha peregrinação... depois foram os milagres do Padre-mestre Francisco... e então quando vi que, vários meses depois de morto, o corpo estava em seu perfeito estado natural...

E o Padre Belchior que não me largava, dizendo que a minha ida para o Japão na dupla qualidade de enviado de Deus e de El-Rei seria uma bênção para todos nós...

Inês de Albuquerque – E vai daí...

Fernão Mendes – Vai daí... vendi todos os meus bens e fiz os votos... Os votos mais caros da minha vida...

Francisco Martins – Fala mais baixo que as paredes têm ouvidos. E se não queres arranjar problemas...

Fernão Mendes – Mais do que aqueles que já tive?

Inês de Albuquerque – Foi, então, sol de pouca dura...

Fernão Mendes – Não era vida para mim!

Francisco Martins – Faltavam-lhe as três virtudes cardeais:

Fernão Mendes – Vinho (*aponta para a jarra sobre a mesa*), descanso.

Inês de Albuquerque – E mulheres!

| *(Entra um grupo de mulheres persas, dançando voluptuosamente. A coreografia deve*

ser feita de modo que, no final, fique apenas uma das bailarinas persas em cena. Ao longo dos últimos passos vai surgindo a luz sobre Camões que contempla, como um sonho, uma outra bailarina que dança em redor de si: é a sua Dinamene que aqui deve aparecer quase como uma miragem.)

Camões –

“Mundo, se te conhecemos,
porque tanto desejamos
teus enganar?
E, se assi te queremos,
mui sem causa nos queixamos
de teus danos.”

Dinamene –

De que te queixas, Luís Vaz,
quando todo o bem que desejás,
à mão o tens e o tens por certo.

Camões –

“Bem sei, Amor, que é certo o que receio;
mas tu, porque com isso mais te apuras,
de manhoso mo negas e mo juras
no teu dourado arco; e eu to creio.”

(Acariciando Dinamene)

“A mão tenho metida no teu seio
e não vejo os meus danos, às escuras;
porém porfias tanto e me asseguras,
que me digo que minto e que me enleio.”

Dinamene – Não sou sonho, nem enleio. Porque
consentes nesse engano?

Camões –

“Não somente consinto neste engano,
mas inda to agradeço, e a mim me nego
tudo o que vejo e sinto de meu dano.”

Dinamene – Não te negues mais de mim, de
meu sossego!

Camões –

“Oh! Poderoso mal a que me entrego!
Que no meio do justo desengano
me possa inda cegar um Moço cego.”

| *(Dinamene dança ainda duas voltas mais
em torno de Luís Vaz e muda a cena.)*

Inês de Albuquerque – Mas diz-me, Fernão
Mendes, nessas tuas peregrinações, como era
com as mulheres...

Fernão Mendes – Não me puxes pela língua,
Inês de Albuquerque...

Inês de Albuquerque – Havia também embarcações?

Fernão Mendes – Havia de tudo...

Francisco Martins – Excepto nesta última.

Fernão Mendes – Os padres são rigorosos...

Inês de Albuquerque – E os portugueses são bons cristãos...

Fernão Mendes – Esforçados. Mas conheces melhor apostolado do que semear por este mundo novas almas de cristãos?...

Inês de Albuquerque – Mesmo quando andavas com António de Faria na perseguição do corsário Coja Acém?

Fernão Mendes – Na perseguição ao Coja Acém sucedeu-nos uma que o tempo, que tudo leva, jamais me fará esquecer.

Inês de Albuquerque – Tomaram-lhes as mulheres e as filhas...

Francisco Martins – Não, que eles bem as sabem proteger e não andam com elas em mar...

Inês de Albuquerque – Então?

Fernão Mendes – Estávamos nós surtos na ponta de Tilaumera, para sabermos novas da armada do Coja Acém, quando vimos quatro lanteas que se aproximavam e que nos fizeram grande festa. Não sabendo bem de que se tratava, cuidámos serem espiões do capitão de Tanauquir que nos mandava vigiar e se preparava para nos atacar. Fundeadas essas lanteas um pouco mais à frente e não percebendo porque não íamos ter com elas, nos mandaram uma com um homem que, vimos logo a sabê-lo, era o tio da noiva que em outra lantea viajava e que nos vinha com uma missiva da sobrinha que nos esperava para as núpcias.

Francisco Martins – Que vos esperava para as núpcias?

Fernão Mendes – Tinham-nos confundido com a comitiva de seu noivo que ali ficara de com ela se encontrar.

Inês de Albuquerque – Mas como de noivas todos andavam muito precisados...

Francisco Martins – Mesmo que não fossem vossas...

Fernão Mendes – Logo ali tomámos aquela lantea dizimando os tripulantes que se não tinham

ainda atirado às águas, tomando a seguir
a da noiva que tanto por nós suspirava.

As outras duas escaparam, mas a da noiva...

Inês de Albuquerque – A da noiva...

Fernão Mendes – Só trazia dois ou três homens
que ali fizemos prisioneiros. De resto era só ela e
muitas acompanhantes.

Francisco Martins – A que os homens de Antó-
nio de Faria logo trataram de prestar as devidas
honras....

Fernão Mendes – Ainda passámos pela lan-
teia do noivo que nos fez grande festa e cumprimen-
tos, sem saber que lhe levávamos a prometida.

Inês de Albuquerque – E assim espalháveis a
fé e o império.

Francisco Martins – E o sangue português...

Inês de Albuquerque – Aprendestes bem a
lição de Albuquerque.

Fernão Mendes – Não estás a dizer que o nosso
Vice-Rei também...

Inês de Albuquerque – Não. Não fez nada de
parecido com o que tereis feito a essa pobre noi-
va! Era muito respeitador de mulheres, jovens e
meninas...

Francisco Martins – Consta que ele nunca casou...

Inês de Albuquerque – Casar, parece que não, mas foi padrinho de muitos casamentos...

Fernão Mendes – Com direito de pernada?

Inês de Albuquerque – Pelo contrário. De todas cuidava e eram ricos os dotes que lhes dava.

Francisco Martins – Como assim?

Inês de Albuquerque – Nunca ouvistes falar das Socotorinas...

Francisco Martins – Consta que eram como guerreiras amazonas.

Inês de Albuquerque – Eram as mulheres da ilha de Socotorá.

Fernão Mendes – O Padre Francisco Xavier, falou-me dos habitantes dessa ilha. Dizia que eram gente rude, sem saber ler nem escrever.

Inês de Albuquerque – Mas crentes. Evangelizados pelo Apóstolo S. Tomé.

Fernão Mendes – Como os da terra de Preste João.

Inês de Albuquerque – Pois dizem que as socotorinas eram tão rijas como os homens, tanto no tamanho como na composição dos membros.

Francisco Martins – E é verdade que pelejavam...

Inês de Albuquerque – Mais do que os homens de quem só precisavam para procriar e assegurar a descendência. Consta que às vezes, por artes de feitiçaria, os faziam arribar à Ilha de Socotorá e depois que com eles se deitavam e ficavam prenhes, os deixavam ir descansados.

Francisco Martins – Mas o que tem Albuquerque a ver com os casamentos das Socotorinas?

Inês de Albuquerque – Parece que a primeira vez que Albuquerque aí chegou com Tristão da Cunha foi em 1507. Expulsou os mouros e tomou conta das portas do mar Vermelho. Lá mandou fazer uma fortaleza e cristianizar aquela gente, recomendando aos homens que mantivessem conversação com aqueles mulheres...

Fernão Mendes – Como nós mantivemos com a outra noiva...

Inês de Albuquerque – Mas a alguns saiu-lhes cara a conversação: doenças da carne, maus ares e fraco alimento dizimaram muitos homens que por ali ficavam.

Fernão Mendes – Às vezes mais vale uma abstinenciazita do que andar a coçar-se durante meses...

Inês de Albuquerque – Pelo muito prejuízo que dava sustentar aquela fortaleza, Albuquerque mandou umas naus, uns anos depois, para que a abandonassem...

Fernão Mendes – E assim se acabaram as socotorinas?

Inês de Albuquerque – Assim se espalharam as socotorinas. Diz-se que foram mais de duzentas as que vieram embarcadas para Goa, e muitas vieram a estabelecer-se em Cochim e em outros pontos do Reino. Parece que eram boas parideiras e Albuquerque tinha por bom propósito a extensão do império através desse aumento das famílias portuguesas. Muitas delas foram mulheres viajantes por todas as costas do Índico...

Francisco Martins – E eram realmente “boas” essas socotorinas?

Inês de Albuquerque – Eram e são. Nas artes da guerra e da paz. Da dança e do amor.

Fernão Mendes – Que é, afinal, outra forma de guerra.

Inês de Albuquerque – Até eu ainda tenho nesta casa um grupo de filhas das socotorinas,

que aprenderam com as mães a sua forma de tanger e o seu jeito de bailar.

Fernão Mendes – Venha então um baile dessas tuas socotorinas!...

(Entra um novo grupo de bailarinas que hão-de dançar agora uma coreografia mais física e viril, podendo incorporar até elementos guerreiros. A música há-de ser também uma música mais violenta. Quando algumas se aproximam dos portugueses e eles as querem tocar, são repelidos por gestos enérgicos mas elegantes, que logo os devem fazer cair no chão.)

(Quando a dança está quase a terminar, faz-se luz sobre a plataforma em que está Camões e Dinamene. Dinamene dança. Camões contempla, imagina e escreve.)

Dinamene –

Por que me fitas com esses olhos sonhadores?

É de mim que falas? É de mim que escreves?

Camões –

“Um mover d’olhos brando e piadoso,
sem ver de quê; um riso brando e honesto,
quási forçado; um doce e humilde gesto,
de qualquer alegria duvidoso”

Dinamene – São para mim esses versos, Luís
Vaz?

Camões –

“Um despejo quieto e vergonhoso;
um repouso gravíssimo e modesto;
uma pura bondade, manifesto
indício da alma, limpo e gracioso...”

Dinamene – Sonhas com as tuas portuguesas,
Luís Vaz!...

Camões –

*(aproximando-se e enrolando-se a pouco
e pouco nos braços de Dinamene que
quase se furta aos seus abraços)*

“Um encolhido ousar; uma brandura;
um medo sem ter culpa; um ar sereno;
um longo e obediente sofrimento;”

*(afastando-se de Dinamene e regressan-
do à escrita)*

“esta foi a celeste formosura

da minha Circe, e o mágico veneno
que pôde transformar meu pensamento.”

Dinamene –

*(aproximando-se e roubando a Camões
o manuscrito)*

Não é sobre mim que escreves, mas sobre
os teus heróis portugueses.

Camões – Sobre os heróis portugueses e sobre
as Dinamenes que em seus braços os acolheram
para que neles repousassem.

Dinamene –

(começando a ler uma estrofe do canto IX)

“E para isso queria que, feridas
as filhas de Nereu no ponto fundo,
de amor dos lusitanos incendidas,
que vêm de descobrir um novo mundo,
todas numa ilha juntas e subidas...”

(Interrompendo a leitura)

– Quem são as filhas de Nereu, Luís Vaz?

Camões – São as Ninfas do Mar, Dinamene!

Dinamene – E quem ordena esta festa aos teus
heróis?

Camões –

(tirando-lhe o manuscrito)

– É Vénus que lhes quer dar a justa
recompensa
numa ilha chamada dos amores.

(continuando a ler)

“Ali, com mil refrescos e manjares,
com vinhos odoríferos e rosas,
em cristalinos paços, singulares,
fermosos leitos, e elas mais fermosas,
enfim com mil deleites não vulgares,
os esperem as ninfas amorosas,
de Amor feridas, para lhe entregarem
quanto delas os olhos cobiçarem.”

*(Entretanto começam a vislumbrar-se,
num plano contíguo, correspondente a
este espaço onírico da Ilha dos Amores,
pequenas silhuetas de jovens mulheres,
meio-despidas, de que se vão aproxi-
mando os marinheiros. Dinamene tira da
mesa de Camões mais um maço de folhas
e lê)*

Dinamene – “Dá Veloso, espantado, um grande grito”

Veloso –

(no espaço correspondente à Ilha dos Amores)

“Senhores, caça estranha – digo – é esta!
Se inda dura o gentio antigo rito,
a Deusas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano espírito
desejou nunca; e bem se manifesta
que são grandes as cousas excelentes
que o mundo encobre aos homens impru-
dentes.
Sigamos estas deusas e vejamos
se fantásticas são, se verdadeiras.”

Camões –

*(enquanto no espaço da ilha se sucedem
cenas sensuais e eróticas
de perseguição entre ninfas e marinheiros
sucede-se também no espaço de Camões
uma perseguição entre Camões e Dinamene,*

*atrás dos manuscritos,
dizendo um e outro as folhas
que apanham ou têm nas mãos)*

“Duma os cabelos de ouro o vento leva
correndo, e da outra as fraldas delicadas;
acende-se o desejo que se ceva
nas alvas carnes súbito mostradas;
uma de indústrias cai e já releva
com mostras mais macias que inclinadas,
que, sobre ela empecendo, também caia
quem a seguiu pela arenosa praia.”

Dinamene –

“Outros, por outra parte vão topar
com as deusas despidas que se lavam;
elas começam súbito a gritar,
como que assalto tal não esperavam;”

Camões –

“Umas fingindo menos estimar
a vergonha que a força, se lançavam
nuas por entre o mato, aos olhos dando
o que às mãos cobiçosas vão negando.”

Dinamene –

“Leonardo, soldado bem disposto,
manhoso, cavaleiro e namorado,
a quem Amor não dera um só desgosto,
mas sempre fora dele mal tratado,
quis aqui sua ventura que corria
após Efire, exemplo de beleza,
que mais caro que as outras dar queria
o que deu, para dar-se, a Natureza.
Já cansado, correndo lhe dizia”

Leonardo –

(correndo atrás de Efire)

“Ó fermosura indigna de aspereza
pois desta vida te concedo a palma,
espera um corpo de quem levas a alma!”
“Não cansas, que me cansas! E se queres
fugir-me, por que não possa tocar-te,
minha ventura é tal que, inda que esperes,
ela fará que não possa alcançar-te!”
“Nesta esperança só te vou seguindo:
que ou tu não sofrerás o peso dela,
ou na virtude de teu gesto lindo
lhe mudarás a triste e dura estrela!”

Camões –

“Já não fugia a bela ninfa tanto,
por se dar cara ao triste que a seguia,
como por ir ouvindo o doce canto,
as namoradas mágoas lhe dizia.
Volvendo o rosto, já sereno e santo,
toda banhada em riso de alegria,
cair se deixa aos pés do vencedor,
que todo se desfaz em puro amor.”

*(Ao dizer estes últimos versos
também Camões cai e rebola com Dinamene,
lendo os dois agora pelas mesmas folhas)*

Camões –

“Oh, que famintos beijos na floresta!
E que mimoso choro que soava!”

Dinamene –

“Que afagos tão suaves! Que ira honesta,
que em risinhos alegres se tornava!”

Camões –

“O que mais passam na manhã e na sesta,
que Vénus com prazeres inflamava,
melhor é experimentá-lo que julgá-lo,

mas julgue-o quem não pode experimentar-lo.”

Camões –

(erguendo-se de novo e sentando-se à sua mesa de trabalho)

“Quando as fermosas Ninfas, co’os amantes
pela mão, já conformes e contentes,
subiam para os paços radiantes
e de metais ornados reluzentes,
mandados da rainha, que abundantes
mesas de altos manjares excelentes
lhes tinha aparelhadas, que a fraqueza
restaurem da cansada natureza.

Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,
se assentam dous a dous, amante e dama;
noutras, à cabeceira, de ouro finas,
está co’a bela Deusa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
a quem não chega a egípcia antiga fama,
se acumulam os pratos de fulvo ouro,
trazidos lá do Atlântico tesouro.”

(A descrição do banquete pode ser acompanhada, se assim a encenação o entender, por uma mistura deste plano com o plano de Fernão Mendes e o banquete pode ser feito na casa de Inês de Albuquerque.)

“Mil práticas alegres se tocavam;
risos doces, sutis e argutos ditos
que entre um e outro manjar se alevanta-
vam,
despertando os alegres apetitos;
Músicos instrumentos não faltavam
(quais no profundo reino os nus espíritos
fizeram descansar da eterna pena)
Cuma voz duma angélica Sirena.”

*(Mudança para o espaço cénico da casa
onde está Fernão Mendes com Inês
de Albuquerque e Francisco Martins.
Uma goesa distribui uns pratos
com umas folhas por cima.)*

Fernão Mendes – Que refeição é esta que agora nos é aprontada?

Francisco Martins – Só vimos papel e nada de comida.

Inês de Albuquerque – São restos de um banquete que Luís Vaz aqui mandou servir a certos fidalgos com quem se reunia nesta casa...

Fernão Mendes – Luís Vaz?

Inês de Albuquerque – Luís Vaz de Camões.

Por aqui esteve não há muito tempo e daqui se partiu para as bandas de Macau.

Trovador e dos grandes.

Ainda ouvireis falar dele.

Francisco Martins –

Vejamos que ceia nos preparou.

(Pega na folha do seu prato e lê)

“Se não quereis padecer

uma ou duas horas tristes,

sabeis que haveis de fazer?

Volveros por dó venistes,

que aqui não há que comer.

E posto que aqui leiais

trovinha que vos enleia,

corrido não estejais;

porque por mais que corrais

não heis-de alcançar a ceia.”

Fernão Mendes –

Essa está bem achada.

Vejamos a que me coube em sorte.

(lendo a sua folha de papel)

“Ceia não a papareis;

contudo, porque não minta,

para beber achareis,

não Caparica, mas tinta,

e mil cousas que papeis.

E vós torceis o focinho,

com esta anfibologia?

Pois sabeis que a poesia

vos dá aqui tinta por vinho

e papéis por iguaria.”

Tem chiste esse Luís Vaz.

Inês de Albuquerque – Chiste? Dizem que é um dos maiores. Pena que a vida lhe não corra tão de feição como lhe saem as trovas...

Fernão Mendes – Mas diz-me Inês, se és daqui natural, porque te chamam Albuquerque?

Inês de Albuquerque – Por causa de meu avô, grande Leão dos Mares!

Francisco Martins – Não estás a dizer que Afonso de Albuquerque era...

Inês de Albuquerque – Se era meu avô? Era quase assim que o tratávamos, porque nossas mães se diziam suas filhas...

Fernão Mendes – Muita prole deixou ele por estas terras de Oriente...

Inês de Albuquerque – Não estás a entender. Ele não era verdadeiramente pai de nenhuma dessas mulheres. Mas tratava-as como se fosse. Fossem elas cristãs, mouras ou naturais desta terra.

Francisco Martins – E que tratamento era esse?

Inês de Albuquerque – Quando tomou Goa, tinha mais de duzentas turcas como reféns que o Corsário Timoja, seu aliado, havia recolhido na sua primeira entrada na cidade. A elas e às outras mulheres indianas as fez logo forras e as tratou sempre muito bem e até mandou enforcar um português, de nome Rui Dias, que abusava de uma escrava sua das muitas cativas que trazia.

Francisco Martins – O que lhe trouxe muitos inimigos.

Fernão Mendes – É bem verdade que, por essas e por outras, morreu de posto na cama que outros lhe prepararam.

Inês de Albuquerque – Propunha o casamento com portugueses e dava sempre, a quem o fazia, um bom dote: casa, panos de seda, jóias de ouro e até dinheiro.

Fernão Mendes – E como aceitavam as mulheres esses casamentos?

Inês de Albuquerque – Ao princípio, desconfiadas. Mas depois viam que se tornavam mais bem tratadas pelos maridos portugueses do que pelos da sua gente. Eram mulheres únicas de um homem só e tinham todas as mercês. Algumas iam à Igreja e levavam atrás três e quatro escravas.

Fernão Mendes – E com tua mãe, como foi?

Inês de Albuquerque – Era uma das filhas de Albuquerque feitas reféns aquando da tomada de Goa. Afonso de Albuquerque casou-a com um seu despenseiro com grande dote e muita fazenda. Quando eu nasci deram-me o nome do Vice-Rei, como reconhecimento. É por isso que sou Inês de Albuquerque. Quando morreu todas nós sentimos muito o seu falecimento e fizemos-lhe grande festa de despedida.

Francisco Martins – E esta casa como surgiu?

Inês de Albuquerque – Foi feita com a ajuda de meu pai e para servir o Vice-Rei. Ele era muito amigo de jogos, festas e folias. Comia ao som de trombetas e atabales e gostava muito de fazer suas diversões em frente do palácio. Muitas das mulheres que libertava tornavam-se bailadeiras e era com o ofício de bailar, tanger e cantar que ganhavam a vida. São as minhas bailadeiras que ides agora apreciar.

(Entra um grupo de bailadeiras de Goa, que novamente tocam e dançam. Durante a dança, Camões desloca-se do seu espaço para se sentar numa das mesas da casa de Inês de Albuquerque. No final da dança, há uma bailadeira, de tez morena, que se demora mais a sair e que Camões olha intensamente, olhando ela também intensamente Camões. É nesse momento que Luís Vaz pode entoar as endechas da Bárbara escrava ou até mesmo cantá-las, sendo o recurso à música de Zeca — a quem aqui se prestaria singelo tributo — uma hipótese.)

Camões –

“Aquele cativa,
que me tem cativo,
porque nela vivo
já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
em suaves molhos,
que para meus olhos
fosse mais formosa.

Nem no campo flores,
nem no céu estrelas,
me parecem belas
como os meus amores.
Rosto singular,
olhos sossegados,
pretos e cansados,
mas não de matar.

Uma graça viva,
que neles lhe mora,
para ser senhora
de quem é cativa.
Pretos os cabelos,

onde o povo vão
perde opinião
que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
tão doce a figura,
que a neve lhe jura
que trocara a cor.
Leda mansidão
que o siso acompanha;
bem parece estranha,
mas *bárbara não*.

Presença serena
que a tormenta amansa;
nela enfim descansa
toda a minha pena.
Esta é a cativa
que me tem cativo,
e, pois nela vivo,
é força que viva.”

(Página deixada propositadamente em branco)

VIII QUADRO

(Estamos em Outubro de 1578. Fernão Mendes está sentado à mesa numa sala da sua quinta do Pragal. Com grandes folhas perante si, parece estar a concluir a redacção do seu texto. Enquanto escreve, ouve-se a seguinte canção.)

(Página deixada propositadamente em branco)

Olho bem por sobre as águas
e vejo o Tejo...
desenrolo as minhas mágoas,
o meu desejo...
E Lisboa ali tão perto
e eu tão certo
que a viagem tem o fim
dentro de mim...

Este mar já não tem vento
pra navegar...
Este rio já não tem tempo
em que sonhar...
E Lisboa ali tão perto
e eu tão certo
que a viagem tem o fim
dentro de mim.

Fui cativo noutras terras
em que morri...
Combati em muitas guerras
e renasci...
E Lisboa ali tão perto
e eu tão certo
que a viagem tem o fim
dentro de mim.

Descobri que a alegria
tem seus segredos
que morriam dia-a-dia
em meus degredos.
E Lisboa ali tão perto
e eu tão certo
que a viagem tem o fim
dentro de mim.

*(À volta de Fernão Mendes ciranda D. Maria,
sua esposa, tendo mesmo acabado de lhe
encher um copo de vinho.)*

Fernão Mendes – “E vendo eu quão pouco me fundiam tanto os trabalhos e serviços passados, como o requerimento presente, determinei de me recolher com essa miséria que trouxera comigo, adquirida por meio de muitos trabalhos e infortúnios, e que era o resto do que tinha gasto em serviço deste reino, e deixar o feito à justiça divina, o que logo pus em obra, pesando-me ainda por que o não fizera mais cedo, porque, se assim o fizesse, quiçá me pouparia nisso um bom pedaço de fazenda.”

D. Maria – Isso escreveste no teu livro? Estás muito cáustico, Fernão!

Fernão Mendes – Pois como querias que estivesse?

D. Maria – Mais conformado com a sorte...

Fernão Mendes – E achas que tenho razão para isso?

D. Maria – Tens casa e quinta, mulher e filhas e não te falta que comer nem que beber...

Fernão Mendes – É só o que me vale. Mas o que será que vos vou deixar quando partir deste mundo?

D. Maria – O mesmo que encontraste quando cá chegaste...

Fernão Mendes – E uma vida ao serviço do Reino, não vale nada?

D. Maria – Outros a tiveram e do mesmo se queixam...

Fernão Mendes – 21 anos. Pela Índia e Etiópia, pela China e pela Tartária, pelos reinos de Bramá, de Pegu e de Sunda. Ao Japão fui mandado para fazer tratados de paz e comércio com os seus reis. Como embaixador de Portugal.

A fortuna que fiz, toda a empenhei nessas viagens. E no fim...

D. Maria – Não foste o único. Muitos há por esse reino com sorte igual. E outros, que ao reino deram toda a vida, morreram na ignomínia por causa dos seus inimigos. Olha Afonso de Albuquerque...

Fernão Mendes – O Leão dos Mares... É bem verdade o que disse: “Mal com el-rei por amor dos homens, mal com os homens por amor de el-rei.”

D. Maria – A que rei te haverias de queixar?

Fernão Mendes – Nem rei, nem rainha. O rei que tínhamos acaba de morrer por querer brincar aos mouros nas costas de África.

O que ora temos nem rei chega a ser. Não deixará herdeiros que tomem conta do reino.

D. Maria – Não fales assim do Cardeal

D. Henrique...

Fernão Mendes – Nada lhe devo e a pátria tudo me deve. Vou pôr um ponto final nesta minha história.

| *(Entra a correr uma jovem, uma das filhas,
de Fernão Mendes.)*

Filha de Fernão Mendes – Senhor meu pai,
senhora minha mãe!

D. Maria – O que foi, minha filha? Que vos faz correr assim apressada?

Filha de Fernão Mendes – Está lá fora um senhor que vos quer ver, meu pai?

Fernão Mendes – Algum jesuíta para saber do que estou escrevendo e se a Companhia sai bem tratada na minha Peregrinação. Nem na velhice me deixam em paz.

Filha de Fernão Mendes – Não tem fato de clérigo e diz chamar-se Luís Vaz.

Fernão Mendes – Luís Vaz? O poeta Luís Vaz de Camões? Fazei-o entrar e trazei já uma boa jarra de vinho.

| *(Entra Camões, meio vagabundo, já um pouco “tocado”, dizendo)*

Camões –

“Os bons vi sempre passar
no mundo graves tormentos;
e, para mais m’espantar,
os maus vi sempre nadar
em mar de contentamentos.”

Fernão Mendes – Bem o podeis dizer, Luís Vaz.
É o desconcerto do mundo.

Camões – Desconcerto, desconcerto, para quem
não tem concerto.

Fernão Mendes – Que há muitos por aí que se
consertam bastante bem.

Camões – Pois não é esse o nosso caso.

Fernão Mendes – Para nós, sempre o descon-
certo parece mui bem concertado.

Camões –

Pois é. Por isso vos digo
“Querendo alcançar assim
o bem tão mal ordenado,
fui mau, mas fui castigado:
assi que só para mim
anda o mundo concertado.”

E para vós, Fernão Mendes, anda o mun-
do concertado ou desconcertado?

Fernão Mendes – Menos e mais que para vós.

Camões – Como assim?

Fernão Mendes – Aqui encontrei o sossego que
em mais de vinte anos nunca tive nas terras do
Oriente.

Camões – Boa tença haveis conseguido...

Fernão Mendes – Qual tença, qual nada... Aí estou pior do que vós. Se não fossem as economias que poupei na Índia...

Camões – Não vos despojaram de tudo os padres da Companhia?

Fernão Mendes – De quase tudo, de quase tudo... Tirando um pé de meia que tinha escondido e que me deu para comprar esta quinta...

Camões – Mas servi-me um copo dessa jarra que já sinto a garganta seca com tantos versos.

Fernão Mendes – Devia servir-vos o que me serviram, a vosso mando, numa taberna em Goa!

Camões – A vós?

Fernão Mendes –

“Contudo, porque não minta,
para beber achareis
não Caparica, mas tinta
e mil cousas que papeis.”

Camões – Em casa de Inês de Albuquerque...

Fernão Mendes – Essa mesma.

Camões – Grande mulher.

Fernão Mendes – Foi a primeira a falar-me de vós e dos vossos versos.

Camões – E donde vem este vinho?

Fernão Mendes – De Palmela.

Camões – De Palmela? Que bem vos tratais, mesmo sem tença. Brindemos, pois, com Palmela, à saúde de Inês de Albuquerque.

Fernão Mendes – À saúde de todas as filhas de Albuquerque! Mas dizei-me, Luís Vaz, a vós publicaram-vos os versos e deram-vos uma tença...

Camões – Grande tença... Quinze mil réis por ano, e mesmo assim paga tarde e a más horas... E quando chega já não dá para os credores. Se não fossem os amigos...

Fernão Mendes – Quem não tem dinheiro, não tem vícios...

Camões – Quer dizer que continuais sem resposta aos vossos requerimentos.

Fernão Mendes – Eu bem trouxe cartas assinadas por D. Francisco Barreto, vice-rei da Índia, dando prova de quantas vezes, por serviço d’El-Rei nosso senhor, eu fora cativo e a minha fazenda roubada, na esperança de os sacrifícios que passei serem aqui reconhecidos.

Camões – E os senhores do Reino?

Fernão Mendes – A senhora do Reino, quereis vós dizer... Que quem governava nessa altura era a Rainha D. Catarina. Dei-lhe as cartas, dei-lhe as provas e as garantias e contei-lhe o que achei por bem.

Camões – E ela?

Fernão Mendes – Mandou-me para o oficial que tratava destes negócios. E ao fim de quatro anos e meio, o único fruto que tirei foram os trabalhos que passei no requerimento. Bela reforma, não há dúvida... Vá lá a gente fiar-se no mundo.

Camões –

“Mundo, se te conhecemos,
porque tanto desejamos
teus enganos?
E, se assi te queremos,
mui sem causa nos queixamos
de teus danos.”

Fernão Mendes – Bem enganado fui pelas suas promessas...

Camões –

“Tu não enganas ninguém.
pois a quem te desejar,

vemos que danas:
se te querem qual te vêem,
se se querem enganar,
ninguém enganas.”

De vós vos deveis queixar, Fernão Mendes, e não do mundo.

Fernão Mendes – Pois é: triste peregrinação a nossa e que já está prestes a findar...

Camões –

É bem certo o que dizeis:
“Enfim, mundo, és estalagem
em que pousam nossas vidas
de corrida;
de ti levam de passagem
ser bem ou mal recebidas
na outra vida.”

Mas dissei-me, Fernão Mendes, não andá-
veis vós a escrever a vossa peregrinação?

Fernão Mendes (*apontando para as folhas sobre a mesa*) – Hoje mesmo escrevi as últimas palavras.

Camões – E que contaís nessas folhas?

Fernão Mendes – Apenas o que vi e vivi, o que sei por ter experimentado, o que o povo miúdo, triste e coitado, andou fazendo pelas terras do oriente...

Camões –

Não cantais

“as armas e os barões assinalados

que da ocidental praia lusitana

por mares nunca dantes navegados

passaram ainda além da Taprobana?

E não enalteceis “também as memórias

gloriosas

daqueles reis que foram dilatando

a Fé e o Império?”

Fernão Mendes –

Falo mais das terras espantosas que

“de África e de Ásia andaram devastan-

do...”

Camões – Mas nós somos um povo de heróis,

Fernão Mendes...

Fernão Mendes – De heróis e de canalhas... Se

um dia somos capazes dos mais elevados feitos,

no outro cometemos os crimes mais cruéis.

Eu que o diga.

Camões (*pegando numas folhas e lendo ao*

acaso) – “Vendo os capitães quão cego e desa-

tinado estava este mal-aventurado no conhe-

cimento da santa e católica verdade de que lhe

falavam, havendo ainda tão pouco tempo que fora cristão, como tinha confessado, encheram-se de cólera, com um zelo santo da honra de Deus, o mandaram atar de pés e mãos, e vivo foi lançado ao mar com um grande penedo ao pescoço, donde o Diabo o levou a participar nos tormentos de Mafamede, em quem tão crente estava.” É verdade isto que contaís?

Fernão Mendes – Pois se eu próprio o vi com os meus olhos...

Camões (*pegando noutras folhas e lendo*) – “E o ancião ermitão depois de estar um pouco pensativo e confuso com o que via diante, tornou a pôr os olhos no tumulto e rumor que todos fazíamos no desarrumar e despregar dos caixões; e olhando para António de Faria que neste tempo estava em pé, encostado ao montante, lhe rogou que se sentasse um pouco a par dele, o que António de Faria fez com muita cortesia e muitos cumprimentos, porém não deixou de acenar aos soldados que continuassem com o que tinham entre mãos, que era escolher a prata que se achava nos caixões, de mistura com os ossos dos finados, que também estavam

dentro, o que o ermitão sofria tão mal que duas vezes caiu esmorecido do banco em que estava sentado.” Pois também isto fizestes?

Fernão Mendes – Na ilha de Calemplui, onde assaltámos as ermidas, profanámos os túmulos dos chins e roubámos todo o ouro e prata que tinham dentro...

Camões – E os outros feitos lusitanos? Os “daqueles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando”...

Fernão Mendes – Também desses falo. Bem mais de dez capítulos dediquei ao Padre Mestre Francisco Xavier, um verdadeiro santo.

Camões – Que por acaso até nem era português!

Fernão Mendes – De outros valorosos portugueses falei. E dos outros povos falei também coisas boas e coisas ruins. Toda a moeda tem verso e reverso. E vós, na vossa epopeia, cuida que vistes mais o verso que o reverso...

Camões – Sois injusto, Fernão Mendes, também nos meus versos, falei da
“pátria que está metida
no gosto da cobiça e da rudeza
duma austera, apagada e vil tristeza.”

Fernão Mendes – Pois sim, mas logo dissestes do rei que nos meteu no buraco em que estamos, ser “senhor só de vassallos excelentes!” E chamastes-lhe também “novo temor da maura lança” e “maravilha fatal da nossa idade”. Pois ao fim e ao cabo, o que é certo é que ele bem se mostrou ser mais “fatal” do que “maravilha”, Luís Vaz!

Camões – Flores de retórica, Fernão Mendes...

Fernão Mendes – Retórica? Pois a mim, interessa-me mais a verdade que a retórica.

Camões – Estou em crer que não se estorvam. Mas cuidais que é com essas verdades que edificais as gentes?

Fernão Mendes – As gentes tanto se edificam com as grandezas como com as misérias.

Camões – Mais dilatadas por vós as misérias que as grandezas...

Fernão Mendes – Quem conta um conto acrescenta um ponto...

Camões – Quer dizer que no meio de tanta verdade alguma mentira anda à mistura...

Fernão Mendes – Isto é como a água e o vinho.

Camões – Não este, que pelo paladar e pelo efeito, não parece ser baptizado.

Fernão Mendes – Vinho de Palmela leva ao céu mesmo sem ser baptizado...

Camões - Já agora seria bem servido de mais um copo...

Fernão Mendes – Pois não seja essa a causa da falta de inspiração...

Camões – Cada vez mais rara, cada vez mais rara...

Fernão Mendes - Mas tal como entre a água e o vinho, é bem fina a fronteira entre a mentira e a verdade. E as mais das vezes sabemos a verdade porque é a mentira que a traz às costas.

Camões – E quereis vós que vos publiquem essas histórias...

Fernão Mendes – Já muitos as têm cobiçado.

Camões – Cobiça sobre o que escrevemos é o que mais há.

Fernão Mendes – Há uns anos andou por aqui João de Barros a recolher notícias para a obra que escrevia sobre o Japão...

Camões – Mas, ao que se sabe, fiou-se mais nas cartas dos irmãos da Companhia.

Fernão Mendes – Nem tudo o que escrevia era do seu agrado. Depois tive cá a cirandar um florentino, mandado por Cosme de Médicis, para saber novas do outro lado do mundo.

Camões – Eia... Que vai longe a vossa fama.

Fernão Mendes – Mais a fama que o proveito. O que arranjei com isso tudo foi ficar sem o treslado de um livro de crenças que trouxera de Bramá e do Pegu. Emprestei-lho e quando lho pedi, logo mo fez perdediço, quando sei muito bem que o levou ao Duque da Toscana que o mandou imprimir com a sua chancela.

Camões – Fernão Mendes, achais mesmo que ireis ter permissão da Real Mesa Censória para a impressão da vossa Peregrinação?

Fernão Mendes – Talvez tenhais razão. Pode ser que não. Os irmãos da Companhia já por aí andaram a farejar.

Camões – Bem sabeis que eles não toleram entradas e saídas da ordem e, pior ainda, se vêm acompanhadas de críticas...

Fernão Mendes – Nesse capítulo só escrevi verdades...

Camões – Mas, como dizíeis há pouco, quantas vezes a verdade não anda às cavalitas da mentira...

Fernão Mendes – O que está escrito, está escrito!

Camões – O que hoje se escreve com a pena, fácil é apagá-lo amanhã sem pena. Só o futuro dirá se em vossa peregrinação fizestes votos na Sagrada Companhia.

Fernão Mendes – Fiz e desfiz ao mesmo tempo.

Camões – Ora aí está: que foi o mesmo que não fazê-los.

Fernão Mendes – Até parece que fostes aqui mandado por eles!...

Camões – Não os quero como amigos nem como inimigos.

Fernão Mendes – Também tendes razões de queixa?

Camões – Então não sabeis?! Por causa daquela estrofe do último canto...

Fernão Mendes – Fostes assim tão duro?

Camões –

“E vós outros, que os nomes usurpais de mandados de Deus, como Tomé, dissei: se sois mandados, como estais sem irdes a pregar a santa Fé?”

Fernão Mendes – Só isso? Por bem pouco se amofinam.

Camões – Então imaginai quando tiverem nas mãos a vossa Peregrinação...

Fernão Mendes – Sabeis que mais? Vou deixá-la em herança às minhas filhas e elas que lhe dêem destino. Bebei mais um copo, Luís Vaz...

Camões – Já não faz o efeito que fazia. Dantes era caminho certo para a alegria...

Fernão Mendes – E agora?

Camões – Quase tudo desagua na tristeza.

Fernão Mendes – E as "doces águas e claras do Mondego, doce repouso" da vossa lembrança?

Camões – Sombras, que outras coisas não são as palavras ou os versos.

Fernão Mendes – E as memórias também.

Quando olho para o que passei só vejo sombras... e sombras de sombras...

Camões – E com este vinho de Palmela ainda ficamos mais ensombrecidos...

Fernão Mendes – A vós não vos sucede o mesmo, Luís Vaz?

Camões – O quê?

Fernão Mendes – Olhar a vida e parecer-vos
ela uma sombra...

Camões – Às vezes, mais me parecia um sonho...

Fernão Mendes – Porque a olháveis antes de a
viver... Sempre de frente.

Camões – E vós? Não era assim que a olháveis?

Fernão Mendes – Raras vezes. Não tinha tempo
de a olhar de frente. Como andava fugido, quase
sempre olhava a vida da frente para trás.

Camões – E por isso lhe chamais uma sombra?

Fernão Mendes – Pois não é uma sombra? O
que está atrás dos vossos pés? A vossa sombra...
Nunca os pés estão sozinhos que as sombras os
não acompanhem... E por vezes até os ultrapas-
sam! Mas, à medida que o tempo passa, ficam
as sombras mais desvanecidas.

Camões –

É a usura do tempo:

“O tempo acaba o ano, o mês e a hora,
a força, a arte, a manha, a fortaleza;
o tempo acaba a fama e a riqueza,
o tempo, o mesmo tempo de si chora.”

Fernão Mendes – É isso mesmo: o tempo tudo
acaba, até que se nos acaba o tempo.

Camões – Aí, tendes razão: também já sinto que é o meu tempo que se acaba...

Fernão Mendes – Pois é. E agora que já não ando fugido e posso olhar a vida de frente, já não tenho vida à frente para olhar.

Camões – E os que a vida nos podiam dar, cada vez no-la tiram mais um pouco...

Fernão Mendes – Só nos resta o passado...

Camões – Que também se hão-de encarregar de no-lo roubar.

Fernão Mendes – Que quereis dizer?

Camões – Nem o tempo que tivestes será vosso, nem são as vossas palavras aquelas que vos darão.

Fernão Mendes – Dirão que menti?

Camões – E far-vos-ão mentir ainda mais.

Como termina a vossa peregrinação?

Fernão Mendes - Escrevi o final mesmo antes de vós chegardes. (*Folheando os papéis*) Ah, aqui está: “E nisto vieram a parar os meus serviços de vinte e um anos, nos quais fui treze vezes cativo e dezasseis vendido, por causa dos desventurados sucessos que atrás, no decurso desta minha peregrinação, largamente deixo contados.”

Camões – Pois desiludi-vos. Eis como terminará o vosso livro: “Pelo que eu dou muitas graças ao Rei do Céu, que quis que por esta via se cumprisse em mim a sua divina vontade, e não me queixo dos reis da terra, pois eu não mereci mais, por meus grandes pecados.”

Fernão Mendes – Assim terminará? Como sabeis?

Camões – Pois não fostes vós que dissestes que eu via a vida para a frente?!...

Fernão Mendes – E agora deu-vos para adivinhar...

Camões – Isto é como a verdade e a mentira. Também o futuro anda sempre às costas do passado. E se bem olhardes o passado...

Fernão Mendes – Sombras, já vos disse...

Camões – Bom, meu caro Fernão, por falar em sombras, são horas de passar o Tejo para o outro lado. *(Erguendo o copo)* À vossa saúde!

Fernão Mendes – À vossa, Luís Vaz. E cuidado com as sombras...

(Sai Luís Vaz. Fernão Mendes dá umas voltas na sua sala, folheia a sua peregrinação e adormece... Ouvem-se entretanto as seguintes estrofes com a mesma música do início da cena.)

O meu sono é um porto
em que descanso...
É o cais do meu conforto
neste mar manso...
E a morte aqui tão perto
e eu tão certo
que a viagem tem o fim
dentro de mim.

Deste sono me alimento
em minha dor
e é nele que me invento
em desamor.

E a morte aqui tão perto
e eu tão certo
que a viagem tem o fim
dentro de mim.

| *(Cinco anos depois. Fernão Mendes Pinto
dormita.)*

Filha de Fernão Mendes – Senhor meu pai!
Senhor meu pai!

Fernão Mendes (*muito debilitado*) – Que foi,
minha filha, que susto!

Filha de Fernão Mendes – Está ali o Padre Gaspar Gonçalves que vos quer falar.

Fernão Mendes – Outra vez?! Mas não hei-de arranjar maneira de me deixarem em paz?

Fazei-o entrar...

(Sai a filha de Fernão Mendes, regressando depois acompanhada de um padre.)

Padre Gaspar Gonçalves – Boas tardes, senhor Fernão Mendes. Deus vos guarde...

Fernão Mendes – Boas tardes, padre! A que devo a vossa visita? Quereis saber como vai a minha Peregrinação?

Padre Gaspar Gonçalves – Trago-vos novas do Paço...

Fernão Mendes – E que novas serão essas, padre? De um rei intruso...

Padre Gaspar Gonçalves – O que os reis naturais vos não concederam, concedeu-vos esse rei intruso!

Fernão Mendes – A tença!

Padre Gaspar Gonçalves – Eis a determinação de el-Rei Filipe: “Havendo eu respeito aos serviços que Fernão Mendes Pinto, morador na vila

de Almada, tem feitos nas partes da Índia, e por lhe fazer mercê, hei por bem e me apraz que ele tenha e haja de minha fazenda, do primeiro dia do mês de Janeiro deste ano presente de 1583 em diante, dois moios de trigo de tença cada ano em dias da sua vida, os quais lhe serão pagos no almoxarifado da dita vila de Almada.”

Fernão Mendes – Dois moios de trigo por ano?...

Padre Gaspar Gonçalves – Dois moios de trigo por ano.

Fernão Mendes – Cada ano em dias da minha vida?...

Padre Gaspar Gonçalves – Cada ano em dias da vossa vida.

Fernão Mendes – Antes tarde que nunca, Padre Gaspar...

Padre Gaspar Gonçalves – A Divina Providência lá sabe dos seus caminhos...

Fernão Mendes – Pois os meus deve-os ter trocado bastas vezes...

Padre Gaspar Gonçalves – Ou fostes vós que os tentastes trocar à Divina Providência...

Fernão Mendes –Ide com Deus, Padre Gaspar,
que nem o primeiro moio vou ter vida para
comer....

(Sai o Padre Gaspar Gonçalves, Fernão Mendes bebe mais um copo de vinho e deixa cair a cabeça sobre a mesa. Ouvem-se, ainda com a mesma música, duas estrofes.)

Deste sono me alimento
em minha dor
e é nele que me invento
em desamor.
E a morte aqui tão perto
e eu tão certo
que a viagem tem o fim
dentro de mim.

Neste sono me despeço
do mar que amei
E só a ele confesso
o que passei.
E a morte aqui tão perto
e eu tão certo
que a viagem tem o fim
dentro de mim.

(Página deixada propositadamente em branco)

coleção
dramaturgo

Fernão Mendes Pinto
500



I
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

